

**Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes**

LEANDRO FERRAZ

**O RIDÍCULO ENTRE O SAGRADO E O PROFANO:
A Comicidade e o Riso nos Festejos Religiosos da
Boa Vista do Padre João**

**São Paulo - SP
2019**

LEANDRO FERRAZ

O RIDÍCULO ENTRE O SAGRADO E O PROFANO:
A Comicidade e o Riso nos Festejos Religiosos da
Boa Vista do Padre João

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como exigência parcial para obtenção do grau de Doutor em Artes.

Área de concentração: Artes Cênicas

Orientador: Prof. Dr. Mário Fernando Bolognesi

São Paulo - SP
2019

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da
UNESP

F381r	Ferraz, Leandro, 1976- O ridículo entre o sagrado e o profano : a comicidade e o riso nos festejos religiosos da Boa Vista do Padre João / Leandro Ferraz. - São Paulo, 2019. 184 f. : il. Orientador: Prof. Dr. Mario Fernando Bolognesi Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Arte e religião. 2. Teatro amador. 3. Festas religiosas - Igreja Católica. 4. Cômico. I. Bolognesi, Mario Fernando. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. IV. Título. CDD 792.0981
-------	--

(Laura Mariane de Andrade - CRB 8/8666)

LEANDRO FERRAZ

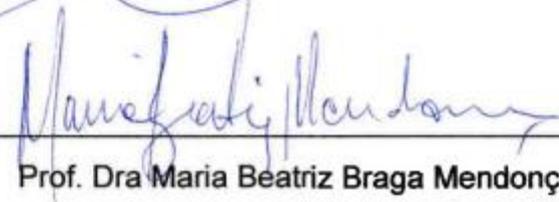
**O RIDÍCULO ENTRE O SAGRADO E O PROFANO:
A Comicidade e o Riso nos Festejos Religiosos da
Boa Vista do Padre João**

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Artes no Curso de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – Unesp, com a Área de concentração em Artes cênicas, pela seguinte banca examinadora:

Aprovado em: 04/02/2019.



Prof. Dr Mário Fernando Bolognesi, UNESP – Orientador



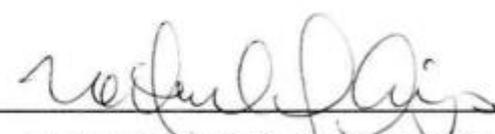
Prof. Dra Maria Beatriz Braga Mendonça, UFMG



Prof. Dr Antônio Teixeira de Macedo Neto, ABAÇAÍ - Cultura e Arte



Prof. Dra Karylleila dos Santos Andrade Klinger, UFT



Prof. Dr Nataniel da Vera-Cruz Gonçalves Araújo, UFT

DEDICATÓRIA

Aos meus amores, Fabricia, João Batista e José Pedro, que dedicaram amor e atenção a mim, dedico este estudo com muita alegria e riso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UNESP e à UFT pelo convênio Dinter, à CAPES pelo apoio e financiamento do curso (O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001);

Em especial, ao Dr Mário Fernando Bolognesi, por me orientar e deixar o caminho mais seguro e tranquilo.

*Tenho duas armas para lutar contra
o desespero, a tristeza e até a morte:
o riso a cavalo e o galope do sonho.
É com isso que enfrento essa dura e fascinante
tarefa de viver.*
(Ariano Suassuna)

FERRAZ, Leandro. O Ridículo entre o Sagrado e o Profano: A comicidade e o Riso nos Festejos Religiosos da Boa Vista do Padre João [tese]. São Paulo: Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; 2019.

RESUMO

Este estudo, cujo objeto tange à “Comicidade e o Riso”, se entrelaça na Formação Humana e na Cultura Cômica Popular. Desta forma, constitui uma temática relacionada à “A comicidade e o Riso nos Festejos Religiosos da Boa Vista do Padre João - o lugar da condição de “ridículo” entre o sagrado e o profano”. O objetivo geral da pesquisa foi analisar quais e como os recursos cômicos constituem o imaginário e a produção de sentidos dos devotos nestes festejos. A produção dos dados ocorreu através de observações participantes e de diálogos durante as Festas de celebração dos santos católicos. A tese defendida é a de que nas relações humanas os comportamentos, que permeiam o ambiente religioso no confronto entre as linguagens sacras e as profanas, são atravessados pela comicidade e pelo riso trazendo a condição de ridículo dos devotos como um acalentador do estranhamento entre as partes. Assim, parte do ponto anterior das encenações e da teatralização da cultura popular religiosa e seus personagens cômicos e artísticos. Este trabalho buscou aprofundar entendimentos quanto à formação humana dos cômicos, que aqui tratarei por ridículos. Enquanto os demais trabalhos esmiúçam o espaço e as ações da festividade e da produção artística envolvidas neste contexto, esta tese buscou estabelecer uma análise em um território um tanto quanto esquecido pelas pesquisas, ou seja, a comicidade, o riso e os cômicos no cotidiano das vidas comuns de sujeitos, ainda, não artistas, ou seja, o processo humano de formação do cômico. Então, as narrativas dos sujeitos desta pesquisa trouxeram a condição de ridículo de cada devoto, que se insere no espaço sagrado sem causar perturbações, abrandando, desta forma as incursões do profano neste ambiente. O riso parece fazer parte do ambiente, mesmo que muitos o negam, outros renegam e tantos outros o repudiam, mas se deixam envolver e se entregam ao risível. Portanto, o ridículo marca o seu lugar entre o sagrado e o profano.

PALAVRAS-CHAVES: Comicidade. Festejos. Profano. Ridículo. Sagrado.

FERRAZ, Leandro. The Ridiculous between the Sacred and the Profane: The Comedy and Laughter in the Religious Celebrations of Boa Vista by Priest João [thesis]. São Paulo: Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"; 2019.

ABSTRACT

This study, whose object refers to "Comedy and Laughter", is intertwined in the Human Formation and the Popular Comic Culture. In this way, it is a theme related to "Comedy and Laughter in the Religious Festivals of Boa Vista of Father João - the place of the" ridiculous "condition between the sacred and the profane. The general objective of the research was to analyze which and how the comic resources constitute the imaginary and the production of senses of the devotees in these celebrations. The production of the data took place through participant observations and dialogues during the celebration feasts of the catholic saints. The thesis defended is that in human relations the behaviors that permeate the religious environment in the confrontation between the sacred and the profane languages are crossed by comedy and laughter bringing the ridiculous condition of the devotees as a cherishing of the estrangement between the parties. Thus, part of the previous point of the staging and theatricalisation of popular religious culture and its comic and artistic characters. This work sought to deepen understandings as to the human formation of comics, which I will treat here as ridiculous. While the other works clarify the space and the actions of the festival and the artistic production involved in this context, this thesis sought to establish an analysis in a territory somewhat forgotten by the researches, that is, comedy, laughter and comics in the daily life of ordinary lives of subjects, still, not artists, that is, the human process of formation of the comic. Then the narratives of the subjects of this research brought the ridiculous condition of each devotee, who enters the sacred space without disturbing, thus slowing down the incursions of the profane in this environment. Laughter seems to be part of the environment, even though many deny it, others deny it, and so many others disown it, but they get involved and give themselves up to laughable. So, ridicule marks its place between the sacred and the profane.

KEYWORDS: Comicidad. Celebrations. Profane. Ridiculous. Sacred.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Minha Primeira Comunhão na Igreja Católica	15
Imagem 2 – Velório do padre João de Sousa Lima	28
Imagem 3 – Cartaz do Documentário “Padre João da Boa Vista”, de Hélio Brito	30
Imagem 4 – Padre João de Sousa Lima, Cônego João Lima	31
Imagem 5 – Região do Bico do Papagaio, norte do Tocantins	32
Imagem 6 – Rio Tocantins, orla de Tocantinópolis	33
Imagem 7 - Quebradeiras de coco babaçu	34
Imagem 8 – Apinajés	35
Imagem 9 - Igreja matriz da paróquia Nossa Senhora da Consolação	35
Imagem 10 - Rio Tocantins, divisa entre Tocantins e Maranhão	36
Imagem 11 – Fragmento de Cartaz convite para Festejo Religioso pregado na parede de uma igreja local	46
Imagem 12 – Chegada do Divino Espírito Santo	49
Imagem 13 – Festejo de Santa Ana, altar da igreja	50
Imagem 14 – Festa de Santo Antônio	50
Imagem 15 – Festejo de São João Batista, ornamentação	51
Imagem 16 – Festejo de Santos Reis, encenação	52
Imagem 17 – Festejo em honra a Imaculada Conceição, vista da entrada da igreja	53
Imagem 18 – Vista do local de manifestações religiosas da Umbanda, em frente à Igreja de Nossa Senhora da Conceição	54
Imagem 19 – Capela São Francisco de Assis, zona rural	55
Imagem 20 – Hotxuá, o palhaço Krahô	81
Imagem 21 – Caretas	82

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	13
2	INTRODUÇÃO	17
2.1	Desfecho da Introdução	23
2.2	Conto Introdutório: O Ridículo em Monte do Carmo	25
2.2.1	<i>Desfecho</i>	28
3	REFERENCIAL TEÓRICO	28
3.1	O padre João e a Boa Vista do Padre João	28
3.2	Profano e Sagrado	37
3.3	Festas dos Santos Católicos na Boa Vista do Padre João	45
3.4	Comicidade, Riso e o Ridículo	56
3.4.1	<i>Deus, diabo e o riso</i>	56
3.4.2	<i>O ridículo, a comicidade e o riso</i>	64
3.4.3	<i>O cômico/palhaço de cada um</i>	76
4	CAMINHO METODOLÓGICO	86
4.1	Método: Características, Técnicas e Instrumentos	86
4.2	Procedimentos: Critérios e Questões Éticas	88
4.3	Análise dos dados	90
5	CONTOS DA BOA VISTA DO PADRE JOÃO	91
5.1	Preliminares	91
5.2	O Conto do Vigário	92
5.3	O Conto do ““coroné”” Ridículo	95
5.4	O Conto da Boa Vista do Padre João	98
5.5	O Conto da Boa Vista da Fé do Tocantins	100
5.6	Desfecho	102
6	CONTOS DA FESTA DA FÉ NA BOA VISTA “DO RISO”	104
6.1	Preliminares	104
6.2	O Conto do Culto ao Ridículo como Espetáculo da Fé	105
6.3	O Conto do Culto ao Ridículo como Espetáculo da Fé - Parte 2: Uma Questão de Gosto	108
6.4	O Conto da Fé como Exibição	109
6.5	O Conto do Corpo que fala e das Falas do Corpo	112

6.6	Conto das Vidas e dos Sentidos da Vida	114
6.7	O Conto das Vidas e dos Sentidos da Vida - Parte 2: O Paquerador	117
6.8	Desfecho	119
7	CONTOS DO RÍDICULO DIALOGANDO COM O SAGRADO E O PROFANO	120
7.1	Preliminares	120
7.2	O Conto do Riso e da Alegria	121
7.3	O Conto do Padre Ridículo	125
7.4	O Conto dos Arteiros da Fé	127
7.5	O Conto da Carnavalização da Fé	130
7.6	O Conto das Oferendas	132
7.7	O Conto do Choro e do Riso	132
7.8	O Riso Vai a Igreja: Um Gole Pro Santo	138
7.9	Um Conto Muito Incomodativo	141
7.10	O Conto do Bufão	143
7.11	O Conto das Assanhadinhas do Mastro	145
7.12	Desfecho	147
8	CONTOS DAS MANCADAS	149
8.1	Preliminares	149
8.2	Os Humilhados serão Exaltados	149
8.3	O Conto do Machão	152
8.4	O Conto da Peia	154
8.5	Desfecho	155
9.1	CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
	Conto da Cripta: Entre deus e o diabo	162
	REFERÊNCIAS	165
	APÊNDICE	173

1 APRESENTAÇÃO

Tarefa difícil é se apresentar, mas uma apresentação é indispensável para entender melhor o olhar do pesquisador sobre o seu objeto de estudo, sobre os problemas levantados para a pesquisa. Não basta só dizer o nome, onde mora e o que pretende; é preciso apresentar os caminhos percorridos para chegar até aqui. Por isso, o poema de Manoel de Barros representa estes caminhos que percorri, e assim ele sugere:

Sou um sujeito cheio de recantos.
Os desvãos me constam.
Tem hora leio avencas.
Tem hora, Proust.
Ouço aves e beethovens.
Gosto de bola-sete e Charles Chaplin.

O dia vai morrer aberto em mim.
(BARROS, 1996, p. 45)

Do berço ao mundo, pelos braços da mãe implicante e de ar debochado pendurei-me pela orelha a ver o mundo. O riso sempre fez parte da minha vida, mesmo que escondido em um semblante sisudo, do lado irônico de minha mãe aos cânticos e paródias ousadas e alegres de meu pai. Pela orelha fui educado, pelo menos acredito que sim, nas rédeas curtas maternas. Mas, ao som poético com a voz grave paterna com palavras de alegria sempre busquei construir o melhor caminho. Sempre pela alegria! Sorriso é meu nome, risada meu sobrenome, gargalhada é a minha alma.

Talvez, nunca deixei de ser criança. Talvez, nunca precisei buscar aquilo que sempre esteve presente em mim. O “arteiro” sempre esteve em mim e aflorado, então, sempre soube trabalhar com meu lado ridículo. Sou um arteiro nato.

Desde o período de formação docente na graduação em Educação Física, no interior do Rio Grande do Sul, exatamente na Universidade Federal de Santa Maria, percebi a importância da alegria no contexto da aprendizagem. Aulas maçantes, professores irritados e irritantes, impositores e desmotivantes, com tempo limitado e sufocante, em um espaço deprimente em contraste com professores emotivos, sensíveis, inquietantes, estimuladores, em aulas divertidas e promissoras, com tempo que voa nos ares das graças e do riso, na sensação de bem-estar, do querer fazer melhor, do querer saber, em um espaço agradável e que deixava e deixa saudades.

Dos fardos que foram carregados até as asas que foram estimuladas a serem desenvolvidas “me jogo” para uma concepção pedagógica-didática de que o ensino pode ser um espaço agradável em um tempo inquietante, pela arte do riso e da alegria. Na arte, nas suas veias pulsantes de criatividade, de prazer, de vontades e de renovação, é que toma sentido uma abordagem de como ensinar sem machucar e aprender sem se machucar.

Ao recordar momentos sublimes da formação, remeto-me ao curso de Comicidade Circense proposto por um palhaço argentino, cujo nome se perdeu na memória, há quase duas décadas na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Momento único de perceber que havia um palhaço, um clown, enfim, um cômico, algo de ridículo “dentro de mim”.

A intenção deste estudo não é descrever o que é um palhaço, um clown, um humorista, um comediante, um cômico, se há diferenças entre eles, se alguns pensadores tratam como único, mas com inserções diferentes; nem historiar cada um deles, nem os classificar. Para tanto, tomo a liberdade de categorizar todos como “ridículos”. Especialmente, com intuito de provocar, pois a intenção deste estudo é captar a condição de ridículo dos envolvidos.

Este lado ridículo que cada um tem, não se sabe se é um lado externo, interno, se está acima, abaixo, mas se sabe que há, faz parte da essência de cada um. Este lado, ou talvez um lugar em nós, que para muitos é um escape, um esconderijo, uma fuga, para outros a libertação, um lugar de catarse, fez sentir, rever e ressignificar com sensibilidade o ato de ensinar a partir do aprender. Aprender com alegria! Tanto que, hoje me considero um “ensinante-arteiro”, termo este que amadureceu depois de anos como um “professor ridículo”.

Foi preciso transver o ensino e a aprendizagem com a arte do riso, a comicidade. Na vida acadêmica como ensinante não poderia ser diferente, mas se tornou diferente do que está imposto tradicionalmente. Então, percebo que uma nova abordagem didática seria possível e, que melhor ainda, outros ensinantes usufruem desta, mesmo que de forma implícita.

Neste momento, saio do ambiente de ensino “tradicional” e me desloco ao ambiente cultural, de cunho religioso, para provocar mais uma vez. Não para

desfazer das “coisas” sagradas, mas para trazer uma nova possibilidade de ver que o mundo é mais do que aquilo que estou acostumado a ver e sentir.

Remeto-me, então, a minha infância e adolescência, período este que me traz lembranças doloridas e outras adocicadas. Doloridas como as obrigações das aulas de catequese, das missas cansativas, maçantes, quase que demoníacas. Adocicadas pela forma que meu saudoso pai fazia para deixar o ambiente de culto tedioso em um lugar de leveza; leveza pela “graça” do riso.

Meu pai, João Batista, sempre foi um senhor integro, sério, mas com uma pitada de paródia. A cada canto religioso um trejeito e um sorriso, a cada sermão do padre um conforto pelo toque lúdico das suas mãos. Assim, busco no passado vivenciado a base para construção desta tese.

Imagem 1 – Minha Primeira Comunhão na Igreja Católica.



Fonte: acervo pessoal.

A imagem acima, da adolescência, diz muito do que fui e ainda sou. Corpo torto, peito escavado, cara de coitado e pedinte, com pés enormes e canelas finas

como varetas, roupa extravagante, calças com barra curta e de número maior, camiseta com tamanho desproporcional, cabelo desarrumado, um jeito peculiar todo ridículo de ser fotografado e um caminhar desajeitado, quase um rebolado. Um verdadeiro palhaço, eu! Mas, como diria Propp “O rosto humano pode ser cômico de muitas maneiras. Os olhos não podem ser ridículos – eles são o espelho da alma.” (1992, p. 52)

Assim segui nas aulas de catequese com momentos alegres, mas impositivos e quando as aulas não se tornavam leves, por força da obediência religiosa eu tornava tudo mais alegre, mesmo sendo um menino tímido e desajeitado. O momento da comunhão, triste, pesado e doloroso ficou marcado e eternizado em fotografia.

Nada disso tirou a minha alegria e a minha fé, não me refiro em religiosidade, e sim em espiritualidade. E acredito que a condição de ridículo, em assumir e aceitar o que sou fortaleceu o meu entendimento de que a vida é algo mais precioso do que imaginava. Que viver é uma arte!

Agora, já adulto, a fibromialgia, popularmente conhecida por reumatismo, me assola. Me consome! Com peito escavado, barrigudo, careca por causa das feridas de uma interminável foliculite, problemas articulares nos joelhos e tornozelos me caracterizam e me ressignificam, mas o ridículo permanece em mim. Talvez, me transformando em grotesco de vez... ou em um bufão. Talvez seja o estado terminal da minha metamorfose. As dores me ressignificam como ser; reclamo, resmungo, faço caretas e o povo ri.

O ridículo me toma desde criança, então aprendi desde cedo a ser resiliente, não em aceitar, mas a passar por cima da má educação e do preconceito dos outros. Entre o sagrado e o profano, me encontrei no ridículo, como ridículo.

2 INTRODUÇÃO

Este estudo se insere na linha de pesquisa do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Artes da UNESP, campus de São Paulo, Instituto de Artes, “Estética e poéticas cênicas”, a qual trata dos estudos de expressões cênicas e processos criativos contemporâneos em seus aspectos históricos, teóricos e práticos.

O objeto de estudo desta pesquisa tange à “Comicidade e o Riso nos Festejos Religiosos”, se entrelaçando na Formação Humana e na Cultura Cômica Popular. Constitui, desta forma, uma temática relacionada a “A comicidade e o Riso nos Festejos Religiosos da Boa Vista do Padre João; o lugar¹ da condição de “ridículo” entre o sagrado e o profano.

O presente estudo delimita-se na comicidade e nos aspectos do cômico, do irreverente, enfim, do ridículo referente ao contexto dos cultos festivos e religiosos da região situada ao norte do estado do Tocantins, denominada de Bico do Papagaio, em particular a cidade de Tocantinópolis, também conhecida como Boa Vista do Padre João, e é assim que será tratada no decorrer do texto.

Neste sentido, a pesquisa tem como problemática: quais e como os recursos cômicos constituem o imaginário e a produção de sentidos, dos devotos dos Festejos Religiosos da Boa Vista do Padre João, através da condição de ridículo? Espero traçar um rascunho das produções de sentidos dos aspectos cômicos que constituem as ações dos devotos, e que contrastam a condição de ridículo num ambiente que evolve o sacro e o profano.

Desta forma, esta pesquisa parte de uma reflexão das percepções observadas e construídas em uma viagem a cidade de Monte do Carmo, interior do estado do Tocantins. Viagem esta que teve como propósito estudar, conhecer, se envolver com as questões simbólicas e significantes que permeiam a religião, os costumes, a arte, as tradições, a fé e os símbolos dos festejos naquela região.

¹ Neste estudo tomarei a ideia de Yi Fu Tuan sobre “Espaço e lugar”, o qual diz que estes termos indicam experiências comuns, sendo que lugar é tido como segurança e espaço a liberdade. Neste sentido, o indivíduo se liga ao lugar e deseja o espaço. Lugar, então, é o centro que se atribui valores e onde se vive (no caso da existência) e se vivencia (a experiência). Assim, a medida que conhecemos e construímos valores no espaço, o transformamos em lugar. Ver TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

O ridículo permeando, impregnando e atravessando os Festejos de Monte do Carmo. Máscaras que escondem rostos, mas que transparecem a essência do ridículo, da comicidade, da alegria, do fazer o outro se envolver pela arte do riso. Máscaras que transbordam da alma o ridículo que há em cada um de nós. Assim, foi a descoberta dos “personagens” Caretas, os quais se vestiam de ridículo e usavam máscaras para “assustar”, entreter e divertir os devotos do Divino de maneira alegre, cômica, lúdica e despojada.

Surge, então, a ideia questionadora sobre o lado cômico/ridículo que se envolve e envolve o sagrado e o profano das ações dos devotos nos festejos religiosos na região do Bico do Papagaio, em especial, a cidade de Tocantinópolis (Boa Vista do Padre João). Os jeitos, trejeitos, as vestimentas, as danças e os costumes que se apresentam aos brincantes devotos dos santos da igreja católica, e que são comemorados e cultuados dão ênfase a este estudo.

Estudos em geral propõem uma melhor compreensão dos aspectos profanos que envolvem os festejos religiosos, outros descrevem as possibilidades de atravessamentos entre o sacro e o profano, o cristão e o pagão, deus e o diabo. A literatura fornece parâmetros sobre a comicidade e o riso envolvidos, inseridos, ligados nas festas de comemoração religiosa. Porém, a proposta deste estudo foi analisar o contexto social e cultural destes festejos com aspectos sacros e profanos, enfatizando a condição cômica, risível, de ridículo, de extravagante de cada sujeito participante como devoto, ou seja, uma “pessoa comum” fora da programação cênica.

Para além da comicidade, há a condição de ridículo dos devotos dos festejos que faz a coesão entre o sacro e o profano. Coesão essa, não de unir, mas de acomodar-se, de fazer uma conexão sem ligação fixa, mas que amenize os estranhamentos. O ridículo de cada devoto estabelece um pacto de lealdade entre o sacro e o profano, fazendo com que os ritos e cultos se tornem complementos e não corruptores dos símbolos e dos significados das ações, dos sentidos e do imaginário de cada devoto religioso.

Não são só a Folia de Reis e as Festas Juninas que trazem a comicidade entranhadas nas suas tradições. Os demais festejos, também, se deixam envolver pelo cômico e pelo lúdico, pois são características natas do ser humano. Na Folia de

Reis e nos Festejos dos Santos comemorados em junho, dezembro e janeiro tanto a comicidade quanto o riso se instalaram na programação. Nos demais festejos religiosos católicos continuam subentendidos, mas estão lá, fazem parte como histórias não-oficiais. Talvez, ainda, marginalizados aos olhares do sagrado e acalentadores aos passos do profano.

Através da condição de ridículo dos devotos e dos participantes, analisar quais e como os recursos cômicos constituem o imaginário e a produção de sentidos dos/nos Festejos Religiosos da região da Boa Vista do Padre João, é o objetivo principal deste estudo. Pois, a tese defendida é a de que nas relações humanas os comportamentos, que permeiam o ambiente religioso no confronto entre as linguagens sacras e as profanas, são atravessados pela comicidade e pelo riso trazendo a condição de ridículo dos devotos como um acalentador do estranhamento entre as partes.

Portanto, este estudo objetiva especificamente: - observar o extravagante/ridículo nos participantes das celebrações; - delinear as produções de sentidos dos aspectos cômicos que constituem as ações dos devotos; - verificar os recursos cômicos inseridos nos Festejos religiosos da Boa Vista do Padre João; - analisar o imaginário social nas Festas religiosas da Boa Vista do Padre João.

Para isso, o ridículo não é a condição risível que está só no profano, nem só no sagrado, e sim, a condição ridícula de propor o riso ao/com outro, fazendo o outro rir e/ou rir com o outro. O ridículo pode ser profano ou pode ser sagrado, mas essa não é a questão da tese. Então, o ridículo que trato nesta pesquisa é uma terceira possibilidade, ou seja, aquele que se torna um meio de acalento entre o sagrado e o profano, quando ele deixa de ser somente profano e de ser somente sacro e se torna apenas o ridículo, lugar onde não há estranhamentos e o riso é livre e leve, não necessariamente “puro”. Este trabalho aborda o riso, mas o ponto central é a condição de ridículo, ou seja, aquele ou aquilo que promove o riso sem descaracterizar as questões profanas e/ou as sagradas.²

² Com base em Bakhtin (2010), de que o grotesco, neste caso o ridículo, é algo inseparável da cultura cômica popular e da visão carnavalesca do mundo, sendo que estão, também, inseridos nas celebrações religiosas católicas, e o riso como transgressor; em Propp (1992) e o riso como zombaria; e em Bergson (2004) e o riso como trote social, com significado e alcance social, coletivo e cultural. A comicidade e o riso de alguém, com alguém, para alguém e a condição de rir e fazer o outro rir independente do ambiente.

Este estudo traz abordagem no sentido da formação inicial do cômico a partir da percepção do ridículo de cada um e, antes disso, faz uma análise da condição de ridículo, de cômico, de sujeitos não artistas, mas que possam a ser comediantes, futuramente. No entanto, a responsabilidade social desta tese é mostrar a complexidade do riso e da condição risível das pessoas comuns e do cotidiano em um ambiente construído socialmente para ser “puro”. Espero com este estudo que o riso seja aceito como parte de nós, e que a comicidade seja um meio de purificar o que a espiritualidade não conseguiu, muito menos a religião.

Muito se fala sobre a hegemonia cultural e intelectual, sobre as intolerâncias, os preconceitos e as opressões. Porém, no meio acadêmico há muito preconceito e intolerância nas formas diversificadas de pesquisa, de escrita e de olhares diferentes sobre um tema. Percebo que há uma troca de hegemonia na academia, que tenta combater o mundo externo, mas no espaço acadêmico se impõe, mesmo com discursos que pregam o contrário. Por isso, proponho com este trabalho uma fuga daquilo que está imposto, tanto na forma de pesquisar, quanto na forma de escrita e no olhar sobre o objeto de estudo.

Enfim, este estudo está disposto em pequenos textos, o que intitulei de contos, na forma de narrativas em primeira pessoa. Na tentativa de preservar as falas originais (transcrição literal (ipsis litteris)) e as observações peculiares ao contexto nos textos, esta forma de escrita tenta trazer um entendimento sobre as questões que envolvem o enredo da pesquisa, sem descaracterizar e contextualizando o imaginário do leitor. Para isto, as falas dos personagens estão grifadas em negrito para diferenciar das falas do narrador.

Na forma de conto, como se fossem fictícios, mas, são histórias não oficiais que se entrelaçam no enredo e na programação dos festejos. Tudo que se passa nos pequenos textos, a seguir, fica subentendido, mascarado, mas está ali, não dói, não incomoda, apenas absorve e se absorve no momento. Se não fosse verídico, seria um conto.

Parece um conto, mas é a verdade das pessoas ou pelo menos está nas lembranças do povo. Faz de conta que é um conto para animar as palavras a cantar a melodia da história e nos encantar com as memórias.

O trabalho traz dados factuais em uma trama fictícia de personagens e locais recriados, ou seja, pseudônimos, a partir de sujeitos reais em lugares reais e fatos reais. Assim, esta pesquisa preserva a identidade dos “atores da vida real” e dos locais, porém conservando a realidade dos fatos e suas riquezas peculiares. A produção dos dados da pesquisa de cunho antropológico se deu a partir da análise de conteúdo de vídeos e anotações de campo em uma observação participante e de vídeos gravados por devotos, cedidos para este estudo. Os sujeitos abordados em seus contextos sociais e culturais específicos foram tomados por uma seleção pontual, mas não intencional, através da percepção cômica do sujeito e do fato/situação. Portanto, para preservar a espontaneidade das cenas, das produções de sentidos e imaginário de cada sujeito, além das ações realizadas por estes, levei em consideração o respeito pelo momento e pelas particularidades de cada sujeito, local e fato, o que é característico na/da comicidade e no riso.

As falas dos sujeitos, respectivamente dos personagens, foram descobertas da análise do conteúdo dos vídeos. Algumas destas falas foram instigadas, de acordo com o propósito, o momento e o direcionamento que o pesquisador queria chegar. Outras falas apropriadas foram colhidas no seu contexto espontâneo.

Portanto, iniciarei com o primeiro conto (**Conto Introdutório**), o qual traz a base para a justificativa do direcionamento desta pesquisa e seu ambiente de produção dos dados. E este segue como parte da Introdução, para efeito didático do que virá nos capítulos seguintes.

As leituras aqui expressas em citações, discussões e referências são produções de dados bibliográficos de uma formação, não só neste doutorado, mas em uma vida acadêmica e pessoal. A constituição dos capítulos desta tese ocorreu depois de ter construído todos os contos. As narrativas foram aglutinadas em torno de ideias similares para facilitar o entendimento.

O trabalho inicia com a parte de **REFERENCIAL TEÓRICO**, na qual tomo base na literatura para conceituar e aprofundar ideias sobre a temática Comicidade e Riso, sobre as questões históricas, culturais e sociais da região pesquisada e do padre João de Sousa Lima, além das questões que envolvem o sagrado e o profano e as celebrações dos santos da Igreja Católica. Em seguida, na parte **CAMINHO**

METODOLÓGICO exponho os processos, procedimentos, métodos, instrumentos, técnicas e características da pesquisa realizada.

Em **A BOA VISTA DO PADRE JOÃO** abordo o local, a cultura, a construção, as pessoas, em especial, ao padre João de Sousa Lima, um símbolo político e religioso para este povo. Esta parte do trabalho segue com o propósito de localizar o tempo, o espaço, os lugares, os sujeitos que envolvem a região. Este capítulo é composto por quatro Contos que localizam e descrevem o local e os sujeitos/personagens, sendo: O Conto do Vigário; O Conto do “coroné” Ridículo; O Conto da Boa Vista do Padre João e O Conto da Boa Vista da Fé do Tocantins.

Em **FESTANÇA DA FÉ NA BOA VISTA DO RISO**, abordo a religiosidade, a cultura popular e seus festejos de celebração aos santos católicos. Este capítulo é constituído de seis pequenas narrativas, que se entrelaçam em torno das questões religiosas e a cultura cômica popular nos festejos da igreja católica. São elas: O Conto do Culto ao Ridículo como Espetáculo da Fé; O Conto do Culto ao Ridículo como Espetáculo da Fé - Parte 2: Uma Questão de Gosto; O Conto da Fé como Exibição; O Conto do Corpo que Fala e das Falas do Corpo; O Conto das Vidas e dos Sentidos da Vida - Parte 2: O Paquerador e O Conto das Vidas e dos Sentidos da Vida.

O RÍDICULO DIALOGANDO COM O SAGRADO E O PROFANO traz proposições de confirmação da tese de que a condição de ridículo, através da comicidade, através da provocação cômica e do riso, de cada devoto, se envolve no contexto religioso. O referido capítulo é constituído de dez pequenas narrativas: O Conto do Riso e da Alegria; O Conto do Padre Ridículo; O Conto Dos Artesãos da Fé; O Conto da Carnavalização da Fé; O Conto das Oferendas; O Conto do Choro e do Riso; O Riso Vai a Igreja: Um Gole pro Santo; Um Conto Muito Incomodativo; O Conto do Bufão e O Conto das Assanhadinhas do Mastro.

No capítulo **MANCADAS**, composto por três contos, abordarei questões pessoais de intervenções pontuais durante a pesquisa nos festejos religiosos de Boa Vista do Padre João. As seguintes narrativas compõem este capítulo: Os Humilhados serão Exaltados; O Conto do Machão e O Conto da Peia. Esses contos trazem a condição de ridículo do pesquisador durante as participações nas celebrações religiosas.

Na parte das **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, oferto o conto Na Cripta: Entre deus e o diabo, *que* será composto por narrativas fictícias. Um diálogo entre o pesquisador, e o que foi produzido durante a pesquisa, e “alguém” imaginário.

Os contos aqui contidos expressam pontuações de fatos cômicos. Não posso generalizar que em todos os festejos ocorrem momentos de comicidade a todo tempo, mas, posso afirmar que a comicidade e o riso fazem parte dos contextos religiosos. A condição de ridículo é algo recorrente, faz parte do cotidiano das pessoas. O propósito da escrita deste trabalho é, também, produzir arte, mesmo no âmbito de pesquisa científica/acadêmica. Pois, acredito em uma ciência mais humana e sociocultural em sua complexidade. Então, me permito propor uma leitura lúdica do texto.

2.1 Desfecho da Introdução

Há muitos estudos sobre a comicidade e o riso no espaço sagrado e as coisas profanas, a respeito da cultura cômica popular, sobre a teatralização nos festejos religiosos e sobre os brincantes, palhaços ou cômicos, as máscaras e os ritos nas festas que celebram os santos da igreja católica no Brasil. Cito alguns autores, sem uma cronologia histórica nem ordem de importância, como: Hermilo Borba Filho³, Daniel Bitter, Edval Marinho de Araújo⁴ e, em especial, Oswald Barroso dentre tantos que aprofundam o debate sobre esta temática.

Porém, esta tese parte do ponto anterior das encenações e da teatralização da cultura popular religiosa e seus personagens cômicos e artísticos. Este trabalho busca aprofundar entendimentos quanto a formação humana dos cômicos, que aqui tratarei por ridículos, como provocação. Enquanto os demais trabalhos esmiúçam o espaço e as ações da festividade e da produção artística envolvidas neste contexto, esta tese busca estabelecer uma análise em um território um tanto quanto esquecido

³ Ver NÓBREGA, Geralda Medeiros. **Hermilo Borba Filho: memórias de resistência e resistência da História**. Campina Grande: Eduepb, 2015.

⁴ Ver ARAÚJO, Edval Marinho de. O folguedo como veículo de comunicação rural: Estudo sobre um grupo de cavalo marinho. Recife: UFRPE, **Dissertação de mestrado**, 1984.

pelas pesquisas, ou seja, a comicidade, o riso e os cômicos no cotidiano das vidas comuns de sujeitos, ainda, não artistas. O processo humano de formação do cômico.

Antes de constituir os personagens Caretas da Folia de Reis há sujeitos que precisam buscar dentro de si a sua própria comicidade para constituir os seus personagens; antes dos caipiras e personagens engraçadas das festa juninas há um processo de criação de cena e de personagem através da comicidade de cada um; antes das dramatizações e intervenções de cômicos nos festejos religiosos há uma condição de ridículo que é forjada nos moldes particulares de cada sujeito em suas vidas comuns e rotineiras.

O intuito do trabalho não é aprofundar o debate conceitual de comicidade, de cômico e de ridículo. Mas, para estabelecer um ponto de partida, a ideia de comicidade que tomarei é uma qualidade particular do cômico, neste caso o ridículo, em produzir o riso de/em/com o outro. E ridículo é o sujeito que, envolvido na condição de risível, provoca o riso, ou seja, é o agente da comicidade. Entendo que o ridículo, assim como o riso são relativos e não absolutos, então, o ridículo depende do outro, da percepção risível do outro, bem como o outro depende da provocação daquilo que venha a ser ridículo. Já a condição de ridículo é o entendimento daquilo que lhe pertence e que provoca riso no outro sem descaracterizar em si a sua identidade, ou melhor, a compreensão resiliente do riso do outro.

Tomo como base de estudo e referência conceitual os trabalhos e obras de Vladimir Propp, Henri Bergson, Mikhail Bakhtin e, em especial, Mário Fernando Bolognesi em relação à comicidade, o cômico e o riso. E nas obras literárias, pois o trabalho desenvolve a escrita na forma de contos, de Ariano Suassuna, com *O Auto da Compadecida*, Fiódor Dostoiévski, com *As Duas Narrativas* e João Guimarães Rosa, com *Grande Sertão: Veredas*, para compreender os caminhos do ridículo e do riso nas vidas cotidianas e no pensamento popular, do imaginário social e das produções de sentido.

2.2 Conto Introdutório: “O Ridículo em Monte do Carmo”

Confesso que nada era novo, mas tudo era estranho! Pois, não fazia parte de mim e ao mesmo tempo estava em mim. Até ouvir os comentários sobre os “Caretas”.

— **Cuidado com os caretas.** Disse uma amiga.

Máscaras, jeitos, trejeitos, vestes, ações. O ridículo permeando, impregnando e atravessando os Festejos de Monte do Carmo. Máscaras que escondem rostos, mas que transparecem a essência do ridículo, da comicidade, da alegria, do fazer o outro se envolver pela arte do riso. Máscaras que transbordam da alma o ridículo que há em cada um de nós.

Assim, começou os primeiros entendimentos de quem e do que se tratavam, os caretas. Então, surgiu a necessidade de sair pelo meio do povo, que tomava conta das ruas, sobre os ditos Caretas. Pensei em voz alta:

— Afinal, o que são? Quem são? O que eles fazem?

— **Quem são?**

Disse uma senhora agarrada a um manto com imagem religiosa. Com olhar de repulsa, de desconfiança. E nada mais disse.

— **Ninguém sabe, jóv!**

Retrucou outra senhora, a qual não pode ser identificada, devido a multidão. Apenas uma voz vinda de trás.

O fato de não saber “quem são” faz parte do imaginário, da tradição. Por isso, o estranhamento da senhora do manto, com repulsa à pergunta e não a quem perguntou. Pois, sua mão sedosa e fria ainda dá para ser sentida como naquele momento que tocou ao meu rosto. Mãos frias, num local onde a temperatura chegara perto dos 40°C.

O envolvimento nas atividades do festejo tomou outro sentido. Como se algo me chamasse, como se tudo não fazia mais sentido; até descobrir o que são e o que fazem, os ditos Caretas da Festa do Divino. Algo me dizia que o estranhamento já não existia mais.

Um grupo de senhores, com chapéus de vaqueiro, roupas ao estilo “sertanejo” (ou seriam cowboys?) e com garrafas de aguardente em demasia na

carroceria da caminhonete começaram a desvendar alguns mistérios. Mistérios estes que consumiam a minha paciência e curiosidade.

— **Eles se vestem diferente e saem por aí batendo *nas* pessoa.**

Respondeu um senhor todo sorridente, quando perguntado sobre o que são os Caretas. Os demais senhores do grupo concordaram com sorriso estampado.

— **Cuidado que eles vêm aí.**

Me instruiu outro senhor, e me ofereceu um gole de pinga. Comecei a entender, mas o porquê de “Caretas” falava mais alto, até que um senhor do grupo, talvez, o mais velho de todos disse em tom forte e alto:

— **Não vai te *assustá* cos caretas.**

Sim, claro, as caretas. Caretas? Máscaras? Começo a imaginar se eram expressões faciais ou máscaras. Até que o mesmo senhor complementou:

— **Tem muita máscara que assusta, mas é tudo *pra* diversão, *pra* brincá. Tem que *brincá* com o Divino.**

Pelos sorrisos, pelas gargalhadas, pela felicidade estampada nos rostos e pelo olhar meio assustado, apreensivo, curioso das pessoas me fez lembrar daquele sujeito que leva alegria para os outros quando vamos ao circo. O Palhaço! Ou o Clown quando vamos ao teatro, ou em uma intervenção urbana.

A comicidade parece fazer parte do festejo, nas brincadeiras, nos risos que envolvem as rodas de amigos. Enfim, na participação de um grupo de pessoas, que se vestem de ridículo e usam máscaras para esconder sua identidade social. Porém, a identidade fica estampada na vontade de sair pelas ruas a zombar com os outros, brincar, se divertir e divertir o outro; fazer as pessoas sorrirem, ter prazer no riso, viver o tempo alegre.

— **Lá vem eles!** (risos)

Assim gritou uma jovem toda eufórica, com sorriso no rosto e riso solto. O ridículo que parece castigar já era esperado, ansiosamente, pelos festeiros. Um castigo, um estranhamento, um medo, que instiga as pessoas a querer ver, a procurar serem vistos como que se tivessem em um ritual com muito êxtase. Ou seria pelo simples prazer do riso?

— **Quando crescer você quer ser imperador?**

Disse o sacerdote a um menino em meio a realização de uma atividade religiosa. Quando todos estavam no culto, onde cada um se prendia a sua fé, as suas crenças.

— **Quero ser careta!**

Responde o menino todo eufórico. O público cai em gargalhadas e a alegria toma conta do ambiente que tomava a rua próxima a igreja, num calor escaldante da manhã. Há uma mistura de alegria, riso, fé e leveza, cada um na sua maneira.

Na tentativa de abordar alguns foliões mascarados, os ditos Caretas, ficou nítido envolvimento dos mesmos com a atividade. Nenhum deles quis saber de conversa; o que imperava era a diversão, o enfrentamento pela alegria, assim, a ludicidade, a comicidade e o riso se misturam e se complementam.

2.2.1 Desfecho

Percebo o “se envolver” com o ridículo em cada participante, em cada gesto, cada olhar do outro, cada riso, sorriso, e não bastava só brincar, fazia-se necessário o riso do outro. O riso parecia ser a moeda de troca.

Não sei se seria uma dicotomia entre o sacro e o profano, ou seria uma mistura de sentimentos. Mas, entendo que a fé presente não inibe a cultura cômica popular, e sim, presenteia aos festeiros com alegria, muito riso, sorrisos e gargalhadas em um tempo alegre, sem resistências do sagrado. Pois, quando se supõe um ambiente regado pela fé, pela crença, imagina-se um espaço de pureza, de rigidez doutrinária, no qual o dito profano seria o oposto.

Assim, surge a ideia para tese de que a comicidade e o riso se envolvem e atravessam a cultura popular, fazendo parte do sagrado e do profano. Tanto a comicidade, quanto o riso, são fatores essenciais, e que fazem parte da formação humana e do arranjo cultural dos humanos. Pela fé, pelo brincar e pela comicidade os sujeitos se constituem como pertencentes à religiosidade e aos gracejos simbólicos dos festejos, que por mais que aparentam ser de contexto católico trazem na mistura raízes religiosas de outros segmentos, em especial, de origem afro. E no batuque o riso pede passagem, se perde no sagrado e se estranha no profano.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O padre João e a Boa Vista do Padre João

“Faleceu no dia 29 de setembro de 1947”, assim, a Professora Aldenora Alves Correia começou a contar sobre a morte do maior símbolo do coronelismo na região norte do Tocantins, o padre João de Sousa Lima, e continuou: “Faltava um dia para que se completassem 50 anos que dirigia o destino espiritual e político da nossa terra. Contava a avançada idade de 78 anos dedicados ao serviço de Deus e de sua querida terra”. (1977, p. 31 e 32)

De acordo com Palacín (1990), padre João havia saído do Recanto, um lugar afastado da cidade, por volta do meio-dia e se acidentou ao cair da mula. O padre tinha experiência da vida toda montando cavalos e mulas, mas foi um acaso que ceifou a sua vida. A mula se assustou e o padre distraído perdeu o equilíbrio, na queda quebrou algumas costelas que perfuraram os pulmões, causando-lhe hemorragia interna. Nas suas últimas palavras, contada pelo seu filho adotivo que o acompanhava, disse: ““Meu Deus perdoai meus pecados”. (p.12)

Imagem 2 – Velório do padre João de Sousa Lima.



Fonte: Obra Boa Vista do Padre João, de Aldenora Alves Correia

A região norte do estado do Tocantins, conhecida como Bico do Papagaio, é marcada pelas revoluções de cunho social e política e pelos movimentos políticos, em especial, ao Coronelismo. Essa prática político-social tem uma referência na região, o padre João de Sousa Lima ou, popularmente, padre João.

Considerando o papel marcante do padre João, o padre ““coroné””, na condição de interventor social na região, Palacín (1990) retrata, em sua obra *Coronelismo no Extremo Norte de Goiás: Padre João e as três revoluções de Boa-Vista*, as questões do coronelismo e do poder político-religioso que o referido padre teve nesta sociedade. Trazendo uma visão clássica do coronelismo, que tinha os “coroné”is, ou seja, os proprietários rurais de famílias tradicionais, como os únicos agentes sociais.

A morte do padre João foi, e ainda é, um evento marcante para a população e para a história regional. Encerrou, desta forma, a força da batina deste sacerdote e do poder institucional da igreja católica no Bico do Papagaio. Porém, a morte do sacerdote não apaga a memória do povo sofrido do Cerrado⁵, pois a vida do referido padre foi engajada pelas questões populares, atreladas à política.

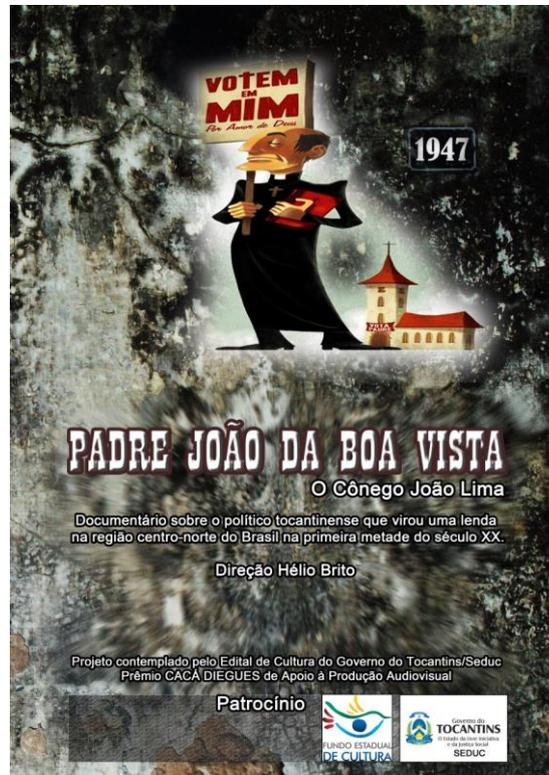
De acordo com Leal (2012, p. 44), sobre a vida dos padres “coroné”is, “O aspecto que logo salta aos olhos é o da liderança, com a figura do “coronel” ocupando o lugar de maior destaque. Os chefes políticos municipais nem sempre são autênticos ““coroné”is”.” Bem como a figura de coronel naqueles tempos, não necessariamente eram proprietários de grandes extensões de terra, mas poderiam ser sujeitos engajados politicamente e com poder no ativismo social, como era o caso dos padres.

O documentário de Hélio Brito (2013), intitulado “Padre João da Boa Vista”, conta a vida política e religiosa do Padre João de Sousa Lima, com memórias e a história que envolveu a região, tanto politicamente quanto socialmente. Forjando assim a maior lenda regional. História que envolve as guerras e revoluções (1892, 1907 e 1936) na Boa Vista do Tocantins. Padre João foi uma grande liderança

⁵ O Cerrado é considerado a vegetação oficial do Tocantins, que abrange cerca de 90% do seu território. Formado por vegetação de árvores médias e pequenas, com uma diversidade de palmeiras, sendo as mais comuns buriti e babaçu.

política e religiosa, de 1897 até 1947, quando veio a falecer devido a uma queda do cavalo.

Imagem 3 – Cartaz do Documentário “Padre João da Boa Vista”, de Hélio Brito.

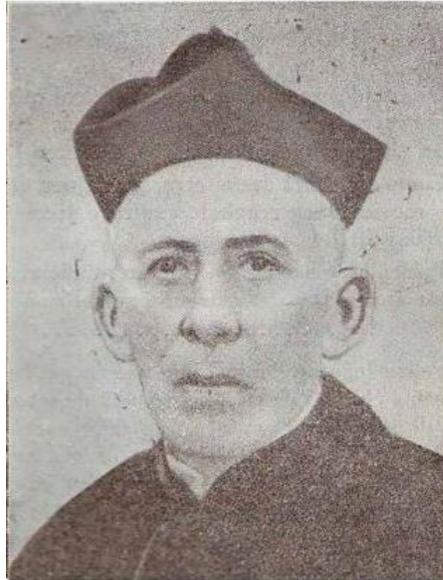


Fonte: internet

Para Oliveira (2000), o Cônego João Lima tinha uma personalidade complexa e era um sujeito polêmico. Conhecido pelos populares de Padre João da Boa Vista, o referido sacerdote tinha três características marcantes, tais como: era um guia espiritual, sendo que os mais simplório não o indagavam; era um líder político, então, era odiado e amado por muitos; e um comandante paramilitar, que era temido por muitos por seu sentido desafiador, porém amado por outros devido a sua figura paternalista e acolhedora.

Padre João, então, tinha espírito de liderança, tanto que conquistou as massas e impôs suas ideias, bem como soube se entrelaçar na politicagem regional, mesmo que muitos não concordavam com seus pensamentos. Porém, com pulso firme dominava as ações sociais, ganhando status de coronel, mesmo sendo de batina. Assim, decorreu a relação turbulenta entre o padre e Leão Leda. (CORREIA, 1977)

Imagem 4 – Padre João de Sousa Lima, Cônego João Lima.



Fonte: Obra “Boa Vista do Padre João” de Aldenora Alves Correia

O senhor Leão Leda era um político de Grajaú, Maranhão, o qual após ser perseguido e perder as eleições naquele local, fixou residência em Boa Vista do Tocantins. Chegou a ser um grande proprietário de residências e fazendeiro, fez amizades e no início mostrou-se ser um homem trabalhador e honesto. Com o passar dos tempos passou a ser respeitado como líder político da região e com o desejo de glória e de riquezas passou a fomentar guerrilhas, causando medo na população. Porém, dizia que só respeitava o padre João Lima. (CORREIA, 1977)

Leão Leda após um bom entendimento com o padre João, principalmente político, se desentendeu devido ao padre tomar as dores dos paroquianos, pois o Sr Leda não respeitava ninguém e abusa de seu poder. Então, o sacerdote condenou em plena missa dominical as atitudes de Leão Leda, dando amparo aos paroquianos. Foi aí que houve guerra declarada, na qual Leda afronta armado o vigário, e o mesmo não deixa por menos. (CORREIA, 1977) Eis que o padre diz a Leão Leda: “Capitão, o Sr veio me atacar? Pode me matar, mas antes saiba que também sou homem. E levantando a batina, mostrou as calças e entrou”. (p. 37)

De tocaias, promessas e ameaças a relação conturbada entre o padre e Leão Leda foi sustentada e escorou a política partidária da região na primeira metade do século XX. As histórias que se entrelaçaram, marcaram outras vidas até o fim com a morte do sacerdote.

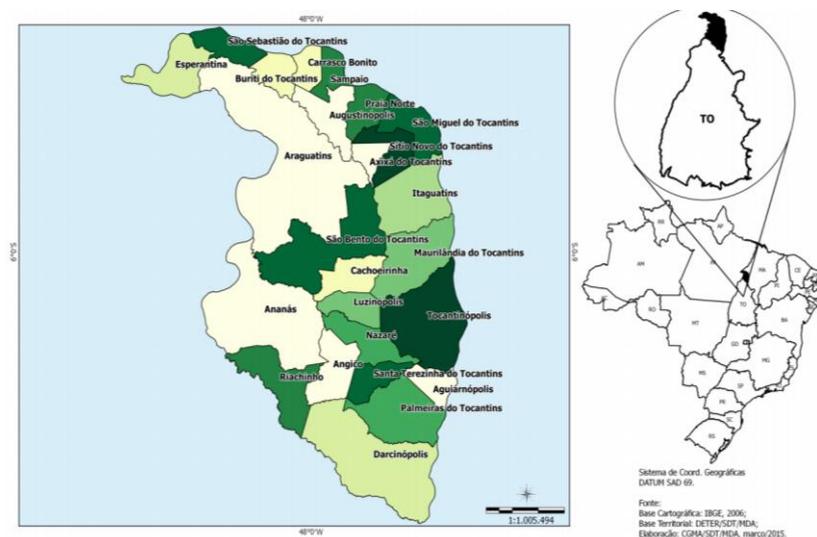
Padre João saiu do Ribeirão Grande, foi ao Tauriy, tomou uma canoa e asilou-se em Porto Franco. De lá, instruía os seus homens, comandados por José Dias e Pedro maquinista. Estes juntavam homens para sitiarem a cidade, o que não tardaram a fazer, munidos com suas armas: facões, rifles e espingardas, impedindo que saísse uma só pessoa da cidade. (CORREIA, 1977, p. 39)

De padre a coronel do Cerrado, João de Sousa Lima seguiu uma vida forjada no ódio e na adoração. Dos inimigos políticos aos simpatizantes, talvez apenas tementes a deus, o “coroné” fez história nas intervenções sociais e o padre marcou território na militância política. Amado e odiado, padre João deixou seu legado na Boa Vista do Tocantins, isto é, na Boa Vista do Padre João.

O brigadeiro da aeronáutica Lysias A. Rodrigues, na década de 1930, ao passar pela Boa Vista do Tocantins, relata breves palavras sobre o padre João: “Recebeu-nos o Pe. João, velho, simpático, instruído, à porta tomando um ar fresco ao luar. Providenciou logo onde nos alojar [...]” (RODRIGUES, 2001, p. 159). O padre era carismático e afetuoso, talvez naquele momento conturbado da região o imaginário das pessoas se direcionava para outro lado, mas ficou marcado na memória.

A Boa Vista do Tocantins, então, começa a despontar no mapa da existência aos olhos daqueles que mal sabiam onde ficava, e que este Brasil existia. Padre João foi mais um dos instrumentos que ajudaram, pelo bem ou pelo mal, a abrir passagem por estas terras.

Imagem 5 – Região do Bico do Papagaio, norte do Tocantins.



Fonte: IBGE

Conta Correia (1977) que, em meados de 1818, os Bandeirantes partiram em expedição com intuito de conquistas, indígenas e territoriais. Uma bandeira partiu de Pastos Bons, na qual dos lavradores se desligaram a procura de um local para estabelecer as suas famílias. Antônio Faustino e Venâncio encontraram um terreno fértil e drenado pela natureza na margem esquerda do médio Tocantins (rio), então, fixaram residência com seus familiares, pois as terras eram propícias ao trabalho agrícola. Uma região promissora, rica em madeira, babaçuais e boas pastagens que, dada pela sua altitude, deram-lhe o nome de “Boa-Vista”.

A região conhecida como Bico do Papagaio é uma área de transição entre a fauna e a flora do cerrado e da Amazônia e está situada na região do extremo norte do estado do Tocantins, sul do Pará e parte do Maranhão. A região pertencia ao estado de Goiás, após um longo período de isolamento regional teve decretada sua emancipação política e hoje é o estado do Tocantins.

A região conhecida como Bico do Papagaio deve ser compreendida não apenas pelo espaço geográfico entre o baixo Araguaia e o Tocantins, mas por uma vasta região de entorno, também conhecida como Amazônia Oriental. Área correspondente ao norte do Tocantins, sul do Pará e oeste do Maranhão, é também chamada de região tocantina. (FERRAZ, 2000, p.111)

Imagem 6 – Rio Tocantins, orla de Tocantinópolis.



Fonte: Prefeitura Municipal de Tocantinópolis, responsável Dirceu Leno.

De acordo com a SEDEN (Secretaria do Desenvolvimento da Cultura), aproveitando o momento oportuno político, líderes regionais conseguiram aprovar a

autonomia política do norte goiano, batizando-o de Tocantins. Apresentando, para isto, uma ementa à Assembleia Constituinte com cerca de 80 mil assinaturas para a criação do novo estado. Em 05 de outubro de 1988 nascia o estado do Tocantins. (TOCANTINS, 2018)

A região do Bico do Papagaio é uma região composta de pequenos municípios, sendo que as características culturais, como: o modo de viver, a comunicação, a culinária, os tipos de dança e a música aproximam-se consideravelmente da cultura paraense e maranhense, além de alguns costumes do estado Piauí; bem como das culturas de mineiros, gaúchos e demais nordestinos que povoaram a região. (Secretaria da Cultura do Estado do Tocantins, 2017),

Em destaque neste estudo, o município de Tocantinópolis, a Boa Vista do Padre João, o qual tem uma história que envolve missionários religiosos, em especial os católicos. Tocantinópolis alcançou fortalecimento e destaque econômico no século XIX, pois integrava a rota que ligava o estado de Goiás ao norte do país. Em relação a produção econômica, o babaçu foi um dos primeiros produtos explorados nesta região, além de peles de animais e cereais. Com suas belas paisagens, terra fértil, repleta da palmeira babaçu, e a visão panorâmica do Rio Tocantins atraíram os primeiros habitantes para Tocantinópolis, por volta do ano de 1818. Vale salientar que o município abrigou a missão jesuíta para catequizar o povo Apinajés, que ainda vivem em diversas comunidades, então, tem forte tradição católica. (Secretaria da Cultura do Estado do Tocantins, 2017)

Imagem 7 – Quebradeiras de coco babaçu.



Fonte: Prefeitura Municipal de Tocantinópolis, responsável Dirceu Leno.

Imagem 8 – Apinajés.

Fonte: Prefeitura Municipal de Tocantinópolis, responsável Dirceu Leno.

Nossa Senhora da Consolação é a padroeira da cidade de Boa Vista do Padre João, e dá nome a paróquia local. Dizem os devotos que este é mais um dos vários títulos concedidos a Virgem Maria, pois traz consolo os enfermos, marginalizados, oprimidos e aflitos. Neste sentido, a santa lembra os fiéis das dores e do martírio de seu filho e conjuga com as dores do povo local e as lutas sociais do padre João Lima. A igreja matriz da paróquia Nossa Senhora da Consolação se localiza no ponto mais alto de Boa Vista do Padre João, de onde dá para avistar o rio Tocantins.

Imagem 9 – Igreja matriz da paróquia Nossa Senhora da Consolação.

Fonte: Prefeitura Municipal de Tocantinópolis, responsável Dirceu Leno.

O rio Tocantins compreende a divisa entre os estados do Maranhão e do Tocantins. Na região do Bico do Papagaio, do lado maranhense localiza-se o

município de Porto Franco e ao lado tocantinense o município de Boa Vista do Padre João, Tocantinópolis. A travessia entre os dois municípios se dá por meio de embarcações, mas em períodos de estiagem dá para atravessar a pé a curta distância entre uma cidade e outra.

Imagem 10 – Rio Tocantins, divisa entre Tocantins e Maranhão.



Fonte: Prefeitura Municipal de Tocantinópolis, responsável Dirceu Leno.

Quanto à população da região do Bico do Papagaio, Pinho (1995, p.20) e Flores (2013, p. 90) destacam, respectivamente, que:

O Bico do Papagaio é uma terra habitada por muitos camponeses. São pessoas vindas de vários Estados, através das famosas correntes migratórias. Entram na região do Bico desde 1860, mais especialmente a partir de 1940, estabelecendo lá sua morada e um lugar para trabalhar: plantação de roças, caça e pesca, garimpos, extração de coco babaçu. Desse modo, os camponeses construíram suas posses pela força do trabalho, pela permanência na localidade por muitos anos e com o objetivo único de sustentarem a própria vida e a vida dos familiares.

Essa população, que se estabelece no Norte, tem origem diversa. No sul da capitania, os descendentes de paulistas e mineiros são maioria. No Tocantins, no entanto, são provenientes do Piauí, Maranhão e Pará. É uma população mista a que se forma aqui, o que segundo Castelnau resulta em gente da mais variada cor. O cruzamento de diferentes tipos humanos confere à população traços e cores próprias. O elemento mestiço é maioria, os mulatos se sobressaem, e os brancos diminuem a cada ano.

Nos versos do professor Nataniel Araújo, da Universidade Federal do Tocantins, correm a memória do povo local, com fragmentos históricos, políticos e religiosos, e assim seguem:

GRI-TO

Bico do Papagaio,
Bico apontado para o alto por mais que timidamente.

Se tens o bico, te faltam as asas para ficares por cima
 Para te fazeres poesia e completares a rima.
 Também te falta o barulho que não sei ser canto
 Mas que incomoda um tanto.
 Grito-canto que não passa batido
 Como aquele crime por tua terra e teu povo sofrido.
 O assassino do padre,
 o retorno à terra madre.
 “... dos filhos deste solo és mãe gentil...”
 Mãe gentil? Não me viu!
 O amor, a morte, o mártir, romaria, procissão
 Multidão sem rosto, sem parada, sem posto.
 Em guerra, com fome de terra e sem nome...
 pior que a guerra das armas é a guerra da fome!
 “... me disseram, porém, que eu viesse aqui, pra pedir de romaria
 e prece paz nos desalentos... sou caipira, pira, pora...”
 Romaria... pedir pra Deus resolver o que o homem poderia...
 “Não tentarás o senhor teu Deus!...”
 O assassino fugiu e a justiça não viu...
 Que justiça cega, não vê nada!
 Pena que não esteja peiada, e talvez por isso
 se deixa levar pela mão de alguém, pela mão do forte,
 pela mão do vintém, pela mão da morte [...]

(ARAÚJO, 1996, p. 43.)

A história e a cultura do povo local estão carregadas com questões religiosas e políticas, especialmente, em relação a igreja católica e seus festejos de celebração, que mantém um calendário recheado de comemorações. Festividades que tentam manter as tradições religiosas do catolicismo e que constituem um espaço de interação entre o que está e o que não está na doutrina e nos templos de devoção.

3.2 Profano e Sagrado

Para início de debate, posso afirmar que “[...] a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano.” (ELIADE, 1992, p. 13) No entanto, a etimologia da palavra profano, de acordo com Nascentes (1955), tem origem do latim *profanu*, que fica diante do templo, de *pro* diante de e *fanu* templo, ou seja, o que não pode adentrar em lugar sagrado. Assim, defino neste estudo que o profano está naquilo que não deve, ou não deveria, fazer parte do espaço sagrado.

Sobre a constituição conceitual do sagrado, conseqüentemente do profano, e suas manifestações, Eliade (1992) diz que: “O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano.” (p. 13) Então, os conceitos de sagrado e de profano são interdependentes, assim como o puro e o impuro.

Durkheim (2001) traz uma abordagem relacionada às questões de pureza daquilo que pertencem ao sagrado, mas que também podem pertencer ao profano. Assim, não negando a ambivalência do sagrado pelas coisas puras e impuras, o que nos faz pensar que aquilo que está em um pode estar em outro, no caso deste estudo é o riso. “Há duas espécies de sagrado, um fasto e outro nefasto [...] Com o puro, faz-se o impuro, e vice-versa. É na possibilidade dessas transmutações que consiste a ambigüidade do sagrado.” (p. 488)

Então, o sagrado e o profano, muitas vezes, se confundem, em especial sobre a pureza, daquilo que é puro ou impuro aos olhos da doutrina religiosa e das crenças. Desta forma, posso conciliar o riso como algo que ora pertence ao sagrado, ora pertence ao profano, ora é puro ou impuro.

Para Eliade (1992), a história das religiões é constituída por manifestações do sagrado em objetos quaisquer, mas que contemplam significações de uma realidade que não pertencem ao nosso mundo, e sim ao mundo espiritual. Uma imagem, uma pedra, uma árvore, enfim, um objeto que fora do mundo religioso pode ser apenas um objeto, para o mundo de uma determinada religião traz significados sagrados. Assim, as religiões desde as mais primitivas se constituem de significados. E é no templo que o objeto se ressignifica como sacro, mas que fora tem significado profano.

Em relação à função dos templos religiosos, pode-se dizer que são espaços onde há a transcendência daquilo que é profano. Os templos conferem a ligação daquilo que é sagrado, fazendo com que as pessoas possam fazer encontros com os deuses, pois “[...] é fácil compreender por que a igreja participa de um espaço totalmente diferente daquele das aglomerações humanas que a rodeiam. No interior do recinto sagrado, o mundo profano é transcendido.” (ELIADE, 1992, p. 19)

Sobre o espaço religioso e o espaço profano, Eliade (1992) acrescenta que:

A fim de pôr em evidência a não homogeneidade do espaço, tal qual ela é vivida pelo homem religioso, pode-se fazer apelo a qualquer religião. Escolhamos um exemplo ao alcance de todos: uma igreja, numa cidade moderna. Para um crente, essa igreja faz parte de um espaço diferente da rua onde ela se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado. (p.19)

Mas, não só o espaço, templo, se constitui como sagrado. A objetificação do sagrado também se encontra na constituição dos objetos, em especial aqueles que se referenciam a um santo ou deus, ou algo que remete a eles. Sendo que, “[...] a manifestação do sagrado num objeto qualquer, urna pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade.” (ELIADE, 1992, p. 13)

Os atravessamentos das “coisas” profanas ou mundanas, como muitos religiosos assim descrevem, no mundo religioso e das “coisas” religiosas no mundo comum são mais rotineiros do que se pode imaginar; ou se imaginar muitas vezes não se quer aceitar. Para Eliade (1992, p. 98), “[...] o homem a religioso no estado puro é um fenômeno muito raro, mesmo na mais dessacralizada das sociedades modernas. A maioria dos “sem religião” ainda se comporta religiosamente, embora não esteja consciente do fato.”

O profano não necessariamente precisa de um espaço próprio para acontecer, ele se desdobra em qualquer espaço, porém, não é isso que ocorre no sagrado, que necessita de algo fixo para se orientar. Ele precisa marcar o seu lugar. Assim, “[...] a revelação de um espaço sagrado permite que se obtenha um “ponto fixo”, possibilitando, portanto, a orientação na homogeneidade caótica, a “fundação do mundo”, o viver real.” (ELIADE, 1992, p. 18)

A experiência profana, ao contrário, mantém a homogeneidade e, portanto, a relatividade do espaço. Já não é possível nenhuma verdadeira orientação, porque o “ponto fixo” já não goza de um estatuto ontológico único; aparece e desaparece segundo as necessidades diárias. A bem dizer, já não há “Mundo”, há apenas fragmentos de um universo fragmentado, massa amorfa de uma infinidade de “lugares” mais ou menos neutros onde o homem se move, forçado pelas obrigações de toda existência integrada numa sociedade. (ELIADE, 1992, p. 18)

Desta forma, o sagrado se constitui em um ambiente específico, e tudo que não está nele se encontra o profano. Toda essa significação simbólica sacra permeia as questões ritualísticas, que também podem se fazer constituir no profano. É a partir da constituição de ser, de homem religioso, que se confirma o espaço sagrado e se diferencia do espaço profano. Por tanto “[...] o ritual pelo qual o homem constrói um espaço sagrado é eficiente à medida que ele reproduz a obra dos deuses. [...] então logo nos daremos conta de que o “mundo” todo é, para o homem religioso, um “mundo sagrado”.” (ELIADE, 1992, p. 21)

O espaço sagrado, além de se constituir na religiosidade do ser, se materializa no entendimento de tempo deste ser. Ou seja, vive-se em um mundo profano, apesar de ser religioso, e nos momentos de celebração vive-se um mundo sagrado, alicerçado nos rituais que o funda. Então,

[...] o homem religioso conhece duas espécies de Tempo: profano e sagrado. Uma duração evanescente e uma “seqüência de eternidades” periodicamente recuperáveis durante as festas que constituem o calendário sagrado. [...] A festa religiosa é a reatualização de um acontecimento primordial, de uma “história sagrada” cujos atores são os deuses ou os Seres semi-divinos. Ora, a “história sagrada” está contada nos mitos. Por consequência, os participantes da festa tornam-se contemporâneos dos deuses e dos Seres semi-divinos. Vivem no Tempo primordial santificado pela presença e atividade dos deuses. O calendário sagrado regenera periodicamente o Tempo, porque o faz coincidir com o Tempo da origem, o Tempo “forte” e “puro”. A experiência religiosa da festa, quer dizer, a participação no sagrado, permite aos homens viver periodicamente na presença dos deuses. (ELIADE, 1992, p. 54 e 55)

Neste período de consagração, as festividades contemplam a essência espiritual do homem⁶, que deixa de lado o tempo e o mundo profano quando está imerso no espaço sagrado e no tempo sagrado. O ser ressignifica a sua vida como sagrada. É no espaço sacro que o ser restabelece toda a sua vida em uma nova perspectiva, em uma dimensão espiritual. Eliade (1992), diz que “É inútil lembrar que não há nenhuma correspondência semelhante ao nível da experiência profana da Vida.” (p. 81) Mesmo que o sujeito não esteja imerso no mundo religioso ele está envolvido culturalmente e socialmente por este mundo. Porém, os significados e significantes são diferentes, ou seja, “Para o homem a-religioso, todas as experiências vitais – tanto a sexualidade como a alimentação, o trabalho como o jogo – foram dessacralizadas.” (p. 81)

⁶ Homem no sentido de espécie humana.

A história do homem, então, pode ser contatada na visão religiosa e do ser religioso, por dois fragmentos de mundo: o sagrado e o profano, ou seja, aquele que está do lado de fora do templo e dos rituais sagrados. Assim,

[...] o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história. Esses modos de ser no Mundo não interessam unicamente à história das religiões ou à sociologia, não constituem apenas o objeto de estudos históricos, sociológicos, etnológicos. Em última instância, os modos de ser sagrado e profano dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos e, conseqüentemente, interessam não só ao filósofo, mas também a todo investigador desejoso de conhecer as dimensões possíveis da existência humana. (ELIADE, 1992, p. 14-15)

A concepção destes dois mundos, sagrado e profano, fazem parte da constituição do próprio homem e sua identidade. Não se pode pertencer a um desses mundos sem ao menos ter significado um pelo outro anteriormente. É a negação de um que se constitui o lugar no outro. "O sagrado e o profano foram sempre e em toda a parte concebidos pelo espírito humano como gêneros separados, como dois mundos entre os quais nada há de comum." (DURKHEIM, 1996, p. 42)

Para Durkheim (1996), O sagrado e o profano são dois mundos que não são concebidos separadamente, mas tomam forma hostis e de rivalidade. Sendo que, para pertencer plenamente a um desses mundos, antes é preciso negar e renunciar o outro. Assim, para levar uma vida religiosa, o sujeito precisa abdicar das questões profanas, e vice-versa.

Todavia, há uma certa dificuldade de distanciamento de um mundo para o outro, do sagrado para profano e vice-versa. Os rituais, os mitos e os comportamentos continuam significando o sujeito, mesmo que este negue a religião. Pois, só o fato de negar não o desloca do mundo sagrado para o profano. A cultura continua ainda impregnada e significando muitos símbolos na sua vida, por mais que esteja fora do templo. A coletividade tem papel marcante nesta constituição. "O homem a-religioso no estado puro é um fenômeno muito raro, mesmo na mais dessacralizada das sociedades modernas." (ELIADE, 1992, p. 98)

De acordo com Eliade (1992), os sujeitos "sem religião", mesmo que sem intenção se comportam religiosamente. Os rituais e as tradições com base religiosa e de celebração fazem parte da sua vida, pois a constituição cultural e social da

sociedade em que está inserido traz raízes nos costumes e nos símbolos das religiões predominantes.

Essa separação de mundos, muitas vezes, dificulta o próprio homem a entender o mundo real. E em relação as artes não é diferente. A arte sacra, ou aquilo que está relacionada a ela, sofre um significado e um direcionamento diferente de valores morais para um religioso do que a que está separada em uma conotação profana. De acordo com Barroso (2016), a separação proposta pela modernidade entre o sagrado e o profano, o cultural e o natural, “[...] fragmentou a arte em diferentes linguagens, num processo esquizofrênico de retalhamento do universo.” (BARROSO, 2016, p. 78)

Assim, também, pode-se conjugar estes valores morais atribuídos à religião como advindos da fé, da devoção, que sustenta a formação de significados do espaço sagrado. Através da religiosidade, forjada na devoção aos santos, como é o caso do catolicismo, os rituais de piedade marcam o lugar de cada devoto no espaço sagrado. Tanto que, “[...] se por um lado a devoção era considerada pela “elite católica” como sinônimo de ignorância religiosa, por outro ela tem ajudado a manter acesa a chama da esperança diante das realidades de crise e sofrimento.” (PEREIRA, 2003, p. 71)

Dentro deste contexto, de mundos sagrado e profano, há diversas possibilidades de registrar a fé, de devoção. Alguns usam a repetição de orações, denominadas de rezas pelos católicos, outros usam da autoflagelação, enquanto isso, muitos utilizam de recursos bastante controversos, como é caso da embriaguez. Parece que o ato de beber, ou o de se embriagar, faz parte de um contexto ritual, o que para alguns é visto como profano, para outros é tido como sagrado, ou pelo menos um caminho para se chegar até lá. Então, Valeri (1994) diz que:

[...] o que é especificamente ritual, ou pelo menos é um dos seus aspectos fundamentais, não passa de uma variante particular numa família de fenômenos em que cabem também o jogo e a arte (p. 354) [...] o que faz passar uma ação da esfera do rito à da arte ou do jogo, e vice-versa, não são tanto as suas propriedades intrínsecas como os efeitos variáveis que elas possuem em contextos diversos e sobre espectadores diversos. (p. 356)

Além das bebidas nas celebrações religiosas, as comidas fazem parte do que há mais festivo no espaço sagrado. Os banquetes trazem o prazer do comer e beber, além das danças e do mundo profano como prática de festividade. O riso também ganha liberdade de se apresentar, pois em um banquete não pode faltar os prazeres da carne. “Come-se ritualmente, e a alimentação é diversamente valorizada segundo as diferentes religiões e culturas: os alimentos são considerados sagrados, ou um dom da divindade, ou uma oferenda aos deuses do corpo [...]” (ELIADE, 1992, p. 82)

Para a consciência moderna, um ato fisiológico – a alimentação, a sexualidade etc. – não é, em suma, mais do que um fenômeno orgânico, qualquer que seja o número de tabus que ainda o envolva (que impõe, por exemplo, certas regras para “comer convenientemente” ou que interdiz um comportamento sexual que a moral social reprova). Mas para o “primitivo” um tal ato nunca é simplesmente fisiológico; é, ou pode tornar-se, um “sacramento”, quer dizer, uma comunhão com o sagrado. (ELIADE, 1992, p. 14)

Estas vivências de consagração entre as questões fisiológicas e o sagrado, ainda perduram para alguns povos e crenças. A ritualização faz parte do homem enquanto ser social, desde os tempos remotos. Assim, as credices populares marcaram e marcam território nos pensamentos e no cotidiano de diferentes culturas. E traz a devoção como um instrumento de manutenção e conhecimento vulgar sobre os rituais, os mitos e a fé. “É provável que, num passado muito longínquo, todos os órgãos e experiências fisiológicas do homem, bem como todos os seus gestos, tivessem um significado religioso.” (ELIADE, 1992, p. 81)

Dentre esta diversificação ritualística da devoção está a procissão, o processo ritual mais comum entre os devotos. Pode-se afirmar que em todas as celebrações aos santos católicos há procissão dos fiéis. Este tipo de ritual traz um significado de transcender a fé do devoto ao mundo exterior, ou talvez, seja o sagrado ampliando o seu espaço e constituindo os lugares. Juntamente com a procissão, a peregrinação ganha sentido nesta ampliação do sagrado no mundo exterior aos templos.

Peregrinação e Procissão aparecem como similares, pois detêm o mesmo significado simbólico que é o de caminhar, no entanto o primeiro denota uma caminhada mais distante, ida a um lugar sagrado, muitas vezes revestido de dor, penitência, o segundo já se apresenta como um sentido de cortejo, geralmente possui um santo patrono e se configura com um caminhar mais curto em relação a distância, se dá geralmente em torno/para um templo, ou pela cidade, porém ambos representam uma ida, uma caminhada que busca, seja pela devoção seja pela penitência, o diálogo com o transcendente. (OLIVEIRA, 2012, p. 17)

A transcendência é, então, o principal foco da religiosidade, fazendo com que as práticas ritualísticas, como é o caso da devoção nas procissões e andanças e nos festejos de celebração dos santos católicos, sejam o caminho até o sagrado em sua plenitude, se é que isso seria possível. Porém, o que é visto por muitos, em especial, os que não estão envolvidos no processo, como algo sem valor.

Para Pereira (2003), o termo devoção teve, ao longo do tempo e da história, uma conotação pejorativa, especialmente no período colonial cristão. Devido a questões de poder da igreja, havia uma intenção de desqualificar as manifestações de cunho religiosas e que estavam no meio popular. Assim, mantinha-se o controle dos fiéis e suas manifestações contra a igreja, tanto que houve uma tentativa de substituir o termo devoção por “religiosidade popular”.

Neste contexto de devoção, pode-se encontrar, algumas vezes escondidos, um diálogo entre o sagrado e profano. O que para alguns é sagrado para outros é profano e, dependendo do contexto algo pode ser sacro ou mundano. O ritual pagão da pirotecnia, que é muito utilizado em festas e celebrações religiosas de origem cristã, é um exemplo disso. Bem como as máscaras, que trazem uma conotação carnavalesca aos festejos, e que deixam no espaço sagrado a possibilidade de expurgo ou catarse.

A máscara o ajudava a ter a liberdade necessária ao fustigamento das personagens que figuravam pessoas e entidades pretensiosas, pela chalaça, pela troça, pela maledicência e pelo sarcasmo. Protagonizavam a tradição oral das cantigas de escárnio e maldizer, numa performance voltada para o riso. (BARROSO, 2016, p. 67)

Durante os festejos que celebram os santos católicos, encontram-se uma junção cultural, inclusive de rituais religiosos de outras religiões e/ou manifestações espirituais e de fé. O que pode ser conferido nas ofertas e oferendas, e nos momentos das danças com os batuques e ritmos musicais que contemplam uma cultura específica. “Os batuques são o movimento da ancestralidade, dança de resistência, de regatear, de brincar, de seduzir e de lembrar.” (SILVA; ROSA, 2017, p. 270) Desta forma, recriam e ressignificam mundos através de seus “atores sociais” e, por suas visões de mundos, da arte e da cultura trazem o envolvimento ao universo da magia e do encantamento. Neste sentido, estabelecem um limiar de relação entre o sacro e o profano, ou seja, aquilo que está fora e dentro do templo.

“Tal relação se manifesta no respeito aos tambores, ancestrais e outras entidades espirituais. (p. 252)

O sagrado e o profano, por fim, adentram nas festas religiosas e continuam o seu diálogo. E nestas festas que se pode conferir os limites do profano no espaço sagrado. As festas religiosas, apesar de serem sagradas trazem possibilidades de se afrontarem por situações profanas.

3.3 Festas dos Santos Católicos na Boa Vista do Padre João

Neste estudo versarei apenas sobre as festas religiosas de celebração católica que fazem parte da programação anual da Diocese de Boa Vista do Padre João, e que foram visitadas entre os anos de 2016 a 2018. Festejos estes que promovem a devoção aos santos intercessores da igreja e mantém a fé dos devotos através da aproximação entre o espaço sagrado e a cultura popular.

Segundo Azzi (1994, p. 296), “[...] a devoção ao Santo constitui para o fiel uma garantia do auxílio celeste para as suas necessidades. A lealdade ao Santo manifesta-se sobretudo no exato cumprimento das promessas feitas”. A devoção, então, perpassa a intercessão dos santos diante do deus reverenciado pela igreja, pois,

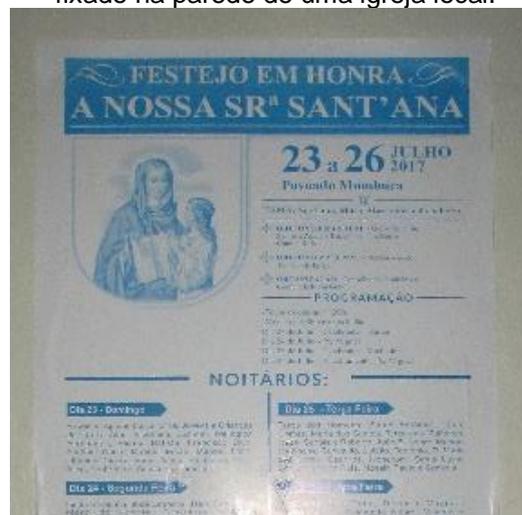
[...] a vida dos santos são exemplos a serem seguidos. Pedir a sua intercessão é estar em comunhão com ele na mesma fé. [...] deve-se também valorizar as manifestações religiosas do povo expressas, no catolicismo popular. Pedir a intercessão de um santo é juntar-se a ele em oração a Jesus Cristo. (MESQUITA, 2015, p. 170)

As Festas religiosas de culto aos Santos fazem parte da “[...] cultura do interior do Brasil, marcada por costumes locais tais como as chamadas “festas de santo”.” (SANTOS; DUARTE, 2010, p.1) Estes festejos consagram a vida religiosa dos santos católicos e trazem um simbolismo da fé cristã através da intercessão divina. “Temos como hipóteses que essas festas compõem e recompõem as

representações que homens e mulheres, habitantes do meio rural e de pequenas cidades do interior do país, possuem sobre seus santos e santas de devoção.” (p. 2)

O calendário dos Festejos Religiosos da Paróquia Nossa Senhora da Consolação, da Boa Vista do Padre João, tem como marco inicial e final do seu ciclo o Festejo em comemoração aos Santos Reis, que inicia em dezembro e segue até janeiro do ano seguinte. No mês de janeiro tem, também, celebração a São Sebastião; em fevereiro São Lázaro; março contempla São José e maio Nossa Senhora de Fátima, Dom Orione, Santa Rita de Cássia e a celebração a Santíssima Trindade; Santo Antônio, São João e Sagrado coração de Jesus são os Festejos de junho; em julho é festejada Senhora Santana e agosto Nossa Senhora da Consolação e São Raimundo Nonato; em setembro celebra-se São Vitor, finalizando o mês com São Francisco de Assis e Nossa Senhora do Rosário; outubro é mês de celebrar Nossa Senhora Aparecida e em novembro Cristo Rei; Nossa Senhora da Conceição e Santa Luzia fecham as comemorações religiosas anuais no mês de dezembro, além de Santos Reis que finaliza e inicia um novo ciclo.

Imagem 11 – Fragmento de Cartaz convite para Festejo Religioso fixado na parede de uma igreja local.



Fonte: acervo da pesquisa.

O mergulho pelos festejos religiosos locais, me faz lembrar da obra de Bakhtin *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, na qual o autor trata da cultura cômica popular, no período entre Idade Média e o Renascimento. Bakhtin apresenta um olhar sobre o espaço público, a praça pública, ocupado pela população com regimes autoritários e em uma vida de

rígida religiosidade, mas que nos momentos carnavalescos, festivos, exploram o riso, o dito “tempo alegre”. Pois,

[...] a festa é também fato político, religioso ou simbólico. Os jogos, as danças e as músicas que a recheiam não só significam descanso, prazeres e alegria durante sua realização; eles têm simultaneamente importante função social: permitem às crenças, aos jovens, aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários. (DEL PRIORE, 2000, p.10)

Estas festas de sentido barroco⁷ trazem em suas programações as seguintes partes: a) o culto, que pode ser conduzido por um sacerdote ou por alguém da comunidade. E assim seguem as diretrizes de uma missa padrão da igreja católica; b) a quermesse, ou como denominam na região de leilões. As quermesses ou leilões são compostas por ofertas de comidas e demais produtos oferecidos por moradores locais para que sejam vendidos/leiloados, e a arrecadação serve para fazer as melhorias nas dependências das igrejas; c) em barracas de alimentos, bebidas, brechós; d) festas dançantes, dependendo da comunidade e do santo a ser celebrado.

Percebe-se o caráter espetacular nas festas religiosas, principalmente, neste caso, sobre a dramatização e as encenações. E não exclusivamente na programação, mas, também, no cotidiano. Sendo que,

[...] a arte, a religião, a política e o cotidiano possuem aspectos espetaculares (inserindo-se assim no campo de estudos da etnocenologia), mas que não são áreas de conhecimento indistintas. O que as articula, em sua distinção conceitual e funcional, é justamente uma relativa indistinção corporal comportamental, enquanto interação coletiva necessariamente incorporada nas pessoas participantes, ou o que se poderia denominar de comportamentos espetaculares (mais ou menos) organizados e objeto desta almejada cenologia geral, hoje denominada temporariamente etnocenologia. (BIÃO, 1999, p. 18)

O ambiente e os comportamentos humanos e coletivos nos Festejos religiosos são mais do que rotinas sociais, são movimentos espetaculares que, deveriam ser lidos e apreciados. Então, estas rotinas sociais das celebrações religiosas “podem se constituir em eventos, consideráveis, a depender do ponto de vista de um espectador, como espetaculares, a partir de uma espécie de atitude de estranhamento, que os tornaria extraordinários” (BIÃO, 2007, p. 28).

⁷ Triadó (1991) citado por Oliveira (1999, p. 24) diz que “Barroco é o superlativo do extravagante, o excesso do ridículo”. Então, por mais simples que as igrejas se apresentam, em momentos de festividades o caráter extravagante prevalece nas ornamentações.

Assim, me embaso na etnocenologia para complementar a análise das observações e das narrativas. Pois, o que seria espetacular? Espetacular é “Uma forma de ser, de se comportar, de se movimentar, de agir no espaço, de se emocionar, de falar, de cantar e de se enfeitar. Uma forma distinta das ações banais do cotidiano” (PRADIER, 1999, p. 24)

Além disso Pradier (1999) diz que “Existem tantas práticas espetaculares no mundo que se pode razoavelmente supor que o espetacular, tanto quanto a língua e talvez a religião, sejam traços específicos da espécie humana (p. 28).” Neste sentido,

As expressões práticas espetaculares e comportamentos humanos espetaculares organizados servem para dar conta desse conjunto de fenômenos sociais nos quais está o teatro, nos quais está a performance, mas nos quais também estão o ritual religioso, a procissão, as festas públicas, as competições esportivas ou as manifestações políticas. Esses grandes fenômenos sociais que reúnem coletividades e que interferem na vida cotidiana promovem uma espécie de respiração social. (BIÃO, 2009, p. 128).

Estas práticas expressivas espetaculares envolvidas nos festejos religiosos da igreja católica, trazem na herança cultural da formação do povo brasileiro, não só características religiosas, mas também, de todo fenômeno social imbricado nos comportamentos. Nestas festas, o espaço religioso recebe o encontro do profano a partir da cultura popular e a devoção, como por exemplo a Festa do Divino Espírito Santo.

De acordo com relatos do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) (2009), a festa é a forma de agradecer ao Divino e é a certeza de receber bênçãos deste. Existem várias formas de contribuir nesta festa, como Imperador, como um cozinheiro, como folião ou como cavaleiro. A festa se faz como um momento solidário, a qual tem o objetivo de redistribuir e compartilhar, independente da função e atuação, todos os participantes ficam envolvidos, pois constituem o seu lugar no festejo. “É a partir deste lugar que se realiza a densa troca simbólica entre o Divino Espírito Santo e seus devotos.” (p.13)

E foi na Festa do Divino Espírito Santo que me encontrei como pesquisador e com o objeto da pesquisa. “Foi o Divino” como diria uma amiga, que me deu ideias

para formatar o caminho para a tese. A celebração do Divino traz aos ares sagrados o profano com requintes de comicidade. Assim é o Festejo do Divino,

[...] que é uma festa religiosa, de herança portuguesa, que celebra o Pentecostes. No Maranhão, a festa tem um ritual próprio, no qual uma parte extremamente importante é a presença das caixeiras, que recebem esse nome devido ao instrumento que tocam, chamado caixa, que é um tambor de dias peles, tocado com baquetas. As caixeiras conhecem o andamento desse rito. Como tradicionalmente a festa durava muitos dias, havia momentos de intervalo, ou mesmo após o encerramento da festa, em que as caixeiras se reuniam para toques mais profanos, ou seja, para cantar, dançar e brincar. (OLIVEIRA, 2006, p. 84)

Imagem 12 – Chegada do Divino Espírito Santo.



Fonte: Prefeitura Municipal de Tocantinópolis, responsável Dirceu Leno.

Além da Festa do Divino Espírito Santo, a igreja católica promove a celebração de outras entidades religiosas, os santos. Muitos festejos celebram os Santos e Santas, que tem em sua figura o simbolismo de intercessão dos devotos. O que é o caso da Festividade em Honra a Santa Ana, a avó de Jesus. A celebração acontece na segunda quinzena do mês de julho.

A segunda santa mais cultuada no Brasil colônia é Anna, mãe da Virgem Maria. A mãe de Cristo — santa de predileção da Igreja da Contra-Reforma [...] O culto da Virgem Maria tornou-se importante no Ocidente a partir do século XII, com a valorização da genealogia e da infância de Cristo [...] O primeiro episódio da vida de Maria foi sua concepção no ventre de sua mãe, Sant'Anna. Uma festa conhecida como a "Concepção de Anna" era celebrada em Constantinopla desde meados do século VIII e no Ocidente um século mais tarde. (SOUZA, 2002, p. 232, 233)

A celebração de Santa Ana acontece no mês de julho de cada ano, em especial fixada a data de 26 de julho pelo Papa Gregório XIII. Segundo a crença popular, é neste dia que se comemora o Dia dos avós, pois o Papa Paulo VI juntou a Festa de Santa Ana com a Festa de São Joaquim, avós de Cristo, fundando uma nova data de comemoração.

Imagem 13 – Festejo de Santa Ana, altar da igreja.



Fonte: acervo da pesquisa.

Outro santo em destaque neste estudo é Santo Antônio, comemorado na primeira quinzena do mês de junho. De acordo Castro (1987), Santo Antônio é um santo de origem portuguesa e foi de família nobre. Foi da Ordem Franciscana e lutava pelos mais oprimidos. Viveu no fim do século XII e início do XIII, seguia as regras de Santo Agostinho e era considerado um dos “Doutores da igreja”. Tem fama de ser o santo casamenteiro, sendo que, a celebração a este santo é realizada “[...] em torno de fogueiras, por entre berreiros de cantigas, em gastronômicas comilanças, em torneios beberrões, a tiros de garrucha, estrugir de foguetório, excursões aos rios e cisternas — em romarias casamenteiras.” (p.61)

Imagem 14 – Festa de Santo Antônio.



Fonte: acervo da pesquisa.

O mês de junho é um período carregado de festividades religiosas, tanto que muitas saíram do contexto religioso e tomaram gosto pela diversão da cultura popular, como é o caso da Festa de São João. Estas festividades conhecidas popularmente como Festas Juninas, trazem a contemplação das coisas profanas no espaço sagrado e, o contexto sagrado e da religiosidade para fora do templo.

Se pesquisarmos a origem dessas festividades, perceberemos que elas remontam a um tempo muito antigo, anterior ao surgimento da era cristã. De acordo com o livro *O ramo de ouro*, de sir James George Frazer, o mês de junho, tempo do solstício de verão (no dia 21 ou 22 de junho o Sol, ao meio-dia, atinge seu ponto mais alto no céu; esse é o dia mais longo e a noite mais curta do ano) no Hemisfério Norte, era a época do ano em que diversos povos — celtas, bretões, bascos, sardenhos, egípcios, persas, sírios, sumérios — faziam rituais de invocação de fertilidade para estimular o crescimento da vegetação, promover a fartura nas colheitas e trazer chuvas. (RANGEL, 2008, p. 15)

Imagem 15 – Festejo de São João Batista, ornamentação.



Fonte: acervo da pesquisa.

Segundo Côrtes (2000), o ciclo das festas juninas se estende desde as celebrações a Santo Antônio no dia 13 de junho, passando pelo Festejo de São José e finalizando com a Festa de São João no dia 24 e São Pedro no dia 29 deste mês. De acordo com Nóbrega (2010), o festejo de São João Batista se destaca como a principal festa popular e manifestação em homenagem a um santo. Esta celebração tem origem rural e simboliza o período de mudança climática e as colheitas do milho e do feijão. Em relação a devoção, este festejo representa a purificação, pois o santo em questão é símbolo de amor, alegria, ludicidade e erotismo. Nesta celebração,

As fogueiras, símbolo máximo da comemoração, estão relacionadas às tradicionais festas pagãs existentes na Europa antes da chegada do

cristianismo, realizadas em homenagem aos deuses da fertilidade, em que se comemoravam as boas colheitas e o fim do inverno. [...] A adoração a São João era tradicional na Península Ibérica e foi, portanto, trazida ao Brasil pelos jesuítas. [...] A festa chegou ao Brasil já carregada de elementos sacros e pagãos. A fogueira foi, então, relacionada ao lendário fogo de São João. (CÓRTEZ, 2000, p. 23).

A programação do ano festivo da igreja católica inicia e termina o seu ciclo pela celebração aos Santos Reis, ou Reis Magos, também conhecida como Folia de Reis, coincidindo com o nascimento de Jesus, o representante central desta religião. Porém, “[...] não há dados confiáveis no que tange a serem os magos ‘reis’ e muito menos ‘santos’, títulos que a religiosidade popular lhes conferiu [...]” (GALVÃO, 2002, p.19) Para Pergo (2012)

[...] a tradição da “Folia de Reis” teria chegado ao Brasil por intermédio dos portugueses no período da colonização, uma vez que, essa manifestação cultural era realizada por toda a Península Ibérica sendo comum a doação e recebimento de presentes a partir da entoação de cantos e danças nas residências. Nessa linha de argumentação, a Folia de Reis teria surgido no Brasil no século XVI, por volta do ano de 1534, por meio dos Jesuítas, como crença divina para catequizar os índios e posteriormente os negros escravos. Dessa forma, a Folia de Reis brasileira passou a ser composta pelas manifestações culturais de diversas etnias e povos, com variações regionais, seja quanto ao estilo, ao ritmo e ao som, entretanto, mantendo a mesma crença e devoção ao Menino Jesus, a São José, à Virgem Maria e aos Reis Magos. (p. 01)

Imagem 16 – Festejo de Santos Reis, encenação.



Fonte: acervo da pesquisa.

No mês de dezembro celebra-se a Imaculada Conceição ou Nossa Senhora da Conceição. De acordo com Boyer (2000, p. 13), "A imaginação dos crentes tem outros poderes criadores, segundo as épocas, segundo os países e segundo as

necessidades, eles reinventaram constantemente a imagem da personagem virtual que é a Virgem Maria". Para Becker (1999), a imagem da Imaculada Conceição com mãos unidas, remete a Idade Média e indica que a santa está em um gesto de oração, cativando assim, os devotos a fazer o mesmo.

Imagem 17 – Festejo em honra a Imaculada Conceição, vista da entrada da igreja.



Fonte: acervo da pesquisa.

Não tenho a intenção de associar o catolicismo com as religiões de matriz africanas, pois o foco deste estudo é o riso, porém, é preciso destacar que em muitas celebrações há a junção cultural religiosa, mesmo que implícita. De acordo com Leite (2003), de um lado Nossa Senhora da Conceição aclamada por cânticos católicos, Fogos e devoção em barcos enfeitados e de outro lemanjá conduzida em embarcações ornamentadas e flores lançadas nas águas em ritualização das religiões afro-brasileiras. Assim, pode-se fazer uma interrelação entre as duas divindades religiosas, o que está imbricado na junção cultural religiosa do brasileiro.

Destaco este festejo, pois naquele espaço de celebração a Imaculada Conceição foi, ou ainda é um local de encontros de celebração de uma religião afro-brasileira. O que marca a região e o seu encontro religioso e de diversidade devocional, mas parece não haver perturbações profundas quanto a isso. Apenas vive-se a religiosidade e a espiritualidade. Assim com esta divindade, outras tantas são lidas em outras religiões e/ou manifestações religiosas com outras denominações.

Imagem 18 – Vista do local de manifestações religiosas da Umbanda, em frente à Igreja de Nossa Senhora da Conceição.



Fonte: acervo da pesquisa.

Outro ícone religioso e que faz referência a Maria, mãe de Jesus, está na celebração do título de Nossa Senhora da Consolação. Esta titulação segue como a padroeira da cidade de Boa Vista do Padre João e é celebrada no mês de agosto. Este título a Nossa Senhora remete a Maria como consoladora dos aflitos e sua devoção foi iniciada por Santa Mônica⁸.

Por fim, a Festividade em Honra a São Francisco de Assis, que é celebrada entre os meses de setembro e outubro. “Meio religioso, meio leigo, nas cidades em pleno desenvolvimento, nas estradas e no retiro solitário, no florescimento da civilização urbana combinado com uma nova prática de pobreza, da humildade e da palavra, à margem da Igreja” (2001, p.9), assim o historiador Le Goff define Francisco de Assis, um jovem italiano que viveu entre os séculos XII e XIII e que abdicou da vida farta como filho de mercador e seguiu os votos de pobreza, dando uma visão diferente sobre humanidade. E continua,

Francisco alcança os últimos gestos da imitação de Cristo dos quais, antecipadamente, recebeu, através dos estigmas, a marca final. A 2 de outubro, reproduz a ceia. Benze e parte o pão e o distribui a seus irmãos. No dia seguinte, 3 de outubro de 1226, recita o Cântico do Irmão Sol, lê a Paixão no Evangelho de João e pede que o depositem na terra sobre um cilício coberto de cinzas. Nesse momento um dos irmãos vê de repente sua

⁸ Santa Mônica é a mãe de Santo Agostinho, de origem africana, mas não é celebrada na região do Bico do Papagaio.

alma, como uma estrela, subir direto ao céu. Tinha quarenta e cinco ou quarenta e seis anos. (LE GOFF, 2001, p. 91).

Imagem 19 – Capela São Francisco de Assis, zona rural.



Fonte: acervo da pesquisa.

Estas celebrações religiosas da igreja católica tem a intenção de promover a devoção nas pessoas que fizeram parte da vida de Jesus, e aquelas que, depois da sua passagem, continuaram propondo e disseminando as suas propostas, tidas como ensinamentos pelos fiéis. A referida igreja mantém em seu calendário festivo a adoração aos santos e suas intervenções diante do sagrado, pois é através dos santos que os devotos fortalecem a sua fé. De acordo com a doutrina da igreja, este fato acontece

[...] porque os santos estão no meio de nós, pertencem à nossa família e nós a deles. Como Igreja a caminho, que hoje dá os primeiros passos para o terceiro milênio, olhemos para eles para não perder a confiança em nós e nos outros. Os santos são sinal de otimismo nas chances de cada um: dirigamo-nos a eles a fim de descobrir o santo que existe em nós; meçamo-nos com eles para compreender que Deus não está acostumado a aceitar derrotas em relação à fragilidade humana (PADOVESE, 2002, p.7).

As festividades religiosas, de contexto católico, na Boa Vista do Padre João tomam proporção ampla na comunidade, apesar de que há muitas outras manifestações e outras ordens de fé. Porém, não são somente os fiéis católicos que participam destes festejos, a participação da comunidade geral é maciça fazendo com que muitas atividades e rituais se tornem culturais e não somente de aspecto religioso, como por exemplo as quermesses e os leilões. Momentos estes em que se encontram a comicidade e o riso, e seus promotores, os ridículos.

3.4 Comicidade, Riso e o Ridículo

3.4.1 *Deus, diabo e o riso*

Quando se está envolvido por uma vida toda regrada em questões de moralidade religiosa, muitas facetas do mundo profano são tratadas como heresia. Porém, muitas destas faces são também pertencentes ao espaço sagrado, assim culturalmente encaramos, algumas vezes com rança, a comicidade e o riso. Alguns se decepcionam outros se reinventam. Como diria Guimarães Rosa, “Com isso, desgostei de mim. Ah, no final da vez, o que ria o riso principal era ele, o demo.” (1994, p. 683)

A comicidade e o riso pertencem a cultura popular, fazem parte do mundo sagrado e do mundo profano. Tanto a comicidade quanto o riso são fatores essenciais, e que fazem parte da formação humana e do arranjo cultural dos humanos. Pela fé, pelo brincar e pela comicidade os sujeitos se constituem como pertencentes a religiosidade e aos gracejos simbólicos dos festejos, que por mais que aparentam ser de contexto católico trazem na mistura raízes religiosas de outros segmentos, em especial, de origem pagã.

“Do alto do púlpito, o padre permitia-se toda espécie de histórias e brincadeiras a fim de obrigar os paroquianos, após um longo jejum e uma longa abstinência, a rir com alegria.” (BAKHTIN, 2010, p. 68) Então, o ridículo pede passagem, se estranha e se envolve no sagrado e no profano; o ridículo profana o sacro e sacraliza o profano. O ridículo entre o sagrado e o profano. O ridículo não deixa o sacro e o profano se estranharem, e quando se estranham se dissolvem no riso; ele não faz a união, mas ameniza os estranhamentos, fragiliza as potências e alivia as tensões.

A comicidade faz parte dos festejos religiosos, nas brincadeiras, nos risos que envolvem as rodas de amigos, porque faz parte do cotidiano das pessoas. Faz com que as pessoas sorriam, tenham prazer no riso, e em viver o tempo alegre. “A comicidade, aliás, não é exclusiva do palhaço de folia de reis, e está presente em

numerosos folguedos populares e em narrativas orais e escritas nos mais diversos tempos e lugares.” (BITTER, 2008, p. 163)

Parece que o sujeito precisa da questão cômica para fortalecer a sua fé e, talvez, descaracterizar o profano explícito na sua maneira de ser, ou na sua condição quando alcoolizado. Seria o ridículo uma máscara simbólica para esconder o que lhe parece distorcido da fé? O ridículo profano só terá espaço no ambiente religioso quando este se descaracterizar como tal e assumir o papel neutro entre o sacro e o seu oposto.

O princípio cômico que preside aos ritos do carnaval, liberta-os totalmente de qualquer dogmatismo religioso ou eclesiástico, do misticismo, da piedade, e eles são, além disso completamente desprovidos de caráter mágico ou encantatório (não pedem nem exigem nada). Ainda mais, certas formas carnavalescas são uma verdadeira paródia do culto religioso. Todas essas formas são decididamente exteriores à igreja e a religião. Elas pertencem à esfera particular da vida cotidiana. (BAKHTIN, 2010, p. 06)

As “Formas dos ritos e do espetáculo” é uma das manifestações da cultura cômica popular apontadas por Bakhtin (2010) para descrever o “mundo às avessas”, uma ruptura entre o oficial e o cômico. Mundo este que tem a pretensão de se renovar, batendo de frente com a arrogância imposta pela cultura religiosa e seu mundo divino.

Para Bakhtin (2010), as festas populares da Idade Média, ou seja, o Carnaval, “[...] não era uma forma artística de espetáculo teatral, mas uma forma concreta (embora provisória) da própria vida, que não era simplesmente representada no palco, antes, pelo contrário, vivida enquanto durava [...]” (p.06). O que direciona para os Festejos Religiosos e sua implicação com a cultura cômica popular.

De acordo com Bakhtin (2010), o riso se caracteriza em 3 (três) aspectos envolventes: universalismo cômico, liberdade utópica e verdade popular não oficial. Assim, o sacerdote traz em seu riso a quebra da seriedade amarga do ato religioso, a quebra dos protocolos e dando um tom não opressivo ao culto, o que o traz para perto dos devotos, muitas vezes para a intimidade.

Bakhtin (2010) traz a ruptura que o aspecto carnavalesco tem em relação ao “tom sério” do cotidiano, então, este contexto permite fazer uma ligação ao ato de transgredir a seriedade religiosa pelas atitudes e pensamentos carnavais dos jovens. A

figura do grotesco também pode ser vista neste momento, pois sabe-se da seriedade do contexto religioso, mesmo assim algo os levam a profanar o que está imposto pela igreja. Pode-se ver a cultura cômica popular e a carnavalização descrita e proposta pelo pensamento bakhtiniano, e um indício é que a Igreja Católica proíbe a fornicção e o consumo de carne vermelho durante a quaresma.

Bem se vê a banalização do sério, a profanação do sagrado e a inversão dos valores estabelecidos em uma ironia grotesca com objetivo do riso e da quebra da seriedade religiosa, mesmo que seja algo inconsciente dos jovens. O riso e, conseqüentemente, aquilo que é risível não tem lugar específico nas questões sociais, ele surge na contraposição do que está imposto. O riso, então, pode causar estranheza bem como sensação de catarse nos envolvidos, tanto em quem propõe o riso, quanto em quem é o objeto do riso ou se faz valer da sua condição de ridículo para promover a alegria, mas não sempre com o intuito de agradar, e sim de afrontar e causar reflexão. Assim é a ironia, por exemplo.

A ironia, então, é uma das facetas da comicidade que se envolve no cotidiano, e, em especial, no contexto religioso, nas festas de celebração. Entretanto, o riso não é algo bem-vindo ao contexto religioso de acordo com os dogmas religiosos, mas como faz parte das relações sociais está presente neste ambiente, do profano ao sagrado. Neste sentido, percebe-se que

Tertuliano, Ciprião e São João Crisóstomo levantaram-se contra os espetáculos antigos, principalmente o mimo, o riso mímico e as burlas. São João Crisóstomo declara de saída que as burlas e o riso não provêm de Deus, mas são uma emanção do diabo; o cristão deve conservar uma seriedade constante, o arrependimento e a dor em expiação dos seus pecados. (BAKHTIN, 2010, p. 63)

A doutrina religiosa, neste caso a católica, exclui o riso, mas não nega a sua efervescência cultural, especialmente em países de cultura latina. O significado do riso para a igreja toma formas variadas durante a história, tanto que o riso não exclui a religião, ele não se opõe ao sagrado, apenas se aproveita do contexto religioso para se inserir como “graça”, como bem-estar dos fiéis nos festejos que celebram os intercessores, os santos católicos.

Propp (1992) diz que, no ambiente religioso o riso é excluído, pois o mesmo seria considerado sacrilégio. Porém, destaca que o riso e a alegria não são

incompatíveis com todas as religiões, mas se caracteriza na religião cristã e suas congregações antigas. Característica não observada nas religiões da Antiguidade e suas celebrações saturnais e dionisiacas.

O contraste entre as coisas profanas em um contexto sagrado, são percebidas nas celebrações pontuais e tradicionais, nas quais há espaço para o riso, a comicidade, a condição de ridículo. Isto pode ser visto nas dramatizações, nas performances ritualísticas e nas narrativas cômicas, muitas na forma de piadas e ironias do cotidiano dos devotos durante as festas. Fischer citado por Freud (1977) diz que: “Um chiste é um juízo lúdico. [...] A liberdade produz chistes e os chistes produzem liberdade. [...] Fazer chistes é simplesmente jogar com as ideias. [...] O chiste é o padre disfarçado que casa a todo casal.” (p. 9) Então, “O riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre um mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem [...]”. (BAKHTIN, 2010, p.11)

O que nos interessa especialmente, são as grosserias blasfematórias dirigidas às divindades e que constituíam um elemento necessário dos cultos cômicos mais antigos. Essas blasfêmias eram ambivalentes: embora degradassem e mortificassem, simultaneamente regeneravam e renovavam. [...] Apesar de sua heterogeneidade original, essas palavras assimilaram a concepção carnavalesca do mundo, modificaram suas antigas funções, adquiriram um tom cômico geral e converteram-se, por assim dizer, nas centelhas da chama única do carnaval, convocada para renovar o mundo. (BAKHTIN, 2010, p. 11)

Lembrei do Ecce Homo de Nietzsche, no qual diz: “Não sou, por exemplo, um espantalho, um monstro moral – sou antes uma natureza contrária à espécie de homens que, até agora, se veneraram como virtuosos. Aqui só para nós, parece-me que isto se ajusta precisamente ao meu orgulho. Sou um discípulo do filósofo Dioniso, prefiro ser um sátiro a ser um santo.” (2008, p. 7)

Eis o ridículo no meio de nós! Nos ambientes sacros há possibilidades de inserção das coisas profanas, e vice-versa, mas essa inserção só se torna possível, sem estranhamentos e com marcas profundas, se houver uma leveza nas ações e que deixa o contexto sem descaracterizar as suas proposições. Para isso, o riso entra em cena. “Sem esquecer-vos, tampouco, do bom riso! Esta coroa do ridente, esta coroa de rosas entrelaçadas: a vós, meus irmãos, atiro esta coroa! Eu santifiquei o riso; ó homens superiores, aprendei – a rir!” (NIETZSCHE, 2010, p. 20)

O riso traz significados aos significantes “deus” e “diabo”, através dos comportamentos, da espiritualidade e da condição de vida de cada sujeito, mesmo que este esteja imerso em um ambiente sagrado. Pois, “[...] não é sua mudança brusca de atitude que provoca o riso, é o que há de involuntário na mudança, é o mau jeito [...]” (BERGSON, 2004, p. 7)

No mundo criado por Deus, cada ser tinha sua perfeição particular; a essência coincidia com a existência. Não havia nenhuma possibilidade de distanciamento, logo, de rir. Se o riso existe, é em razão do pecado original, que degradou a criação; o homem não coincide mais com ele mesmo. Foi o diabo que produziu essa fissura, pela qual se introduziu o riso. O diabo é ridente, zombador, eternamente distante de si mesmo, para isso foi criado. (MINOIS, 2003, p. 630)

A comicidade traz uma nova abertura ao mundo fechado, exclusivo, impermeável das celebrações religiosas. O risível faz refletir pelo repúdio, mas ao mesmo tempo, faz resignificar o contexto pelo bem-estar. “Há no riso sobretudo um movimento de relaxamento.” (BERGSON, 2004, p. 144).

Para Minois (2003), o ato de rir traz uma grande contribuição para a recriação e resignificação do mundo, tanto nas festas dionisíacas, quanto nas saturnais e com ritualização de inversão. Simulando, desta forma, o retorno de um ciclo que se faz necessário para a estabilidade das normas culturais, sociais e de cunho político. A participação nestas festas, então, traz uma confirmação da necessidade de um caos primitivo, com intuito de renovação.

Por mais que a instituição religiosa tenha na sua doutrina uma vasta cartilha que procure manter uma certa ordem e rigidez, as questões sociais e culturais começam aos poucos a tomar conta do contexto. Esse fenômeno social pode ser visto nos períodos das Festas de celebração aos Santos da Igreja Católica; são as intervenções que inserem nas celebrações o riso e outras atividades profanas, que conscientemente não tem intenção de afrontar o sagrado, talvez inconscientemente, mas de aproximar o popular ao templo. “O riso é uma arma de destruição: ele destrói a falsa autoridade e a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio”. (PROPP, 1992, p. 46)

De acordo com Bakhtin (2010), o riso na festa popular, na cultura popular, engloba a vitória de tudo aquilo que estava oprimido, limitado e esquecido pelo

poder. A festa popular, então, traz o riso como um mediador da voz do povo contra as opressões e tiranias da aristocracia social.

Essa resistência ao autoritarismo, que muitas vezes é direcionado pelas doutrinas religiosas, pode ser percebida nas questões pessoais, nas tomadas de atitude individuais e não coletivas, inicialmente. A embriaguez, as piadas, os estados de humor alterados, as vontades e a individualidade daqueles que participam dos festejos, em um primeiro momento trazem certo receio, mas em muitos casos contaminam as ações do coletivo em transgredir para festejar, em viver o tempo alegre. Pois,

[...] na tradição da festa popular (e em Rabelais), as imagens de banquete se diferenciam nitidamente daquelas que dizem respeito ao comer na vida privada, da glotonaria e embriaguez correntes [...]. Essas últimas são a expressão da satisfação e da saciedade concretas de um indivíduo egoísta, a expressão do gozo individual, e não do triunfo do conjunto do povo. (BAKHTIN, 2010, p. 263-264)

As festas religiosas seguem à risca as regras da doutrina, porém é um momento em que as pessoas possam extravasar, expor seus sentimentos, suas dores, suas aflições, suas alegrias e glórias em busca do reconhecimento coletivo. Este extravasar, muitas vezes, passa pelo grotesco, pelas ações risíveis, pelo riso. Mesmo em um ambiente sagrado, sisudo, rígido, de sentimentos fechados, quando se trata de festa há a possibilidade de se libertar de tudo isso, de corromper o que está imposto. Então, as coisas profanas se misturam com as sagradas.

Segundo Bergson (2004), a sociedade suspeitará de toda rigidez, mesmo sendo de corpo, de caráter e espiritual. Pois a excentricidade pode estar adormecida, mas faz parte do sujeito. Então, o excêntrico está isento de qualquer repressão e intervenção social, sendo que este se isola do centro comum, o qual a sociedade prega como normal. O social sente como um sintoma, apenas algo que ameaça, por estranheza, porém sem conseguir intervir definitivamente.

A ideia de que o homem sensato e religioso não ri vem desde tempos antigos, nos quais se conciliava o riso como uma ferramenta profana, do diabo, do mal. Pois, “[...] o homem que ri não reflete. Poderá refletir depois, e, caso a primeira impressão tiver se demonstrada errônea, a comicidade e o riso terão desaparecido.” (PROPP,

1992, p. 176) Desta forma, as questões religiosas na história foram de embate ao riso; e o riso como um transgressor, especialmente no espaço religioso.

De acordo com Bakhtin (2010), o grotesco medieval trouxe a cultura do riso como um evento extraoficial e de cunho radical com intuito de libertação, pois considera-o um aspecto lúcido nas relações. A proibição do riso ao acesso das vidas e das ideias, não foi suficiente para condená-lo, e sim deu-lhe caráter de transgressor nas praças públicas durante as festas populares e a literatura. O risível, então ganha espaço na cultura popular.

Estas colocações do risível entre deus e o diabo, são vistas e vivenciadas nos tempos atuais e ao longo dos tempos, pelas escolhas entre o bem e o mal, entre o certo e o errado. O riso, assim, levanta uma dúvida entre as questões éticas e o moralismo. “Na tragédia nós simpatizamos com o derrotado, na comédia, com quem ganha” (PROPP, 1992, p. 142). Isso se vê com o riso “no lugar certo”, “na hora certa”, o riso e a alegria atrapalham a normalidade por sua ousadia.

Para Bergson (2004), uma expressão honesta de algo desonesto, ou tornar uma situação moral de algo imoral, ou fazer um gesto rude de algo sutil, ou tomar com respeitabilidade um mau comportamento, geralmente, torna-se cômico. A estranheza de atitude em relação a uma ação contrária sobre uma ação repugnante é vista pelo social, pelo outro, como ironia, como deboche. Fica implícito nas entrelinhas.

E não é somente nas ações cotidianas, mas nas manifestações artísticas, principalmente, que se pode encontrar o “pecado” lançado pela comicidade e o riso. Ou seja,

No realismo grotesco (isto é, no sistema de imagens da cultura cômica popular), o princípio material e corporal aparece sob a forma universal, festiva e utópica. O cósmico, o social e o corporal estão ligados indissolavelmente numa totalidade viva e indivisível. É um conjunto alegre e benfazejo. (BAKHTIN, 2010, p. 17)

A literatura brasileira nos traz belos exemplos deste entrave entre deus, o diabo e o riso. Na obra *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, o palhaço narra a estória entre os personagens Chicó e João Grilo, que tentam convencer o padre a

benzer o cachorro de sua patroa, mas o padre não o faz e o cão acaba morrendo. Segue um trecho:

Curva-se profundamente e o Bispo entra pela direita, acompanhado pelo Frade. O Bispo é um personagem medíocre, profundamente enfatuado, enquanto o Frade, a quem todos tratam com desprezo mal disfarçado, é a alegria e bondade em pessoa. Ante a curvatura do Palhaço, o Bispo faz um gesto soberano, mandando-o erguer-se. O Frade aponta o Palhaço e dispara na risada, tapando a boca com a mão, mas o Bispo olha-o severamente e o Frade baixa a cabeça, intimidado. Nova curvatura do Palhaço, novo gesto do Bispo. (SUASSUNA, 2014, p.72)

Jogar com o riso no espaço religioso é uma missão complexa, mas ao mesmo tempo fácil. Os parodistas que o digam, pois são eles, profissionais ou não, aqueles que fazem do ambiente sagrado um lugar mais habitável e alegre. A zombaria aflora, mesmo sem a intenção consciente de escarniar o sagrado, os desejos mais profundos de fazer o outro rir, de se deixar rir, de desejar o riso. Para Bakhtin (2010, p. 73), a paródia não tinha preocupação com aspectos negativos, “[...] certas imperfeições do culto, da organização da Igreja, da ciência escolar, que poderiam ser objetos de derrisão e destruição. Para os parodistas, tudo, sem a menor exceção, é cômico [...]”

A comicidade, por sua vez, vincula a condição cômica dos participantes dos cultos e festejos religiosos, nos locais públicos, sagrados ou não, com o riso e a quebra de conduta, em especial a moral. Mas, isso não significa o desprezo pelo sagrado, e sim um novo entendimento, mesmo que pelo afronte, das ideias e dos objetivos da doutrina religiosa. O riso, então, tem papel importante em uma nova consciência de deus e do diabo, pela liberdade de refletir sobre as peculiaridades da igreja sem desmerece-la e sem reprimir o tempo alegre e o risível.

De acordo com Bakhtin (2010), o povo nutre desconfiança pela seriedade e ama o riso, a quebra do que foi posto como sério. A sociedade encara a seriedade com consciência de liberdade, em ser crítico e se opor a sisudez. E é através do grotesco, do riso, que ocorre esta quebra. “Sabemos que os autores das paródias mais desenfreadas dos textos sagrados e do culto religioso eram pessoas que aceitavam sinceramente esse culto e o serviam com não menor sinceridade.” (p. 82)

Por fim, deus e o diabo estão sempre presentes no templo, um sendo exaltado o outro combatido. O riso vem ao encontro desta guerra, ora estremeando

esta relação de oposição, ora jogando-os ao espaço do profano sem exaltação. O sagrado e o profano entre deus e o diabo, mas a caminho do risível e da comicidade.

3.4.2 O ridículo, a comicidade e o riso

O escritor Machado de Assis já dizia, “Aceitemo-lo com os seus ridículos; quem os não tem? O ridículo é uma espécie de lastro da alma quando ela entra no mar da vida; algumas fazem toda a navegação sem outra espécie de carregamento”. (1994, p. 07) E Dostoiévski traz a proposição do homem ridículo, pois, “Isso é ridículo e, no entanto, era isso mesmo. É a verdade, isto é, a mais, a mais verdadeira das verdades!” (2011, p. 13)

O ridículo, por tanto, rebaixa a essência do que está elevado, e eleva o que foi rebaixado. No embate entre o sagrado e o profano, o ridículo faz, não um equilíbrio, mas uma harmonia entre aquilo que está sacralizado e o que vem a ser profanado. Mesmo assim, não descredencia os valores postos, e sim, potencializa sem desmerecer. (COLETTI, 2008, p.30)

O lado cômico, risível, ridículo, muitas vezes está obscuro, impregnado de pejorativos e de temores. Mas é este lado ridículo que deixa transbordar a essência de cada um; que traz à tona aquela criança sapeca, arteira, que ainda mora dentro de cada sujeito. O ridículo é uma flor na alma; uma flor feia em primeira vista, mas que exala um ótimo perfume para quem sabe cheirar e apreciar!

Nascentes (1955) traz a etimologia da palavra cômico, a qual advém do grego *komikós*, que remete a comédia. De acordo com Brandão (1999), o termo comédia ou *komoidía* em grego significa canto de um grupo de foliões. Já a palavra ridículo tem origem no latim *ridiculus*, aquele ou aquilo que provoca o riso, e este parte de *ridere*, rir. Acredito que o lado pejorativo do termo ridículo tem base cultural, especialmente, das questões religiosas. Sendo que, o termo ridículo é vinculado como sinônimo de irrisório, que tem a sua origem etimológica do latim *irrisoriu*, que significa escárnio (do latim *escarnir*, rasgar a carne) ou aquilo/aquele que de tão

pouco valor desperta o riso. E por não saber entender o riso do outro para si, muitos se sentiam incomodados, que até provocava dor. O riso, então, torna-se um meio de rebeldia, mas também, algo incomodativo.

O ridículo pode estar em qualquer lugar, pois faz parte de nós; ele está até onde menos se espera, inclusive em lugares onde o prazer da alegria, do riso, é levado como algo que desmerece o contexto, em especial, os festejos e as comemorações sacras. Cada pessoa tem seu lado ridículo, cômico, irreverente, mas nem todos conseguem externá-lo. Padrões estéticos, de costumes e de comportamento muitas vezes inibem o encontro com o ridículo, porém, aqueles sujeitos de si, que se reconhecem como tal conseguem conviver e produzir sentidos com uma condição ridícula. Então, “[...] o riso é, de certo modo, um manifesto em favor da liberdade. E trata-se de uma liberdade específica: a de usar o “ridículo” livremente, como uma maneira de desmascarar imposturas e superstições.” (ALAVARCE, 2009, p. 85)

A formação do cômico na cultura popular a partir da percepção do ridículo de si e da possibilidade de ser risível, sem temer o riso do outro, antes mesmo de uma possível e futura formação de atores e atrizes cômicos, de palhaços de circo, é o núcleo desta tese. Pois, quando o profano se aproxima do sagrado, mesmo em ambiente sacro, tenta penetrar, atravessar, não para destruir, mas para desconstruir e reconstruir o contexto e, através do riso e da comicidade que o ridículo tem papel de apaziguar os estranhamentos.

Não é apenas nos jogos de encenação oficiais, como dramatizações, performances e apresentações, que se encontra a comicidade e a transformação popular, mas também, nas questões cotidianas de cada sujeito. As máscaras e as fantasias da vida cotidiana tomam novas formas. “Um dos elementos obrigatórios da festa popular era a fantasia, isto é, a renovação das vestimentas e da personagem social. Outro elemento de grande importância era a permutação do superior e do inferior hierárquico: o bufão era sagrado rei [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 70)

Propp (1992), na sua obra “Comicidade e riso”, diz que é através da percepção do ridículo que decorre a comicidade, sendo a zombaria a maior fonte para a comicidade, pois seu objeto principal é a estupidez.

Bergson a respeito do riso e da emoção, diz que:

O maior inimigo do riso é a emoção. Isso não significa negar, por exemplo, que não se possa rir de alguém que nos inspire piedade ou mesmo afeição: apenas, no caso, será preciso esquecer por alguns instantes essa feição, ou emudecer essa piedade. [...]” (2004, p.13)

Assim, Sartre (1997, p. 336) refere-se que a vergonha é a “vergonha de si, reconhecimento de que sou este objeto que o outro olha e julga. Tenho vergonha de minha liberdade porque ela me escapa para se converter em objeto.” Nada mais é do que confirmar que as pessoas que se reconhecem no ridículo, que entendem e aceitam a sua condição de ridículo, mesmo que temporária, sentem a liberdade e vivem sem amarras e trabalham melhor com suas amarguras.

No sentido das celebrações religiosas, o ridículo não é algo fora do sagrado e do profano, ele está “entre”. Não como uma fronteira, nem como um obstáculo, nem um divisor, mas como um instrumento de atravessamentos entre aquilo que é sacro e aquilo que tenta profanar.

Inicialmente, entendo que a formação cômica está a compreensão da condição cômica, do risível, do ridículo de si. Isto parece presente e bem trabalhado nas crianças “saudáveis”. As amarguras da vida adulta e de um mundo melindrado por questões de ego exacerbado faz com que a condição ridícula que cada um de nós tem fique escondido, adormecido. Então, há um ridículo dentro de nós e ele se manifesta em muitos momentos; alguns não conseguem entender e sofrem, outros aproveitam a condição para voltar a ser criança. De tal modo, acontece em ambientes e contextos religiosos, mas a condição de ridículo está presente, em muitas vezes, para amenizar o desprazer do profano em meio sagrado.

Alberti (1995, p. 2), referenciando Joubert (1973), descreve que “No *Traité du ris*, “ridicule” não se reveste necessariamente da conotação pejorativa que virá a ter mais tarde como adjetivo. Trata-se, antes, de uma denominação genérica para aquilo que faz rir, o objeto do riso”. O ridículo, em um sentido geral, não pode ser tratado apenas como algo pejorativo, porém, como algo que produz o riso.

Segundo Matos (2001, p. 93), sobre os receios de promover o riso, diz que, “Ter medo do ridículo é ter medo de ser objeto do riso alheio. Ser objeto do riso

alheio supõe a transgressão de certas normas prezadas por outrem, evita-lo implica a adequação a tais normas e, conseqüentemente, a renúncia de si mesmo.”

O grotesco para Bakhtin (2010), o que também pode ser conjugado como ridículo, é algo inseparável da cultura cômica popular e da visão carnavalesca do mundo, sendo que o objetivo dele é a quebra da seriedade, liberando, assim, os pensamentos e a imaginação para o novo. Então, tomo a liberdade de definir o riso em Propp (1992) como advindo da zombaria, ou melhor, do ato de rir de alguém ou de alguma coisa. Seria a finalidade da condição de ridículo. No entanto, o riso em Bakhtin (2010) está na condição inicial do ridículo, ou seja, no ato de rir com alguém ou com algo, o que o autor trata de comicidade carnavalesca.

O ridículo está presente, mesmo que muitas vezes imperceptível por muitos, mas está impregnado no contexto entre o sagrado e o profano nos festejos religiosos, pois a sua função social é ludibriar os embates entre aquilo que é profano naquilo que é sagrado. Onde há riso, ou a vontade de rir, e assim há quem o promove, o ridículo.

O preconceito pela condição de ridículo faz parte da cultura nacional, pois o risível é algo alheio que traz um poder irreversível que domina o outro, sem qualquer defesa, o riso. Assim, a condição de fazer o outro rir em um entreposto das coisas profanas nas coisas sagradas faz do ridículo algo a ser temido, porque o riso ainda dá sentimento de conflito entre o prazer e a humilhação. Como diria Dostoiévski,

Sou um homem ridículo. Agora já quase me têm por louco. O que significaria ter ganho em consideração, se não continuasse sendo um homem ridículo. Mas eu já não me aborreço por causa disso, agora já não guardo rancor a ninguém e gosto de toda a gente, ainda que se riam de mim... sim, senhor, agora, não sei por quê, mas sinto por todos os meus próximos uma ternura especial. Teria muito gosto em acompanhá-los no vosso riso... não precisamente nesse riso à minha custa, mas sim pelo carinho que me inspiram, se não me fizesse tanta pena vê-los. É pena que não saibam a verdade. Oh, meu Deus! quanto custa isso de ser um só a saber a verdade! Mas isto não compreendem eles. Não, nunca compreenderiam isto. (2011, p. 93)

Na cultura cômica popular, de acordo com Bakhtin (2010, p. 16), as “[...] imagens do corpo, da bebida, da comida, da satisfação de necessidades naturais e da vida sexual [...]” são exageros, e constituem uma extravagância expressiva, sendo que o riso é um veículo para isto. Aliás, a comicidade da cultura popular traz a regeneração para um mundo em constante renovação.

A intenção daquilo que é estranho ao olhar do outro, daquilo que é grotesco, sendo risível ou não, traz uma ideia de confrontar o que está cominado e muitas vezes imperceptível, muito por acomodação social. O grotesco se insere nos contextos sociais para corromper com o que era intocável, trazendo o riso como um sinal ou sintoma de que o que era sublime foi corrompido pelo ridículo.

Para Soerensen (2011), o grotesco, o ridículo, rebaixa o que está elevado, sublime, transferindo para o plano corporal este rebaixamento. O corpo, então, toma forma de risível, bem como outras questões materiais que envolvem o corpo, como as máscaras e as vestimentas. A máscara materializa o exagero, ela quebra o sublime e eleva o ridículo, como faz o palhaço e a menor máscara do mundo, o nariz. O riso nasce do grotesco que o corpo apresenta e representa para o outro.

Inserido nas questões sociais o riso traz a comicidade como uma proposta de movimento social contra as artimanhas políticas que oprimem os sujeitos. A comicidade, através do riso, coloca o indivíduo no centro da ação fazendo com que a própria ação seja voltada ao coletivo, mesmo que partindo de um ponto particular. Pois, as interpretações do que é risível depende não só do contexto, mas daquilo que cada sujeito traz consigo. Então, “[...] o riso tem significado e alcance sociais”, e “[...] a comicidade exprime acima de tudo certa inadaptação particular da pessoa à sociedade, de que não há comicidade fora do homem, é o homem, é o caráter que visamos em primeiro lugar.” (BERGSON, 2004, p. 99-100)

Como diria Bergson, “[...] O riso estará lá para corrigir sua distração e para tirá-la de seu sonho. [...] Sempre um pouco humilhante para quem é seu objeto, o riso é de fato uma espécie de trote social.” (2004, p. 100-101) Aquilo ou aquele que se transforma em risível, então, nem sempre o faz por intenção, mas muitas vezes por determinação do outro, do contexto, enfim, do que está fora do controle, e isso pode se tornar algo prejudicial e humilhante.

Segundo Coletti (2008), “[...] ao mesmo tempo em que uma manifestação grotesca pode provocar riso, ela pode também causar choro ou mesmo ódio, ou terror.” (p.30) Pois, há uma confusão de estranheza, causada pelo cômico, fazendo com que algo pode ser levado para o lúdico ou para um sentimento de crueldade. O

grotesco permite a possibilidade de que uma situação passe pelo absurdo e a desavença até a alegria e o riso.

O risível se estende pelo contraditório, e é através deste paradoxo, do absurdo, que a condição de ridículo constitui a sua ação social, pois o riso se encontra no cotidiano e nas

[...] relações sociais, o riso é vivido como elemento de coesão e de força diante do inimigo, como o mostram os risos homéricos ou espartanos; ele é também um freio ao despotismo, com as bufonarias rituais dos desfiles triunfais em Roma, ou as sátiras políticas em Aristófanes; é, por fim, um instrumento de conhecimento, que desmascara o erro e a mentira, como no caso da ironia socrática, das zombarias dos cínicos, da derrisão dos vícios em Plauto ou Terêncio. (MINOIS, 2003, p. 630)

O ato de debochar, ironizar, causar desconforto pelo riso através do risível que pertence ao outro, mesmo que provoque constrangimento em um primeiro momento traz a questão do absurdo, daquilo que fez rir do outro. Porém, a ironia desloca as contradições e estabelece uma nova ordem do riso, fazendo com que o sujeito objeto do riso, ou a sua condição de ridículo, seja revista e aceita por ele mesmo, fazendo surgir o riso de si.

De acordo com Propp (1992), a ironia se faz entender sem a necessidade de expressar um conceito já formado sobre algo ou alguém; ela pode ter um sentido positivo ou negativo da ação que se contrapõe, a finalidade é romper com o que foi imposto. Pela intenção de querer dizer o que não se está dizendo, deixa-se subentendido o sentido contraditório da ação. A ironia traz o desmonte do que está posto pela zombaria de uma nova ordem, com a ideia do riso como objetivo final. “A ironia revela assim alegoricamente os defeitos daqueles (ou daquilo) de que se fala. Ela constitui um dos aspectos da zombaria e nisto está sua comicidade.” (p. 125)

Corroborando, Alavarce (2009) diz que, o sujeito ironista traz uma posição julgadora com finalidade negativa, ou de repúdio, com tom de deboche, de ridículo e desprezo a um fato, uma ação ou alguém. O que infere aos receptores da ironia algo no sentido emocional, por parte do sujeito ironista, ou irônico. E é esse fator emocional que em um primeiro momento traz algumas estranhezas a quem interpreta as ações irônicas. A ironia, então, como ferramenta para o riso depende de como o outro recebe a atitude de contraposição.

Do mesmo modo, a ironia faz parte da condição de ridículo do cômico, e é uma das facetas para tal. O ridículo, todavia, traz na sua bagagem de vida um histórico lúdico, na qual tomo a liberdade de afirmar a complementação entre a comicidade e a ludicidade⁹. O brincar, por sua vez, faz parte desta condição risível, de fazer o outro rir, de buscar o riso. Por isso,

[...] outra função da ironia é a função lúdica. Ela pode ser entendida como caracterizadora de uma ironia afetuosa de provocação benevolente, podendo estar associada também ao humor. As inferências contrárias também marcam esse tipo de manifestação irônica: essa função faz da ironia um tipo de discurso irresponsável, vazio e tolo, que não oferece, portanto, nada importante [...] (ALAVARCE, 2009, p.52)

Sendo que, “[...] o cômico exige como certa anestesia momentânea do coração para produzir todo o seu efeito.” (BERGSON, 2004, p.13) Pois, “[...] o riso esconde uma segunda intenção de entendimento, quase de cumplicidade, com outros ridentes, reais ou imaginários.” (p. 5) O efeito do riso pela ironia pode ser percebido nos textos das apresentações dramáticas que permeiam os festejos religiosos, bem como a própria narrativa dos participantes, comumente conhecidos como brincantes.

Hutcheon (1989), citada por Gruda (2010, p. 816) diz que,

A paródia é, pois, na sua irônica “transcontextualização” e inversão, repetição com diferença. Está implícita uma distanciação crítica entre o texto em fundo a ser parodiado e a nova obra que incorpora, distância geralmente assinalada pela ironia. Mas esta ironia tanto pode ser apenas bem humorada, como pode ser depreciativa.

Desta forma, “[...] rompemos com as conveniências assim como há pouco rompíamos com a lógica. Enfim, assumimos ares de quem está brincando. Aqui também nosso primeiro movimento é de aceitar o convite à preguiça”, diz Bergson (2004, p. 145). É a relação do brincar com o riso, e a comicidade com a ludicidade. Neste sentido, Bakhtin (2010) diz que, a visão carnavalesca do mundo traz no riso a base do grotesco uma possibilidade que destrói a seriedade unilateral, através da imaginação humana e da consciência.

⁹ No Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia, o termo “lúdico” é apresentado de modo incisivo: “serve de adjetivo correspondente à palavra Jogo. Desse modo, ao compreendermos a remissiva temos a compreensão de jogo definida como: dispêndio de atividade física ou mental que não tem um objetivo imediatamente útil, nem sequer definido, cuja razão de ser, para a consciência daquele que a ele se entrega, é o próprio prazer que aí encontra.” (PASSOS, 2013, p. 43)

Pois, o riso deve ser, segundo Bergson (2004), um tipo de “gesto social”. O riso inspira o medo e a vigilância, e reprime as excentricidades, portanto, não deixa adormecer e isolar o homem e suas ações no social. Enfim, o riso traz certa flexibilização da rigidez nas relações sociais e na convivência mecânica.

Mesmo em um espaço de celebração religiosa, as questões cômicas se embrenham nas questões sociais, faz parte do coletivo social. “O riso é certo gesto social que ressalta e reprime certa distração especial dos homens e dos acontecimentos.” (BERGSON, 2004, p. 65) Porém, há quem reprime o riso e verse a comicidade como algo pejorativo, contudo “A comicidade dirige-se à inteligência pura.” (p. 104) Além disso, e independente do contexto, “Gostamos de rir, e todos os pretextos para isso são bons.” (p. 151). Como proferiria Walter Benjamin, “Observe-se de passagem que não há melhor ponto de partida para o pensamento que o riso. As vibrações físicas produzidas pelo riso oferecem melhores ocasiões para o pensamento do que as vibrações da alma”. (1987, p. 134)

No entanto, Bergson (2004) cita que o riso deve ser compreendido no seu meio natural, ou seja, no contexto social e deve ser determinada e compreendida a sua função útil pela sociedade, que é uma função social. O riso, portanto, deve corresponder aos fatores sociais da vida cotidiana, comum, e deve ter significação para a sociedade que pertence, além de ter relevância em relação a cultura que está imerso.

Neste contexto, Propp (1992) propõe que, o risível tenha sua especificidade e efetividade na comicidade e essa se define, não exclusivamente, pela sua contraposição ao que é trágico. No caso dos festejos de celebração aos santos católicos, o caráter cômico não se insere na transgressão ao que é sinistro no sentido trágico e doloroso, mas perpassa o grotesco das coisas comuns e que provoque o riso. “Tentaremos dar uma definição da comicidade sem nos preocuparmos com o trágico ou com o sublime, mas procurando compreender e definir o cômico enquanto tal.” (p. 19).

O jogo cômico, então, atravessa o cotidiano sem o compromisso com uma verdade absoluta, mas com possíveis novas verdades em contraste com a realidade e com o absurdo. O riso se impõe na intelectualidade, como algo de valor, por isso

ele é tão significativo e consegue envolver a todos. Não há quem não se envolva e se deixe envolver com o riso, por isso ele tem caráter universal. Por mais que alguns o menospreze,

[...] o riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, a história, toda a sociedade, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, verdade que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É de alguma maneira o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo através do jogo e do riso. (BAKHTIN, 2010, p. 73)

Então, essa universalidade do riso se compõe nas expressões, nos formatos, nas atitudes do sujeito cômico, ou daquele que está na condição de ridículo. A relação do cômico e da comicidade com o mundo está na direção da alegria do rir e do provocar o riso; algumas vezes rindo de algo ou alguém, outras com alguém e muitas rindo de si, ou fazendo o outro rir de si. O corpo é, neste sentido, uma caixa de sinais para o riso.

Segundo Bergson (2004), o rosto expressa uma comicidade única e definitiva. A expressão cômica do rosto cristaliza a vida moral do sujeito, pois pode-se dizer que é mais cômico quando há ações simples e rotineiras. O rosto, assim, exprime o risível que o cômico carrega dentro de si. As expressões faciais, a pintura e os olhares são manifestações cômicas do corpo que se concentram em único ponto, o rosto cômico.

Para Bakhtin (2010), o corpo grotesco é afetado por fatores naturais como o se alimentar, beber, as questões fisiológicas, sexuais, enfim, os acontecimentos que envolvem o corpo do sujeito e o cotidiano, com a vida, com o curso natural de viver. E são esses acontecimentos do corpo vão forjando um novo corpo a cada transformação, provocando o processo caricato. Sendo que o sujeito que se compreende com risível e se apropria do riso não se incomoda com o grotesco, e sim isso fortalece a sua condição de ridículo. De tal modo,

[...] os principais acontecimentos que afetam o corpo grotesco, os atos do drama corporal – o comer, o beber, as necessidades naturais (e outras excreções: transpiração, humor nasal, etc.), a cópula, a gravidez, o parto, o crescimento, a velhice, as doenças, a morte, a mutilação, o desmembramento, a absorção por um outro corpo – efetuam-se nos limites do corpo e do mundo ou nas do corpo antigo e do novo.” (BAKHTIN, 2010, p. 277)

O se reconhecer como cômico, como alguém popularmente chamado de “engraçado”, como aquele que provoca o riso do outro, não é uma tarefa fácil, especialmente por questões sociais e culturais sobre o riso e a condição de ser alguém ridículo ou estar em uma condição ridícula. A exceção é não ser ridículo! A maioria de nós se envolve com a condição ridícula, mas nem todos aceitam. “As crianças e as pessoas ingênuas em geral consideram ridículos os defeitos físicos de qualquer gênero”. (PROPP, 1992, p. 64) E como o riso é algo coletivo, dependente do outro, Bergson (2004) diria que, “Nosso riso é sempre o riso de um grupo.” (p. 5)

Para Propp (1992), o riso ter conotação de alegria e de tristeza, pode ser algo bom ou mau, algo inteligente ou desprezível, amigável ou grosseiro, o riso, enfim, pode percorrer pelo contraditório. E este conflito pode acontecer em um mesmo momento em uma mesma pessoa. O riso pode tomar diversificadas possibilidades de interpretações e sensibilidade, não só de alegria, dependendo do que se ri e por quê.

O riso pode ter várias possibilidades de origem, mas o que proponho neste estudo é o riso que advém do querer quebrar o protocolo, do extravasar, daquele que rompe com a seriedade nos templos religiosos, em especial, nos seus festejos de celebração. Esse riso transgressor do contexto sagrado traz certa liberdade para quem se deixa levar por ele. Portanto, posso afirmar que, “O riso castiga certos defeitos pouco mais ou menos como a doença castiga certos excessos, apanhando inocentes, poupando culpados”. (BERGSON, 2004, p. 65) Por isso,

[...] é possível estabelecer que o riso [...] surgia da manifestação repentina de defeitos ocultos e de início totalmente imperceptíveis. Daí pode-se concluir que o riso é a punição que nos dá a natureza por um defeito qualquer oculto ao homem, defeito que se nos revela repentinamente. (PROPP, 1992, p. 44)

Os defeitos, no entanto, aquilo que foge do padrão, de uma suposta “normalidade” imposta pelos padrões sociais e culturais, são e estão sobrepostos na comicidade e na reação ao grotesco, ao estranho, por isso muitos reagem rindo, outros sorrindo, entre outras sensações e sinais corporais. A condição de ridente e de provocador do riso parece ser algo do humano, e este consegue buscar em outros animais, objetos e contextos diferentes motivos para rir. Mas, seria o riso algo fora de nós, ou rimos daquilo que nos implica como ser, aquilo que nos toca ou talvez por que nos encontramos naquilo que nos faz rir?

Para Bergson (2004), o que nos faz rir é a surpresa de uma atitude ou expressão. Rimos das formas, dos jeitos e das sensações. Se os filósofos denominaram o homem como “um animal que sabe rir”, pode-se dizer que é o único que faz o outro rir, pois o risível em um animal e objeto só causa o riso quando é comparado com fatores humanos, com as semelhanças e comparações.

Propp diria que, “[...] os homens dizem coisas absurdas ou realizam ações insensatas” (1992, p. 107). As narrativas e as atitudes que provocam o riso, podem ter uma origem inconsciente, o que para alguns pode ser insensato, todavia retratam o que há de sensível naquele que se encontra na condição de risível, de ridículo. A centralidade do fazer e do rir está no motivo, que geralmente tem o papel de transgredir o que está posto e muitas vezes imposto, e não na destruição do outro. Porquanto,

[...] olhando-se com maior atenção, ver-se-á que tal subdivisão tem importância apenas aparente. Ambos os casos podem ser reduzidos a um só. No primeiro estamos diante de uma concentração errada de ideias que se expressa em palavras e estas palavras fazem rir. No segundo, uma conclusão errada que não se expressa por palavras, mas se manifesta em ações que são motivos de riso. (PROPP, 1992, p. 107)

Neste viés, “O riso surge quando o defeito exterior é percebido como sinal, como signo de uma insuficiência ou de um vazio interior.” (PROPP, 1992, p. 176) Sendo que, a comoção pelo sentir o defeito do outro fica tão próxima, em termos de sentimento, com a sensação cômica para rir que a reação do riso depende do estado de humor do sujeito no momento em que encara a tal aversão. O riso pode ser por ironia, deboche, dor de se colocar no lugar do outro, enfim, ele tem possíveis vertentes de fuga aos sentimentos.

De acordo com Propp (1992), “Qualquer traço de caráter negativo pode ser representado comicamente graças aos mesmos meios com os quais se cria, em geral, o efeito cômico.” (p. 134) Aquilo que se estabelece como algo diferente e que é tido como excêntrico pelo outro, pode ser tomado como ridículo, mas também pode ser advertido como apenas algo diferente de si. Algumas vezes o rir do outro, pelo efeito cômico, passa pela condição sentimental em que o sujeito ridente está. “[...] Aristóteles dizia que a comédia representa as pessoas “piores do que elas são”. Em outras palavras, para criar caracteres cômicos é necessário certo exagero”. (p.

135) O riso, por sua vez, pode ocorrer não só nos defeitos, mas também em situações de extremo alívio de consciência e de estresse, como o medo e a dor.

Para Bakhtin (2010), na Idade Média, a sensação de vencer uma batalha sobre o medo, a violência e a dor traz o riso como um troféu. O grotesco das imagens monstruosas de conotação cômica, do deboche ao medo, da provocação a violência e aos símbolos de poder tornam-se risíveis no sentido virar do avesso a ordem imposta pela tirania e os governantes, muitas vezes as instituições religiosas. O riso torna-se um instrumento social para se redimir, para expurgar os males. Transgredir pelo riso tem o sentido de combater aqueles e aquilo que submetem a sociedade ao sacrifício, ao medo e a dor.

A transgressão daquilo que nos move ao medo, a dor, aos sentimentos ruins, pela comicidade, pela expressão e pelo jogo cômico, em especial, pelo riso é algo rotineiro em todas as culturas. O riso toma forma de combatente e revolucionário, algo de rebelde. Mas, há o medo de ser tomado como ridículo, de ser motivo do riso do outro, como diria Guimarães Rosa “Todos riram. De mim não riram”. 1994, p. 221)

E há, também, a questão da loucura, que da mesma forma foge da normalidade, pois, é característica do grotesco. Permite, assim, observar o mundo com um olhar diferente daquilo que consideramos normal, ou seja, daquilo que entendemos como comum. Então, no grotesco popular a loucura é tida como uma alegre paródia do que é oficial, da relação unilateral, da verdade oficial. Pode-se dizer que a loucura é, neste sentido, uma loucura festiva. (BAKHTIN, 2010) O ridículo, por sua vez, tenta fazer justiça pelo riso.

Assim, como diria Dostoiévski,

Em duas palavras: havia contra mim uma injustiça tirânica. É verdade que os meus companheiros não gostavam de mim por causa do meu caráter difícil e, talvez, ridículo, embora muitas vezes aquilo que para os senhores é elevado, recôndito e digno do seu respeito ao mesmo tempo faça rir não se sabe por que uma chusma de companheiros seus. (2011, p. 13)

A ideia de ser tomado como ridículo, no sentido pejorativo da palavra, como um idiota e até como louco é apenas uma reação da sociedade para aquilo que está lhe afrontando. Aquele que está na condição de ridículo, de provocador e promotor

do riso, deve estar ciente deste embate, pois o fazer rir é algo rebelde, é ser transgressor daquilo que é imposto pela linha de frente do que a sociedade controla como normal. Neste fragmento da obra de Dostoiévski, que segue, percebe-se tal fato:

Esperem, senhores, eu fui o primeiro a detestar a vida inteira essa caixa, mas na realidade, embora seja ridículo dizer frases enigmáticas a si mesmo, eu me “vingava da sociedade” de fato, de fato, de fato! Portanto, o seu gracejo da manhã a respeito de que eu “me vingo” tinha sido injusto. Isto é, vejam só, se eu lhe tivesse dito francamente com todas as letras: “Sim, eu me vingo da sociedade”, ela cairia na gargalhada, como ainda de manhã, e seria mesmo ridículo. (2011, p. 8)

Segundo Propp (1992), “[...] só os pequenos defeitos são cômicos, e o seu exagero principalmente.” (135) Por sinal, não rimos de crimes e demais delitos, a não ser que daquilo que escarnecemos fale mais sobre o nosso caráter do que o fato em si. Os sujeitos cômicos podem ser covardes na vida comum, mas não em uma guerra, não em um contexto de risco a sua vida, pois eles usam o ridículo para fazer o outro rir, para combater as imposições autoritárias e opressoras, mas não para destruir e causar danos irreversíveis no outro.

Do mesmo modo, precisamos constituir o cômico que nos pertence, e buscar entender a nossa condição cômica. O entendimento de quem somos perpassa ao pertencimento do caráter ridículo de cada um de nós. Alguns gostam de denominar de “o palhaço que há em cada um de nós”, outros de “o palhaço de si”.

3.4.3 O cômico/palhaço de cada um

Pode-se dizer que um sujeito cômico, ridículo é um palhaço, não caracterizado como tal, como se vê nos teatros e nos circos, mas como um sujeito que aceitou a sua condição de ridículo. Pois, de acordo com Castro (2005) o palhaço, o cômico encontra no riso e no exagero certa liberdade emergente que exterioriza algo extremamente íntimo, mas que é puro do indivíduo. Sendo que, o palhaço não é apenas um personagem, e sim o contrário, ou seja, o personagem é

quem veste o palhaço que é o sujeito. Tanto que, julga-se inapropriado referenciar o palhaço como personagem, pois “nunca é estanque e sua personalidade se desenvolve de forma conjunta com a do sujeito.” (p. 258)

De acordo com Bergson (2004), uma personagem cômica, por mais que seja consciente dos seus atos, tende a ser risível e a produzir a comicidade dependendo da sua personalidade e não só da sua intenção. Os aspectos já forjados de suas características pessoais psíquicas o conduzem para a produção do riso do outro. A comicidade, desta forma, faz parte do sujeito, pois é parte da sua personalidade.

Bem se vê o “espírito” cômico e lúdico nas crianças e nos demais sujeitos que fazem o outro rir, mesmo sem a intenção consciente; algo peculiar das crianças, mas que se perde com o tempo. Sendo que,

[...] uma das principais alavancas cômicas do palhaço é o modo de se apropriar do princípio do ridículo. Sobre a ligação vital entre o riso e o ridículo, a maioria dos teóricos está de acordo. Daí a importância em nos determos também na experiência do ridículo para compreender o universo do risível. (REIS, 2010, p.27)

A máscara, os trejeitos, as vestimentas, o representar, o se expressar e o dançar nos são apresentados como a base de inspiração para a comicidade, pois é “[...] o motivo mais complexo, mais carregado de sentido da cultura popular”. (BAKHTIN, 2010, p. 191) A máscara e os demais sinais da comicidade, então, nos é apresentada como a base de inspiração para a comicidade, pois é “(...) o motivo mais complexo, mais carregado de sentido da cultura popular”. (BAKHTIN, 2010, p. 191) E é nesse emaranhado cultural que se encontra o sujeito ridículo, um palhaço, aquele que brinca em transgredir o que deixa a sociedade sisuda.

Para Bakhtin (2010), transgredir o que é temível e terrível é transformar a situação em um “alegre espantalho”. Porém, esse movimento não é uma simples abstração de uma imagem grotesca com esquema definido e tentativas de interpretação, pois, ninguém consegue definir onde começa a alegria, em especial uma alegria despreocupada, e termina o medo.

E neste espaço entra a figura do palhaço, nos teatros, nos circos, nas escolas, nas ruas, enfim no cotidiano, inclusive em celebrações de cunho religioso. Já que, “[...] um palhaço é um ser estranho que bota a mão no fogo, que põe a

cabeça na guilhotina e que se expõe nu em sua tolice e estupidez. [...] Ele não conta uma história engraçada. Ele é a graça, ele é o risível.” (CASTRO, 2005, p. 257) E o riso envolve a cultura, fazendo parte dela.

Bolognesi (2003, p.78) citando Dario Fo (1982), diz que: “Os palhaços sempre falam da mesma coisa, eles falam da fome: fome de comida, fome de sexo, mas também fome de dignidade, fome de identidade, fome de poder ...” E é assim a vida cotidiana nas mais diversas culturas; é no cotidiano que as pessoas falam de tudo e buscam a graça, o riso, a todo momento.

Para Bolognesi (2003), há duas possibilidades no mundo clownesco, ou seja: o dominado e o dominador. Sendo que o dominado é o bode expiatório, aquele que é submisso na ação, digamos o passivo, aquele que é insultado, também conhecido como Augusto. Já o dominador é o Branco que manda e desmanda, tido como o chefe, aquele que insulta, o agente do riso.

De tal modo, seguem as vidas comuns, com pessoas comuns, mas com apreço pela arte do riso. É o jogo das palhaçadas na vida real. Sobre este jogo clownesco, Bolognesi (2003, p. 78) diz que,

A dupla Augusto e Clown Branco, então, veio a solidificar as máscaras cômicas da sociedade de classes. O Branco seria a voz da ordem e o Augusto, o marginal, aquele que não se encaixa no progresso, na máquina e no macacão do operário industrial.

Os cômicos da vida comum, também, podem ser comparados aos palhaços tradicionais pela aparência, pois, lembram da vestimenta dos palhaços. “O Corpo feito espetáculo deixa de lado a roupa cotidiana que o esconde para se mostrar em sua grandeza contraditória, no jogo incessante entre o sublime e o grotesco.” (BOLOGNESI, 2003, p. 189) Isso pode ser visto nas vestimentas culturais, como por exemplo o “brega”, na qual parece fazer parte o estranhamento do outro para fortalecer a ideia de beleza. O riso, o sorriso e as expressões diversas, que muitas vezes acompanham com o termo “ridículo”, corroboram para a comicidade na cultura popular.

“O corpo do palhaço é disforme, permeado de trejeitos, e busca a ênfase no ridículo, através da exploração dos limites, deficiências e aberrações.” (BOLOGNESI, 2003, p. 198) Não são palhaços de circo, nem clowns de teatro, mas

são palhaços da vida, ridículos como muitos por aí. E eles estão, inclusive, nas celebrações religiosas.

O linguajar e demais expressões de comunicação, em muitos momentos tomam conotação sexual, inclusive com piadas e paródias. Parece um ritual de passagem machista, o que é algo comum entre os homens, inclusive entre os meninos. Assim, estes jovens lembram dos palhaços, que “[...] recorrem a sexualidade, motivo maior para realçar os desejos que se mantêm adormecidos. É um corpo livre das regras da moral.” (BOLOGNESI, 2003, p. 198) Uma busca pelo riso do outro.

Então, suponho que, também, na cultura popular “[...] todos os tipos de paródia podem ser enquadrados no domínio da caricatura”. (PROPP, 1992, p. 89) E é através deste constituir caricato de cada pessoa que se encontra na condição de ridículo, além disso, “[...] é a própria vida que representa e interpreta (sem cenário, sem palco, sem atores, sem espectadores, ou seja, sem os atributos específicos de todo espetáculo teatral) uma outra forma livre da sua realização.” (BAKHTIN, 2010, p. 07)

Muitos sujeitos já são populares, então, como já são conhecidos pela comunidade os seus trejeitos e caricaturas estão marcadas. Estes a todo momento buscam, como se estivessem a representar no teatro da vida,

[...] extrair o riso das plateias através da exposição de uma dramaturgia que parte da realidade das vidas de seus praticantes: os palhaços. Talvez este seja um dos motivos para que o próprio corpo desses artistas tenha se tornado o território privilegiado das descobertas de sua comicidade. (REIS, 2010, p.26)

Por isso, “A representação cômica, caricatural, e um caráter está em tornar uma particularidade qualquer da pessoa e em representa-la como única, ou seja, em exagerá-la.” (PROPP, 1992, p. 89) O sujeito busca se reinventar pela comicidade, ou apenas fortalece a sua identidade forjando uma caricatura. Sendo que,

[...] a forma do grotesco cumpre funções semelhantes; ilumina a ousadia da invenção, permite associar elementos heterogêneos, aproximar o que está distante, ajuda a libertar-se do ponto de vista dominante sobre o mundo, de todas as convenções e de elementos banais e habituais, comumente admitidos; permite olhar o universo com novos olhos, compreender até que ponto é relativo tudo o que existe, e portanto permite compreender a possibilidade de uma ordem totalmente diferente do mundo. (BAKHTIN, 2010, p. 30)

Desta forma, aquele que busca na configuração risível de ser, encontra na capacidade de ser cômico uma nova possibilidade de entender e se impor na relação de opressor e oprimido, de dominador e dominado. “Por mais consciente que uma personagem cômica possa ser daquilo que diz ou faz, será cômica se houver um aspecto de sua personalidade que ela ignora, um lado por onde se furta a si mesma: só por este lado nos fará rir.” (BERGSON, 2004, p. 109-110). Propp (1992), citando Hegel, define que: “Na caricatura, um dado traço é extraordinariamente e se apresenta como algo característico levado ao excesso.” (p. 135) No entanto, o cômico popular, tratado aqui neste estudo como ridículo, traz questões peculiares ao palhaço, não só como personagem, mas como o próprio indivíduo que constitui a personagem da vida real.

Segundo Kásper (2004), o palhaço trabalha com a exterioridade de si. A sua subjetividade pode ser compreendida e interpretada por aquilo que ele deixa transparecer de modo visível ao público, através do corpo e da sua caricatura. Então, tudo se torna exteriorizado, sendo que este processo de exteriorização faz parte da sua constituição como palhaço trazendo o público para seu interior.

As questões cômicas, do risível, da condição do ridículo, na cultura popular perpassam também na cultura indígena, e essa faz uma nova junção a cultura popular, pois as fronteiras entre o que pertence a um e a outro já não existem mais, ou não são tão visíveis. As sociedades constituem e forjam suas culturas não mais na exclusão e sim na junção entre as diferenças e as semelhanças. A comicidade, por sua vez, está presente em todos os contextos culturais e sociais, pois, o

Importante é indicar, o elemento cômico sempre presente nos rituais indígenas do Nordeste brasileiro, não só entre os Kanela. Em muitos outros povos indígenas, como os Kraho, registram-se não só cenas cômicas, como a presença de palhaços cerimoniais. Como muitas figuras alegres do teatro brincante nordestino, a exemplo dos Mateus, Bastiões, Velhos e Velhas Caretas, os palhaços indígenas identificam-se por trazerem dentro de si, de modo dilatado, uma veia cômica. Sendo palhaços, em suas aldeias, eles também atuam e de maneira mais determinada, nos rituais, sejam de iniciação ou fúnebres, assim como nos jogos e brincadeiras tribais. (BARROSO, 2016, p. 82)

Imagem 20 – Hotxuá, o palhaço Krahô.



Fonte: acervo de Arnaldo Torre.

O “palhaço”, também, pode ser percebido nas comunidades indígenas do norte ao sul do país. Em especial, as pequenas cidades rodeadas pela reservas e aldeias ficam submersas pela cultura e não mais isoladas. Neste sentido, os festejos religiosos e populares tomam ares de mistura, de junção, de uma nova constituição. O que é bem comum na região pesquisada neste estudo. Do mesmo modo, o cômico adentra a cultura popular em todos os cantos do Brasil e do mundo. Homens e mulheres, brancos e negros, mestiços, adultos, crianças e velhos, a comicidade não escolhe classe, ela apenas é referendada por aqueles que a escolhe como uma dádiva da vida.

Interessante é verificar que, entre as figuras que não usavam máscaras estavam todas as femininas, inclusive a Colombina, interpretadas por mulheres. Já o Capitão, um soldado metido a valente, que disputava o amor das mulheres, com os enamorados, por ser um personagem bufo e ridículo, usava uma máscara cômica. Eram esses os tipos básicos da Commedia dell’Arte, recorrentes na maior parte das histórias encenadas. (BARROSO, 2016, p. 68-69)

Desde a menor máscara, o nariz de palhaço, até as mais diversas máscaras que trazem o tom cômico ou trágico para as festas populares, as caricaturas dos personagens de brincantes e os caricaturados são estímulos aos sujeitos que não assumem papéis com personagens em apresentações. Mas, eles vivem o cômico em ambiente natural. O cunho artístico e as apresentações presentes nos festejos são fundamentais para a formação da condição de ridículo dos demais participantes destas festas.

Para Barroso (2016), as máscaras significam nos festejos das culturas tradicionais, nas festas populares, a denominação original. Ou seja, as máscaras trazem o signo do fantasma, como se vê na origem da grafia *mascus* e *maskharah*, cuja interpretação quer dizer palhaço, quando se trata da cultura cômica popular. “De elementos profanos, transubstanciam-se em vias de acesso aos fantasmas que nos atormentam e aos deuses risonhos que nos alegram. São fundamentalmente móveis de revelação do outro em nós mesmos.” (p. 25)

Um destaque dos personagens cômicos presentes nas celebrações populares e religiosas da cultura brasileira são “os caretas” ou, também chamados de “mascarados” ou “máscaras”. Os caretas são os palhaços que extravasam e transgridem com as opressões doutrinárias da igreja com conotação profana e até demoníaca. A atuação dos caretas é o momento nos festejos que o medo, o pavor, a alegria e o riso se confundem ao movimento da fé.

Para Barroso (2016), o “Testamento do Judas” é um dos momentos mais esperado nas festas do nordeste brasileiro. Com versos de despedida e ao pé da forca a ocasião atrai olhares de brincantes e demais curiosos. É momento de se referir ao público sobre seus comportamentos indignos para a comunidade. Então, “[...] os caretas aplaudem e gritam, aos pulos e chocalhadas estridentes.” (p. 121) Assim, pode ser visto na Imagem 20, que apresenta o Careta.

Imagem 21 – Caretas.



Fonte: acervo da pesquisa.

O palhaço encontra o seu lugar na cultura popular entre o sagrado e o profano, tanto que tem papel marcante nas festas de norte a sul do país. O grotesco neste contexto não só assusta em um primeiro instante, mas causa momentos de alegria, de descontração aliados a devoção. O riso se encontra nas mais variadas formas aterrorizantes, que antes eram tidas como demoníacas, mas através da comicidade tomam ares de purificação, de transgressão e renovação.

Ressignificado pelo riso popular, que os fez passar de figura aterrorizante a personagem cômico, o Diabo migrou do teatro cristão medieval para o teatro brincante do Nordeste brasileiro. E não só ele, o mesmo aconteceu com inúmeras outras figuras que mesmo continuando “pesadas” ou “sujas”, como veremos, retomaram conotações grotescas primitivas. (BARROSO, 2016, p. 66)

Os festejos religiosos propostos pelas igrejas, em especial a católica, trazem na sua programação um diversificado conjunto de ações, rituais e celebrações. Dentre esses, “[...] os ritos incluem o riso, diferentemente da tragédia, ou seja, máscaras de deuses que riem, tanto com um sentido ordenador, no caso de Ártemis, quanto num sentido desordenador, em Dioniso.” (BARROSO, 2016, p. 62)

Segundo Barroso (2016), as festas ressignificam a história sagrada, que, especialmente, incluem o riso e a comicidade, as artes cênicas e a música. Porém, se renovam nos ritos e cultos de sacrifício e devoção de antepassados e santos espíritos. Os banquetes coletivos e comunitários fazem parte dos rituais, com comida abundante, pratos típicos locais e integração social os devotos se envolvem nas celebrações.

Os devotos encontram-se como brincantes em um contexto sagrado, no qual o espaço sacro se abre ao profano, deixando que as encenações teatrais demonstrem ao público toda a sua riqueza cultural. É momento de celebrar, de adorar aos santos, entretanto é, também, momento de contrapor as ideias, de expurgar os males, de ressignificar as crenças e combater as opressões pelo riso. Por exemplo,

[...] o Carnaval é esse tempo festivo em que se pode comer carne e cometer todos os desatinos proibidos nos dias que se lhe seguirão. Funciona como uma alegre purgação de pecados, tempo festivo em que quase tudo é permitido, desde que dê motivo ao riso. Nele, refugiou-se e refugia-se aquilo que foi interdito nos dias comuns. (BARROSO, 2016, p. 96)

Neste sentido, os palhaços destas festas, os caretas, se constituem e auxiliam os demais brincantes e devotos a renovar as suas ideias de mundo.

Todavia, para encontrar o palhaço de cada um, o careta de si, há um longo caminho a percorrer, tanto nas questões de fé, quanto no reconhecimento da condição de ridículo, daquele que está apto para afrontar o público com propostas de fazer rir, de buscar o riso. A constituição do personagem, da fantasia, da máscara é algo pessoal, uma busca dentro de si, uma autorreflexão do cômico que há dentro de nós e que precisa ser externado.

De acordo com Barroso (2016), o sujeito encontra em si mesmo o seu Careta, pois o corpo é o suporte caricato para isso. Ele se exterioriza na sua caricatura como Careta. Inicialmente, há desconforto ao próprio corpo, mas ao restabelecer uma nova ordem, a do cômico de si, o sujeito cria um equilíbrio. Ao se compreender como tal, como na condição de ridículo, de ser risível, o Careta se reencontra em um corpo modificado, mas através da máscara afasta-se do próprio ego e se liberta para morrer e renascer em si, no êxtase da figura brincante.

Barroso (2016) nos traz a ideia do “Teatro brincante”, o lugar onde o profano pode se encontrar no espaço sagrado. Onde, talvez, não há moralidade suficiente para constranger o cômico, quiçá, não se pode separar o sagrado e o profano. O cotidiano se perde no emaranhar das encenações, os sujeitos comuns se envolvem na dramatização, a fé se embrenha no profano e aquilo que era tido como demoníaco torna-se pacificador e ingênuo, para não dizer puro. Vive-se e vivencia-se um outro estágio da vida, o tempo alegre.

No deslumbre do riso e do gracejo, os cômicos das festas populares geralmente procuram na embriaguez um incentivo a mais para deixar fluir seu papel cômico. A certa liberdade que o álcool traz é presente nos brincantes, especialmente nos momentos em que a celebração já está encerrada e começam as atividades culturais de apresentações, dos leilões, da venda de comidas e bebidas. O medo do público é silenciado pela embriaguez, que estimula a comicidade e o riso, e o próprio semblante do embriagado toma ares cômicos, a caricatura e os trejeitos começam a tomar novas formas, mesmo sem máscara. O que dá para lembrar da história do palhaço em relação a bebida.

O vinho liberta do medo e da piedade. “A verdade no vinho” é uma verdade livre e sem medo. (...) É importante sublinhar um outro fato capital: a ligação particular das conversas trocadas durante o banquete com o futuro e a celebração-ridicularização. Esse aspecto está ainda vivo nos discursos e brindes pronunciados em nossos dias (...). A palavra pertence de alguma

forma ao próprio tempo, que dá a morte e a vida no mesmo ato (...). Velhice e juventude, beleza e disformidade, morte e parto fusionam muito frequentemente em uma figura de dupla face. Mas, durante a festa, a voz do tempo fala principalmente do futuro. (...) Existe nos Tratados de Hipócrates um Sobre os ventos (...), que dá a seguinte definição de embriaguez: "(...) em seguida a um aumento súbito do sangue, as almas mudam com os pensamentos que elas contêm, e os homens, esquecidos dos males presentes, aceitam a esperança de bens futuros. (BAKHTIN, 2010, p. 250)

Embriagando-se de si, o cômico busca se encontrar para se constituir com tal, através da sua percepção de comicidade e do entendimento da provocação do riso do outro. Se cada um de nós tem um palhaço dentro de si, então, não importa as formas de se reencontrar como um sujeito risível, engraçado, e sim o reencontro. Por fim, o que me interessa neste estudo é encontrar a comicidade e o riso no espaço sagrado, religioso, mesmo que tenha origem no profano.

4 CAMINHO METODOLÓGICO

4.1 Método: Características, Técnicas e Instrumentos

A escolha da abordagem deste trabalho se dá de acordo com a delimitação do objeto de estudo e suas características, dos objetivos propostos e da problemática, então, trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativa. Sendo que, a abordagem qualitativa é um caminho metodológico que confere a compreensão da realidade, pois envolve aspectos subjetivos que não podem ser quantificados. Para Minayo (2007), a pesquisa qualitativa traz um aprofundamento e entendimento social das crenças, dos valores, dos motivos e dos significados das ações humanas, do cotidiano, das experiências e dos fenômenos e dos fatos que envolvem os participantes.

Por ser interpretativa, ou seja, por buscar uma interpretação dos significados das ações humanas, esta pesquisa toma como base referencial metodológica a Antropologia Interpretativa e o método etnográfico. De acordo com Geertz (1989), por se tratar de um sistema de símbolos herdados a cultura, no viés da antropologia interpretativa, forma um conjunto de significados contextualizados arquitetados pelos sujeitos e experimentado pelo grupo social. Por meio da cultura, o homem se desenvolve, se comunica e produz conhecimentos.

Para tanto, este estudo se preocupa em interpretar/analisar os símbolos codificados e seus significados nas relações e nos fatos sociais dos festejos religiosos da região da Boa Vista do Padre João. Permitindo assim, que o pesquisador e os sujeitos construam na intersubjetividade e no contexto histórico-cultural a interpretação dos símbolos, dos seus significados e a descrição dos sentidos.

Segundo Geertz (1989), o método etnográfico consiste em uma descrição densa da realidade, através da análise das manifestações de significados e dos sentidos de um determinado contexto cultural, e não somente na descrição dos fatos. Através deste método, o pesquisador procurará significados das ações, eventos e fatos a partir das visões de mundo de cada sujeito pesquisado e das suas

linguagens. Neste sentido, faz-se necessário estabelecer relações com a sociedade, em especial ao grupo de participantes deste estudo, constituindo assim, um diário de observações e anotações, para enfim, compreender o mundo simbólico no qual os sujeitos estão inseridos.

Nesta pesquisa, caracterizada como trabalho de campo em ambientes naturais, utilizou-se de algumas técnicas e alguns instrumentos para produção dos dados, tais como, respectivamente: observação participante e roteiro de observação, diálogos e gravações de áudio e vídeo, fichamento e anotações, filmagens e análise de imagens visuais (fotos e vídeos) e diário de campo.

A observação participante propõe a possibilidade de verificar e interpretar regras, valores sociais e demais representações de cada sujeito participante da pesquisa, bem como do grupo social que pertence. Por um longo período de tempo, o pesquisador pode observar e estudar os sujeitos dentro de seu universo cultural, coletando (produzindo) dados em diversos momentos, desde que estejam no mesmo contexto. (ROMANELLI, 1998)

O instrumento base para a produção de dados foi uma filmadora digital Sony Hdr-as20b, como registro em vídeo e foto. Sendo que, as observações e os diálogos foram gravados seguindo o roteiro de observação. Após as gravações os diálogos ou conversações foram transcritas utilizando a ferramenta de transcrição online Dictation – Online Speech Recognition, disponível no navegador de internet Google Chrome, e salvas em software Word Office.

O roteiro de observação foi direcionado de acordo com os objetivos do estudo, não necessariamente nesta ordem, mas conferindo todos os pontos, sendo: - a ludicidade nas ações dos participantes; - a comicidade e a produção do riso nas ações dos participantes; - as artes ou manifestações artísticas envolvidas nos festejos; - as ações e os aspectos que caracterizam a condição de ridículo dos envolvidos e do ambiente.

O diário de campo foi gravado juntamente com os momentos das gravações das observações e transcritos utilizando a ferramenta online Dictation – Online Speech Recognition, disponível no navegador de internet Google Chrome, e salvas em software Word Office, ressaltando algumas ponderações recordatórias. O

instrumento do diário de campo seguiu a estrutura com: data; transcrição; recordações.

O questionamento inicial e uma breve explicação aos participantes do que se trata o diálogo, além de ser realizada no ambiente das ações, faz com que a produção dos dados seja direcionada de maneira significativa aos objetivos da pesquisa. Estes diálogos tiveram o intuito de não descaracterizar o contexto de celebração festiva e religiosa, do ambiente sagrado e do aspecto cultural das ações cômicas. Por isso, não foram utilizadas entrevistas propriamente ditas, e sim diálogos informais entre os participantes e o pesquisador, deixando os fatos e os sentidos acontecerem de maneira cotidiana.

A inclusão de descrições físicas, de situações, dos contextos, de detalhes de conversação e relatos de acontecimentos qualifica a investigação qualitativa. Assim, a descrição dos diálogos, procurando manter as características pessoais e originais, utilizando palavras dos próprios participantes do estudo, e considerando peculiaridades de cada olhar compõe o percurso necessário para a compreensão seguinte da cultura estudada e analisada. Os olhares futuros dos detalhes do que foi investigado deve passar pela memória arquivada e respeitada. (BOGDAN; BIKLEN, 1994)

4.2 Procedimentos: Critérios e Questões Éticas

A presente pesquisa está de acordo com a Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. Resolução esta que se fundamenta nos principais documentos internacionais sobre pesquisas que envolvem seres humanos, sendo: o Código de Nuremberg, de 1947, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, e a Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, de 2005. Além de respeitar as disposições legais da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e da legislação brasileira.

No momento das gravações das observações e das conversações/diálogos deixou-se claro aos sujeitos da pesquisa que a filmagem se trata de uma pesquisa de doutorado referente aos festejos religiosos da Boa Vista do Padre João,

comentando sobre os riscos e os benefícios, e salientando que nenhum nome será divulgado, bem como numa imagem ou fala com identificação será divulgada na mídia.

De acordo com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, a qual trata das questões dos riscos e dos benefícios da pesquisa para os sujeitos envolvidos, este estudo confere que: poderia ocorrer acidentes físicos no momentos das gravações devido a atenção ao instrumento e ao pesquisador, fazendo com que haja uma desatenção nas movimentações dos demais devotos; poderia ocorrer algum mal entendimento dos questionamentos advindos do pesquisador, muito direcionado ao som elevado e ao aglomerado de pessoas no contexto, trazendo assim um estranhamento de caráter moral, familiar e/ou espiritual, por tanto, solicitou aos participantes da pesquisa, caso não tenha entendido ou tiver estranhado a pergunta, para que solicitem ao pesquisador repetir e/ou explicar o questionamento; devido ao momento atual de exposição visual nas redes sociais via internet, deixou-se claro aos sujeitos da pesquisa que outras pessoas poderão no mesmo momento estar filmando; o risco espiritual e religioso pode ocorrer no momento em que o pesquisador interferiu, mesmo não tendo intenção, o culto do sujeito abordado.

Quanto aos benefícios, foi conferido aos sujeitos do estudo e das instituições envolvidas que a referida pesquisa estimularia o culto, os festejos e fortaleceria as tradições regionais e religiosas por aprofundar os conhecimentos neste contexto e propor uma maior visibilidade das festas e das crenças; ficou exposto e firmado que o pesquisador tomou todas as medidas possíveis de proteção, confidencialidade e privacidade dos sujeitos da pesquisa. Enfim, que os benefícios serão maiores que os riscos.

Para que sejam conferidas as medidas de proteção, confidencialidade e privacidade foram adotadas: a sondagem do local antecipadamente; repetição e cautela nos questionamentos; convite e não imposição; informar sobre quaisquer capturas de imagens e falas por outros que não estão envolvidos na pesquisa; nenhum nome será divulgado; nenhuma imagem será divulgada na mídia, a não ser nos meios de divulgação científica.

4.3 Análise dos dados

Levando em consideração a complexidade dos festejos de cunho religioso, que envolve a fé e a liberdade de expressão, será utilizado de registro em vídeo. Pois, “sempre que algum conjunto de ações humanas é complexo e difícil de ser descrito compreensivamente por um único observador, enquanto este se desenrola” (LOIZOS, 2008, p. 149). Em consonância aos registros em vídeo e com as transcrições dos diálogos, bem como do conteúdo do diário de campo utilizar-se-á de Análise de Conteúdo como técnica para análise destes dados.

A Análise de Conteúdo (AC) é uma metodologia qualitativa utilizada com procedimentos sistemáticos e estruturados que produzem deduções dos emissores de um texto, da própria mensagem estabelecida na coleta (produção), e são válidas para interpretar um contexto. Nesse tipo de análise, os vídeos são considerados textos e são analisados em fragmentos. Os procedimentos de uma Análise de Conteúdo constituem representações nas dimensões sintática e semântica. A sintaxe descreve a forma, como algo é dito ou escrito ou exposto, a frequência das expressões, termos ou palavras e a ordem do texto. Na dimensão semântica ocorre a relação entre os sinais e o sentido dito como “normal” em um texto. (BAUER, 2008).

Para facilitar a análise dos dados qualitativos optou-se por auxílio computadorizado, utilizando do programa “Atlas TI 7”. O referido programa é uma ferramenta que analisa dados dinâmicos, cruzando dados e operando qualquer tipo de arquivo ou mídia, neste caso as transcrições e os vídeos.

De acordo com Minayo (2007), a Análise de Conteúdo consiste em descobrir os núcleos dos sentidos e dos significados simbólicos referentes à comunicação. A Análise de Conteúdo divide-se em 3 (três) etapas, sendo: Pré-análise, que é a fase de reorganização a partir dos objetivos da pesquisa; Exploração do material, que analisa sistematicamente através das categorias estipuladas; Tratamento dos dados, inferência e interpretação, que finaliza a análise do texto.

5 CONTOS DA BOA VISTA DO PADRE JOÃO

5.1 Preliminares

Quando se entra de cabeça, corpo e alma nas “coisas” de um povo, ou seja, nas suas tradições, antes de mais nada se faz necessário compreender as facetas da sua história, as histórias e estórias, as memórias, os sentidos, a cultura local, as culturas, as tradições, os símbolos, os significantes, os significados, enfim, é preciso transver o outro e se despir das “coisas” nossas, sem perder as nossas peculiaridades, para “tentar” ver o que está além dos nossos olhos, mas imbricado no outro. Assim, começo a revelar o que ficou para mim dos outros que me marcaram.

O local, a cultura deste local, a construção deste local, as pessoas deste local, em especial, ao padre João de Sousa Lima, um símbolo político e religioso para este povo, se acolchoam neste Capítulo Inicial. Esta primeira parte do trabalho segue com o propósito de localizar o tempo, o espaço, os lugares, os sujeitos e os conceitos que envolvem a região, ou seja, o lugar onde estou.

O primeiro conto, O Conto do Vigário, traz uma personagem cega, que deixou fluir as suas memórias de um passado distante, mas muito próximo do seu imaginário, e que começaram a me localizar neste contexto sobre a cidade e o padre João. As lembranças das pessoas queridas que fazem parte da sua vida, dos fatos marcantes e uma personalidade irônica me fez sentir em meio ao jogo clownesco do Branco e do Augusto, sendo ela o primeiro e eu o segundo.

Em O Conto do ““coroné”” Ridículo, novos personagens me situam sobre o padre João de Sousa Lima e suas inserções religiosas e políticas; a importância deste sacerdote na construção histórica e cultural da cidade. Os personagens Tião, Sabiá, Seu Nonato e Dona Nonata trazem memórias pessoais e de seus antepassados que caracterizam a personalidade do vigário e sua extravagância de ser “um coronel de batina”.

No terceiro conto, O Conto da Boa Vista do Padre João, tem a Dona Beiça, uma personagem que traz as suas memórias sobre a vida do padre João, sobre as características da região e o sofrimento do povo de uma região entre o norte e o

nordeste, o cerrado e o sertão. A carranca sisuda polida nos árduos caminhos da vida se perde no deboche das palavras.

Ainda não é momento de se envolver nas questões cômicas de um modo mais centrado, então, o quarto texto O Conto da Boa Vista da Fé do Tocantins traz personagens sem nomes, porém com contrastes de narrativas que explicitam a tentativa de não admitir o profano e o risível no ambiente religioso. Uma tentativa de tornar ou de tomar uma pureza sagrada que se perde por si só.

5.2 O Conto do Vigário

Se não fosse verídico, seria um conto!

Faz de contas que seja um conto. E que vire uma anedota!

— **‘Lá vem o padre João no lombo da mula, todo sorridente!’ Gritava a minha mãe. Ela sempre ficava assanhada quando o padre João passava. Eu e minhas irmã desconfiava, mais mamãe sempre foi muié direita de um homi só. Papai já tinha falecido já se fazia uns cinco *anu*. Lembro como se fosse *onti*, era na chuva do caju e minha mãe mais minha tia Zeza *tarram*¹⁰ sentada na *bera* da porta quando do nada ela sorriu e *gritô*.**

Assim me contou Dona Flora em uma tarde quente, chuvosa. Era a chuva do caju! Uma das tardes de início de outubro de 2016 e nós, Dona Flora e eu, bebíamos café proseando sobre a vida dela e as suas lembranças do padre João da Boa-Vista, também conhecido como Cônego João Lima.

Naquele dia, cheguei mais cedo e fiquei esperando em frente a igreja do Povoado Brejão, região rural da Boa Vista do Padre João, o começo do Festejo de São Francisco de Assis. Resolvi, então, colher informações com uma senhora, Dona Flora, que estava sentada ao lado da igreja, em uma cobertura de palha de babaçu. Foi assim que conheci a Dona Flora e suas histórias de vida, dela e de sua mãe e da

¹⁰ A expressão “tarra” e “tarram” significa estava e estavam, respectivamente, algo bem característico na fala do nortista.

tia, que estão sempre presentes na sua narrativa. Havia naquele momento, Dona Flora e eu, o vento, o tempo, a chuva e as memórias dela.

Sua mãe e a tia Zeza faleceram em 1984 e Dona Flora mora hoje no município de Aguiarnópolis, cerca de 25 km de distância da Boa Vista do Padre João. Os olhos enganam a senhora de 95 anos de idade que em nenhum momento sorri, a “tristeza” se vê no semblante de um rosto envelhecido, mas um pouco de alegria se vê no olhar sem visão. Olhos que não enxergam e lembranças que voam a um passado feliz; felicidade ao se lembrar da mãe, da tia e de tudo que a faz recordar da sua juventude, em especial do padre João.

— **O chêro, o baruio e o sabor da chuva do caju me faz menina *dinovo*.**
Diz Dona Flora, com lágrimas nos olhos.

Lembrei, instantaneamente, do poema de Joaquim Cardozo “Chuva de Caju”. A voz aveludada com o tempo e adocicada com a chuva, o cheiro e o sabor de terra molhada me fez lembrar das palavras de Joaquim, que assim seguem:

Chuva de Caju

Como te chamas, pequena chuva inconstante e breve?
Como te chamas, dize, chuva simples e leve?
Teresa? Maria?
Entra, invade a casa, molha o chão,
Molha a mesa e os livros.
Sei de onde vens, sei por onde andaste.
Vens dos subúrbios distantes, dos sítios aromáticos
Onde as mangueiras florescem, onde há cajus e mangabas,
Onde os coqueiros se aprumam nos baldes dos viveiros
E em noites de lua cheia passam rondando os maruins:
Lama viva, espírito do ar noturno do mangue.
Invade a casa, molha o chão,
Muito me agrada a tua companhia,
Por que eu te quero muito bem, doce chuva,
Quer te chames Teresa ou Maria. (CARDOZO, 2008, p. 166)

Então, procurei o poema no smartphone e li para nós.

— “A senhora veio passear?” Indago a ela.

— **Passeê.** (uma pausa longa) Ela responde.

— **Vivi aqui por muito tempo, hoje não conheço ninguém. Minha neta me trouxe pro festejo de São Chico.** Me conta Dona Flora.

Antes que eu pudesse continuar com as perguntas, ela logo me interrompe:

— Essa sua poesia me fez *lembrá* do padre João.

— Ahh, a chuva do Caju. O padre João. *Homi* muito *bão*, sabe. *Homi* correto, de Deus. Muita gente tinha medo dele. Eu só tive alegria. Padre João era só alegria. *Homi* *bão*.

— “A senhora, sente que a alegria é importante na vida religiosa?” Interrompo ela em suas lembranças.

— O que seria da fé sem a alegria. Jesus ri daqueles que fizeram mal a ele. Um sujeito carrancudo não tem Deus no coração. Diz ela.

— “Mas, a senhora me parece tão triste.” Tento inquietá-la!

— Triste? E o que é tristeza, meu *fio*? Você fala *cozinhos*, *mais* o que diz o teu coração? Ela me contrapõe.

Depois do meu silêncio ela continua:

— O riso na cara engana. *As veiz* tem muito riso e muita tristeza. Minha cara cansou de rir, *mais* minha felicidade é grande.

Continuamos a prosa, então, retomo os seus pensamentos:

— “E o Padre João? O que na poesia lhe fez lembrar dele?”

— Da parte do *chêro*, da doce chuva. Também, da coisa que diz da *campania agradáver*. (pequena pausa)

— Padre João era assim. Era bom na igreja, dava pra *sentí* o perfume dele de longe. Era doce, meio *chêro di* terra, tinha *chêro* cajá com buriti. *As palavra* eram fortes, *mais* eu e minha mãe *mais* minha tia Zéza sempre se *sentia* bem feliz. Era *homi* *bão*, *di* Deus. Só era ruim *pra* quem era ruim.

As pessoas começaram a chegar para o culto, porém, ninguém se dirigia a ela. Nos cumprimentavam, mas ninguém parecia nos conhecer. Como se aquela velha senhora fosse algo esquecido no passado.

— Me deixe com meus pensamentos. Dona Flora me pede.

Então, peço um registro em fotografia, mas ela me nega com a cabeça. Beijo sua mão de seda no dorso, calejada na palma, e me retiro.

Foi meu primeiro dia no Festejo de São Francisco de Assis do Povoado Brejão. Tudo lá já estava organizado, a igreja ornamentada, só esperando as pessoas chegarem.

Foi minha primeira intervenção como pesquisador de uma tese que teimava em aparecer, mas martelava a comicidade como objeto de estudo. Depois de Monte do Carmo estava convicto que aquele seria o ambiente de estudo.

Foi com Dona Flora o primeiro *insight* para constituir a tese. Quando os festeiros, que comandavam a programação do Festejo daquele dia, faziam votos ao Padre João pela sua persistência em constituir a devoção católica na região, Dona Flora baixou a cabeça e riu no silêncio. Era o vigário presente naquele lugar com sua “carranca de “coroné”” e sua alegria com riso debochado e acalentador de um sacerdote.

Dona Flora gargalhava silenciosamente e brincava dedilhando na cadeira sentada ao lado da porta da igreja. O sol já havia ido, mas o brilho da alegria apareceu no seu rosto. Foi naquele momento que comecei a perceber que o ridículo se envolve com as coisas sacras e as profanas, que a comicidade e o riso constituem o imaginário e a produção de sentidos nos festejos religiosos. Porém, tudo isso fica ali, entrelaçado nas histórias não oficiais dos festejos; não fazem parte do roteiro, mas fazem parte das vidas dos envolvidos.

E assim foi me apresentado o padre João; um vigário, um ““coroné”” ou mais um que vivia da condição de ridículo para encantar as pessoas. E Dona Flora, com sua seriedade aparente teria me aplicado o “conto do vigário”? Dona Flora, mais uma palhaça no meio de nós.

5.3 O Conto do “coroné” Ridículo

Um padre coronel ou um coronel padre, bem, a ordem não se sabe. O que se sabe é que o padre João esteve acima do bem e do mal e abaixo de todas as suspeitas. Bom, isso é o que o povo conta!

Era agosto de 2017, enquanto seguia a celebração na igreja matriz da Boa Vista do Padre João, com a igreja lotada pelos fiéis, estávamos sentados ao lado da igreja, Tião, Sabiá, Seu Nonato e eu. De 06 a 15 de agosto se comemorava o Festejo em honra a Nossa Senhora da Consolação, a padroeira da cidade. E a gosto dos senhores, ficamos conversando sobre o padre João, que muito lhes agradava.

— **Me *alembro* bem daquele dia. Era um dia muito bonito, setembro de 1947. 27 de setembro de 47.** Disse pausadamente Seu Nonato, que sentado com as pernas cruzadas debruçava seu olhar ao pensamento no passado e direcionado ao rio Tocantins.

— **Me *alembro* como se fosse hoje. Um dia bonito que ficou triste.** Ele completa, depois de uma pequena pausa. A serenidade do seu olhar se confundia com um leve sorriso de canto de boca.

Tião é um sujeito mais reservado, mas muito sorridente, quase sempre concorda com os demais balançando a cabeça; Sabiá é inquieto, esteve todo momento batucando na cadeira e assobiando baixinho, muitas vezes interrompia o Seu Nonato, porém não concluía seu pensamento. Já Seu Nonato parecia ser um senhor de fala calculada, muito sentimental, no entanto, sereno.

As pessoas iam e vinham de dentro para fora da igreja, e nós lá pescando memórias. Memórias que pareciam escondidas e que, com um pouco de estímulo, brotaram com sentimentos e sensações.

— **Eu até me *azzuripiei* de *lembrá* das história que meu pai contava *mais* minha mãe sobre o Padre João.** Disse Tião.

— ***Tarra* todo mundo esperando o padre aparecer na sua mula toda enfeitada, *mais* o que apareceu foi o corpo do padrinho. Ali morreu o padre “*coroné*”.**

Logo interrompe o Seu Nonato, sem deixar Tião prosseguir.

— **Padre João era um “*coroné*” de batina.** Complementa Seu Nonato.

— **Foi herói e foi bandido. De pistola e terço.** Diz Sabiá rapidamente, como se tivesse medo de falar sobre o assunto.

— **Era muito corajoso, *mais* também naqueles tempos quem não fosse corajoso nem vivia direito.** Complementa Seu Nonato, sempre com olhar voltado ao rio, as pernas cruzadas e um balançar no pé a cada vez que parava de falar.

Sabiá parecia receoso, Tião inquieto e Seu Nonato encantado com assunto. Dos três, Seu Nonato foi o único que conheceu o vigário ““coroné””. Logo nos despedimos e adentramos na igreja para acompanhar a celebração. No caminho, aos passos curtos e lentos, Seu Nonato me segurava no ombro e continuava com as lembranças.

— **Ele era firme *nos sermão* e era debochado também. Aquele ali gostava de uma provocação. Tinha gente que não gostava, ficava brava. *Mais*, o padre *impricava* *cos* que ficava nervoso.** Me contou Seu Nonato até sentarmos na igreja.

Durante o restante da celebração, nenhum dos três gentis senhores conversava. Cada um com seus familiares e concentrados na sua devoção. Mas, Sabiá continuava com seu batuque no banco da igreja.

De todas as pessoas abordadas a trazer alguma lembrança sobre o padre João de Sousa Lima, apenas os três senhores aceitaram as inquietações. Alguns jovens se mostravam desinteressados, outros adultos e idosos pareciam querer se livrar do assunto. Muitos apenas respondiam “faz parte da história”, outros tantos diziam algo relacionado ao passado marcado por confusões e criminalidade.

E foi com Dona Nonata, irmã do Seu Nonato, que finalizei os diálogos daquela noite. Mais velha que o irmão, Dona Nonata não teve dificuldade de lembrar sobre as peripécias do padre João.

— **Eu era menina-moça ainda. Me *alembro* bem daquele jeito que o padre me olhava. Parece que *tava* me comendo com o olhar. Chegava acariciando a gente, com jeito fácil de falar e um sorriso¹¹ de *homi* mulherego.** Diz Dona Nonata.

¹¹ O verbo sorrir, nos vários cantos do Norte brasileiro, tem conotação de rir, então, popularmente não há diferenciação entre o riso e o sorriso. Para o nortista é tudo a mesma coisa e tem o mesmo sentido.

A senhora é uma professora aposentada, cuja idade não quis revelar, mas é a irmã mais velha da família de Seu Nonato, juntos com mais 7 (sete) irmãos. Filhos de fazendeiros da região, hoje moram no interior da cidade de Nazaré-TO.

— **Papai dizia que padre tinha que ser respeitado, *mais* como o padre João era envolvido com o Seu Leda não era *pra* dar muita conversa.** Conclui Dona Nonata, que sempre séria conversa baixinho e com fala firme.

— **O padre era muito extravagante. Era pistoleiro e sacerdote. Alguns diziam que ele era de Deus, outros que era do diabo.** Ela complementa, então, inquieto-a sobre qual era a sua opinião sobre isso.

— **Eu?** (pausa). Ela me responde contrariada, com semblante sério.

— **Ele era Deus e o diabo na pele de *homi*. Tinha palavras bonitas, mais riso solto, fácil que estremecia a mulherada.** Diz Dona Nonata, com sisudez, mas suas bisnetas adolescentes riam enquanto tratavam a bisavó com carícias.

— **Muita gente queria matar ele. Mais, o padre João era danado *de só*. Quem ia matar, era morto. E o povo falava que o padre ria metendo bala.** Ela finaliza dando adeus me acenando.

— **Que ridículo!** Disse uma de suas bisnetas, para a minha surpresa.

As histórias do vigário de pistola, do ““coroné”” de batina, vão adormecendo nas memórias dos mais antigos. A juventude despreocupada em saudar a memória vai desfazendo o legado do padre e ““coroné””, que da vocação e da fé perpassou aos interesses políticos e sociais. Um padre ou um ““coroné””, na fé ou na bala, um sujeito que não escondia sua condição extravagante de ser visto, de viver e de ser lembrado.

5.4 O Conto da Boa Vista do Padre João

Era uma tarde quente, chuvosa e preguiçosa de maio de 2015 quando cheguei na Boa Vista do Padre João. Eu estava no estado do Tocantins desde 2007,

e só em 2015 me instalei no Bico do Papagaio. Eis, então, que conheci a famosa Boa Vista do Padre João, mas pouco sabia, quase nada, sobre o padre João da Boa Vista e muito menos da Boa Vista do Padre João.

Passaram-se 2015, 2016 e chegando 2017 um encantamento pela região me fez refletir sobre as peculiaridades deste lugar. Já era momento de estabelecer uma Tese para ser defendida, então, as coisas do Tocantins falaram mais alto; era quase que uma obrigação aprofundar os estudos nas questões culturais e artísticas da região.

Para iniciar uma busca sobre um contexto artístico e cultural, antes se faz necessário conhecer que lugar é esse. Foi assim que comecei os trabalhos, estabelecendo uma conexão com a origem e a formação deste povo. Foi assim que comecei a conhecer a Boa Vista do Tocantins, a Boa Vista do Padre João.

— **Aqui, no tempo da minha bisavó, era Pastos Bons. Maranhão. Hoje é Tocantins, já foi Goiás, antes Maranhão. Hoje é Tocantins.** Me disse Dona Beíça, quando conversamos sobre a fundação da cidade.

— **Naquela época era tudo de barro e palha de babaçu. O nome de início era Boa Vista do Tocantins, por causa do rio e tinha uma paisagem muito bonita. Ainda é, mais antigamente era mais bonito parece.** Ela me fala sobre as belezas do lugar, e continua.

— **O tempo fez Goiás esquecer da região e aí se separou no estado do Tocantins. Antes, aqui, nesse lugar tinha muita política. Muita guerra. Muita briga. Era terra de coronel. Até os padres eram coronel.** Diz ela.

Estávamos sentados em um banco, nos fundos da igreja do povoado Catinga, região periférica da Boa Vista do Padre João. Enquanto isso, os demais participantes da celebração foram percorrer a rua que segue em frente a igreja, em procissão. Naquele dia resolvi ficar conversando com a Dona Beíça, pois a mesma estava indisposta. Comemorava-se o Festejo de Santa Ana, avó de Cristo.

— **Aqui teve um padre, o padre João Lima. Ele fez história aqui. Você já ouviu *falá dele*?** Ela me pergunta. (confirmei acenando com a cabeça)

— **Ele também era coronel. Foi até prefeito daqui. Ele que botou ordem nisso tudo. Todo mundo conhecia o padre João da Boa-Vista. E até hoje a**

cidade é conhecida por Boa Vista do Padre João. Continua a Dona Beíça, segurando o meu braço.

Para registrar, pergunto-a sobre a sua naturalidade e sua idade. Ela parece não gostar muito da pergunta, tanto que larga o meu braço e me pede um copo d'água. Então, fui até a casa em frente da igreja e trouxe um copo de água fresca. Depois de beber ela pergunta se eu não iria acompanhar a procissão, me desconversando. Percebi que as pessoas, em especial as mais velhas, não gostam de muitas perguntas pessoais, nem de registro em foto e vídeo.

— **Não gosto de falar de onde vim. Dói pra mim, tive uma vida muito doída. Nasci pelas bandas do Piauí, mas vim ainda menina pra cá.** Dona Beíça me diz com tom de tristeza. Por isso, não insisti mais e fui acompanhar a procissão, que já estava voltando.

— **Sete dúzias mais cinco ovos. Mais não conta.** Ela me fala em tom de ironia, logo que eu saía da igreja.

E assim, depois de conhecer um pouco sobre o padre João da Boa-Vista, comecei a entender sobre a história, as estórias e a fundação da Boa Vista do Tocantins ou a Boa Vista do Padre João. Eu segui meu caminho na busca pelo entendimento sobre a comicidade e o riso envolvidos no atravessamento entre o sagrado e o profano dos festejos religiosos. Dona Beíça continuou lá com olhar tristonho de uma vida sofrida e bem vivida como muitos no cerrado.

5.5 O Conto da Boa Vista da Fé do Tocantins

Nas minhas caminhadas pelos Festejos Religiosos da Boa Vista do Padre João busquei as questões da comicidade e do riso que estavam subentendidas nas atitudes, nos afazeres, nos objetos, nas falas e no cotidiano. A intenção não foi buscar o que já estava posto, digamos oficialmente, e sim aquilo que está lá, todos veem, sentem, percebem, mas deixam adormecidos.

Foi nesse contexto religioso, ignorando o profano e o ridículo que algumas pessoas me contaram como são estes festejos religiosos da Boa Vista do Padre João.

E assim foi ...

Lá estava eu sentado no banco da igreja a prostrar com os devotos.

— **Isso aqui é a minha vida. Eu espero o ano todo. Me preparo o ano todo pra isso.** Me conta um jovem, que diz ser homossexual sem que eu o pergunte sobre isso, mas que parecia ser necessário ter dito. Era o Festejo de São João Batista, no povoado Brejão, em junho de 2017.

— **Apesar de tudo, de quem eu gosto ou do que eu gosto, jamais deixarei de ser católico. Essa é a minha fé. E as coisas não se misturam.** Complementa o jovem.

No mesmo festejo, fiquei a observar uma senhora que estava quieta e não se preocupava com as atitudes dos outros, nem se importava com animação dos demais após as celebrações. Ela chegou quieta, acompanhada de uma jovem, e saíram da mesma forma.

— **Venho pra agradecer. Pra pedir serenidade. Se tive festa eu venho, se não tive também venho.** Diz a senhora sem que parasse para conversar, ao me responder se ela sempre acompanhava o Festejo.

O tempo passou, cerca de três semanas, então, eu já estava em outro Festejo, mas as memórias destas conversas sempre vinham à tona. Algo me incomodava, pelo menos me deixavam curioso.

No povoado Catinga, na celebração a Santa Ana em julho de 2017, encontrei outra senhora, que com seus dois filhos adolescentes acompanhava a procissão sempre cantando. Ela não se importava que seus filhos ficavam a brincar, algumas vezes de zombaria com os amigos.

— **Não jôvi, aqui somu de fé. Ninguém farta com respeito com Cristo e aném com a Santa. Só vi gente rezando e adorando o senhô.** Comenta a senhora quando eu a indaguei sobre as brincadeiras que seus filhos estavam fazendo. Até fui reprimido com o olhar.

Lembrei que, em outro momento, mais precisamente em agosto de 2016, conversei com um senhor na procissão do Festejo de Nossa Senhora da Consolação. Enquanto o corpo da procissão passava pelas ruas, muitas pessoas bebiam em frente as suas residências. E alguns devotos que acompanhavam o corpo paravam para cumprimentar os moradores e “tomar um gole”, como dizem os moradores locais.

— **Só vejo o povo em devoção. O que tá lá fora, tá lá fora.** Me responde o senhor quando o pergunto sobre o consumo de bebidas e o cumprimento das normas da igreja. Ele nem me olhou, parecia ignorar os fatos estranhos a celebração.

As lembranças me levaram no tempo, foi quando recordei da imagem caricaturada pela ironia de uma senhora, algumas semanas atrás.

— **Você não venho pra rezá?** Me questiona uma senhora, no Festejo de Santo Antônio, em junho de 2017, depois que eu me apresentei e a perguntei sobre o sentido do festejo na sua vida, ela me respondeu de maneira sarcástica. Com olhar na câmera me reprimiu.

Ela não parecia estar incomodada com minha presença, porém deixou claro a sua indiferença para o que estava fora do contexto religioso. Eu fiquei quase que sem reação.

— **Eu venho pra rezá. Pra isso que serve a igreja.** Ela me repreende!

Na Boa Vista da fé, o riso tem vez, mas é melhor ir devagar porque o andar é longo.

5.6 Desfecho

Nestes encontros conheci o padre João, mais precisamente, nas memórias de alguns devotos. Há poucas obras literárias e produções sobre o referido sacerdote, porém, apesar do tempo da sua morte, ainda pude encontrar algumas pessoas que

me contaram sobre as suas recordações. O interessante foi poder conciliar as questões da comicidade e do riso com a busca histórica local e do padre. Os festejos visitados trouxeram uma bagagem imensurável de riqueza cultural.

A dramatização, a encenação, quase que natural, dos envolvidos traz uma caracterização de cada celebração; faz parte do processo de devoção. Bem como a articulação do lado cômico de cada um em cada gesto, atitude e maneiras de se expressar, expressar a sua fé. Que nem sempre tem intenção de ser cômico, algumas vezes traz o poder da comicidade e do riso, mas o centro das atenções é a fé.

Quando se passa despercebido pelas celebrações religiosas não se consegue ver o lado extravagante do espaço, dos comportamentos e das ornamentações. Apenas é percebido o caráter religioso, porque é um espaço religioso. Todavia, o ridículo e o profano estão lá, acanhados, algumas vezes exagerados, mas o marco está no sagrado.

Parece que as coisas profanas não fazem parte do contexto e quando estão inseridas deixam de ser profanas, pelo menos para alguns dos devotos. Tudo que é inconveniente se torna conveniente ou é ignorado. A fé e a devoção são maiores do que qualquer estranhamento por questões que venham a ferir a fé ou a confrontá-la.

Em alguns festejos fui repreendido por alguns participantes, que ao registrá-los com a câmera fizeram sinais de repúdio. Esse fato também ocorreu em todos os festejos, com olhar repreendedor, gestos com as mãos e/ou a cabeça de negação e outras vezes com palavras.

Talvez seja o medo de expor, expor o ridículo, ou se expor ao ridículo. Talvez seja apenas uma resistência ao estranho. A câmera pareceu ser mais negada do que a minha presença.

Seria eu o profano? Ou um estranho ridículo?

6 CONTOS DA FESTANÇA DA FÉ NA BOA VISTA “DO RISO”

6.1 Preliminares

Depois de aprofundar o entendimento sobre as questões históricas da região do Bico do Papagaio e da Boa Vista do Padre João e, em especial, sobre o cônego João Lima, conhecido como o padre João da Boa-Vista, adentrei nas questões religiosas e culturais locais. No Capítulo anterior, tratei da história e neste abordarei a religiosidade, a cultura popular e seus festejos de celebração aos santos católicos.

Este capítulo é constituído de seis pequenas narrativas, na forma de contos, que se entrelaçam sobre as questões religiosas e a cultura popular nos festejos da igreja católica. Os contos trazem proposições de confirmação da tese de que a comicidade e o riso, na condição de ridículo de cada devoto, se envolvem no contexto religioso sem causar transformações profundas. O ridículo, ou a condição de ridículo, então, faz o papel de acalentador dos temores entre as “coisas” profanas e as sagradas. Seria o estranho a inibir o estranhamento através da provocação cômica e do riso.

A primeira narrativa traz O Conto do Culto ao Ridículo como Espetáculo da Fé, neste conto há três personagens principais que explicitam a condição de ridículo. No festejo de São João Batista, o ridículo do Del Rey envolve toda a sua irreverência para demonstrar a sua fé. O mendigo de Santo Antônio traz a questão irônica, debochada. E o dançarino de Santos Reis com seus trejeitos extravagantes.

O Conto do Culto ao Ridículo como Espetáculo da Fé - Parte 2: Uma Questão de Gosto é o segundo conto a ser apresentado. Esta pequena narrativa trata da extravagância das ornamentações e dos comportamentos dos devotos a respeito das questões estéticas dos festejos. O conto traz pontuações sobre as questões estéticas extravagantes envolvendo Seu Mané, a menina Moça e o padre Isaac.

Já no terceiro conto, O Conto da Fé como Exibição, José Nonato é a personagem principal. Nesta narrativa, o jovem José Nonato traz as suas angustias com olhar crítico social, porém de maneira irônica e debochada sobre os fatos. A crítica social e as questões de gênero e sexuais se envolvem neste contexto.

Em O Conto do Corpo que Fala e das Falas do Corpo traz uma narrativa sobre as questões corporais e a comicidade, além de trazer a ludicidade e a corporeidade na condição de ridículo. Neste conto, o personagem Rapaz irônico envolve as possibilidades de comunicação corporal, envolvidas, também, no risível.

O Conto das Vidas e dos Sentidos da Vida é o quinto conto de capítulo e traz Dona Menina e Seu Menino como articuladores principais. O conto evidencia o sentido da vida de um casal de devotos idosos e a sua condição de ridículo como uma produção. Dois palhaços da fé que vivem da e pela alegria.

Ao findar o capítulo há O Conto das Vidas e dos Sentidos da Vida - Parte 2: O Paquerador. Este último conto traz o “mulherengo” como personagem principal, um sujeito que usa o seu lado cômico, ou melhor, ridículo para demonstrar a sua devoção às mulheres. Um palhaço amante das mulheres; um mulherengo!

Vamos nessa?

Vamos mergulhar na cultura do riso na Boa Vista do Padre João?

6.2 O Conto do Culto ao Ridículo como Espetáculo da Fé

— **Não seja ridículo!** Diz uma moça com tom de voz sorridente, assim que eu cheguei no povoado Cerrado, em uma tarde de junho de 2017.

Logo me animei. Afinal, qual palhaço não gosta de ser chamado de ridículo? Estampeei a minha cara de sonso e procurei a dona da voz, mas para minha surpresa não era para mim aquelas palavras. Era para um rapaz, que visivelmente embriagado, conduzia um automóvel Del Rey marrom todo embelezado para o Festejo de São João Batista. Era Festa de São João!

O jovem vestia uma camiseta promocional do festejo e usava um chapéu de couro de vaqueiro nordestino. Sentado no banco declinado do veículo, ele acelerava forte tentando fazer manobras radicais, talvez com o intuito de levantar a poeira, com quase nenhum sucesso.

Algumas pessoas se assustavam, principalmente as mulheres e os mais velhos. Alguns jovens riam, as crianças se excitavam e outros só observavam. O riso une ou afasta, provoca leveza ou estranheza, excita ou incita. O ridículo provoca riso ou desprezo; desprezo? Cada um sabe o porquê que lhe dói.

Olhar embriagado, sorriso maroto, um braço no volante e outro para fora da janela do Del Rey, o rapaz dava gritos de alegria e excitação. Ele não se importava com a estranheza do ridículo, com a extravagância do seu jeito e do carro. Parecia que a ideia era, justamente, chamar a atenção, como se tudo aquilo fosse fazer parte da sua fé, da sua devoção em São João Batista.

Me fez lembrar de dois outros casos: o dançarino de Santos Reis e o mendigo de Santo Antônio.

— ***Eita lasquera!*** Grita o ridículo do Del Rey levantando uma garrafa de aguardente.

Outros tantos, além do ridículo do Del Rey, estão embrenhados nos Festejos Religiosos, e nem por isso estão em desarmonia com a sua fé. Todos eles demonstram as suas devoções, mesmo utilizando do culto ao extravagante, o cômico, ou como queiram, o ridículo de si.

Assim recordei de ter encontrado o “dançarino” no Festejos de Reis em dezembro de 2016, no bairro das Mangueiras da Boa Vista do Padre João. Alguns deveriam pensar que era um exibicionista, um louco ou algo similar, outros riam, estranhavam, mas riam do dançarino. Tinha aqueles que se desconcentravam da celebração, repudiavam com o olhar, e riam cabisbaixos em silêncio; como se fosse pecado rir.

O dançarino de Santos Reis chegou de mansinho, ficou na porta lateral da igreja, junto com dois amigos. Os três demonstravam devoção ao acompanhar a celebração com muito entusiasmo, todavia, era nos cantos que o dançarino celebrava de forma grotesca. Era rebolado pra cá, pulinhos pra lá, gestos expressivos e canto firme. Chamava atenção de quem estava ao lado da igreja organizando a quermesse e daqueles que estavam sentados próximos da porta lateral da igreja.

Avistei o dançarino de Santos Reis de longe e logo fui observa-lo mais de perto. De calça jeans apertada, sapato de camurça vermelho e uma camisa gola polo branca com listras coloridas, ele exibia sem medo um pedaço da sua barriga ao levantar os braços quando dançava.

Depois de conhecer o ridículo do Del Rey e de lembrar do dançarino de Santos Reis, sentei para observar as demais movimentações do Festejo de São João Batista. No entanto, algo não me deixou concentrar e comecei a rir quando surgiram as memórias do Festejo de Santo Antônio, que havia acontecido na semana que passou. Em especial, de um certo mendigo.

O mendigo de Santo Antônio é mais um ridículo que cultua a sua condição cômica em prol da sua fé, mesmo que algumas vezes causando um espetáculo. Naquela noite de 06 de junho de 2017, havia poucas pessoas na celebração. Alguns devotos conduziam a celebração, pois o padre não poderia comparecer. Então, os que chegavam, muitos atrasados, sentavam próximos ao altar.

Narrativas de fé, orações, rezas, cantos, momentos em silêncio. Mas, lá estava ele, o mendigo de Santo Antônio, que resmungava piadinhas a cada fala dos oradores. Não dava para entender a maioria das suas falas, porém, dava para entender que se tratavam de pequenos contrapontos com tom de humor.

— **Santo Antônio interceda por nós as nossas preces.** Diz a oradora!

— ***Tu qué é casá, disgraca.*** Resmunga o mendigo de Santo Antônio.

Algumas pessoas ficaram incomodadas e estranham a cena, outros fingem que nada está acontecendo e sorriem em silêncio. Parece constrangedor, mas percebo que os oradores que estão no altar não escutam os resmungos.

— **Em nome de Cristo, com Cristo, em Cristo.** Diz outra oradora, em outro momento.

— **Cristo, Cristo, Cristo. Deixa de ser besta.** Diz o mendigo, resmungando.

Uma senhora reclama ao pé do ouvido do mendigo de Santo Antônio, mas ele sorri e segue a resmungar. Parecia não se importar, parecia que os resmungos com conteúdo grotesco o faziam entrar em uma condição de concentração. E logo pôs-se de joelhos a rezar, e assim ficou por um bom tempo até o fim da celebração. Ao fim,

saiu resmungando, todo sorridente e com momentos de riso esquizofrênico. É o culto ao ridículo como espetáculo da fé!

6.3 O Conto do Culto ao Ridículo como Espetáculo da Fé - Parte 2: Uma Questão de Gosto

Em frente a igreja logo pensei, “Se alguém disser que não há preocupação com a estética nos festejos religiosos, fique sabendo que é coisa do diabo” (risos). As vestimentas, a ornamentação das igrejas e dos espaços dos festejos, as camisetas promocionais, os cartazes e disposição das coisas dão um nó na cabeça de quem se concentra em observar tudo isso.

Principalmente as senhoras mais velhas ficam a admirar os detalhes extravagantes dos desenhos, da ornamentação do altar, da decoração da igreja, no entanto, tudo que é extravagante é ao mesmo tempo simples; não simplório, mas simples. Talvez por isso, agrade a maioria.

Era final da tarde, quente e úmida. Então, fiquei a observar o movimento da organização do local.

Duas moças decoravam o altar da igreja de São João Batista, no povoado Cerrado. Interessante foi perceber os olhos brilhando ao finalizarem a ornamentação cheia de detalhes e bem chamativa, porém feita com coisas simples.

O mesmo já havia percebido na igreja do povoado Catinga que comemorava o Festejo a Santa Ana, no bairro das Mangueiras e sua celebração a Santos Reis, no Bairro Alto e seu Festejo a Santo Antônio e no povoado Brejão, que comemorava São Francisco de Assis. A simplicidade do povo e o capricho para demonstrar a sua fé fica estampado na forma de decorar a sua devoção em bens materiais.

Lembrei de Seu Mané, que não se importava com a extravagância do altar aos Santos Reis, tanto que, por ele a decoração poderia ser mais carregada em detalhes, no colorido e nas luzes piscando. Ele me contou que na sua casa há um

pequeno presépio e uma árvore de Natal, mas como mora na zona rural não há energia elétrica distribuída. Então, ele liga as luzes em uma bateria de trator.

Ao lado, encostada na parede da igreja, a menina Moça sorri e ri dos trejeitos dos mais velhos ao fazer as suas preces. Alguns fazem caretas, outros movimentam o corpo de forma exagerada, muitos cantam desafinados e a menina Moça se diverte. Ser ridículo não é tão ruim como a maioria acredita. Ainda não estamos acostumados com o estranho que nos provoca riso.

— **É tudo uma questão de gosto.** Diz o padre Isaac, quando o perguntei sobre a extravagância dos fiéis.

— **A fé e a alegria não são como água e óleo; são como água do rio e água do mar, ambas têm gosto diferente, mas se misturam.** Complementa o padre.

A fé pode se tornar um espetáculo e muitos cultuam as questões extravagantes, ridículas, cômicas e lúdicas para tornar está fé em espetáculo. Esta contemplação da alegria e do riso para muitos é uma maneira de demonstrar a sua fé, mesmo que alguns possam estranhar. Pois, o estranho seria não ter fé nem devoção.

— **Tudo é uma questão de gosto. Tudo é uma questão de fé.** Diz o padre Isaac.

Se para os agentes da igreja tudo é uma questão de fé e de gosto, então vai rir quem tem gosto pela fé. E, talvez, só se incomoda com o riso do outro quem não se reconhece pelo riso e pela fé.

6.4 O Conto da Fé como Exibição

Do outro lado havia uma esquina; na esquina havia um bar. Enquanto alguns bebiam e jogavam sinuca, outros se direcionavam para a igreja. Era a celebração

dos Reis Magos no bairro das Mangueiras, era o Festejo de Santos Reis, em dezembro de 2017.

Tomei a liberdade, e a curiosidade, de fazer um contraste entre o ambiente “puramente” sacro e o ambiente “puramente” profano. Na igreja, por volta das 18h de uma quarta-feira de céu encoberto, mas abafado, os devotos faziam os últimos ajustes na ornamentação e na organização da celebração. No bar, alguns “devotos” da cachaça faziam as suas “preces” e jogavam sinuca.

Entre o sagrado e o profano surgiu José Nonato, um jovem que passou pelo bar juntamente com dois amigos e uma senhora logo atrás, que deveria ser sua mãe. A senhora reclamava muito com ele, e ele retrucava.

— **Eu não queria ser José. Que merda! Tinha que ser José. Que bosta!** Contesta José Nonato, toda a vez que a mãe tenta falar algo.

Entre uma reclamação e outra, o jovem cantarola canções religiosas. Bom, pelo menos é isso que eu acredito, pois, o tom do canto parecia religioso. Os demais amigos o acompanham no passo e no cantarolar.

Entre um cantarolar e outro José Nonato resmungava e esfregava as mãos e mantinha o olhar a frente e disperso, em uma menção que estava ansioso e concentrado. Então, logo pensei que o jovem faria parte da encenação de Natal, e que na programação daquela noite teríamos uma encenação.

— **Presta atenção. Escuita bem.** Repete a mãe do jovem por várias vezes até chegarem na igreja.

A celebração começa e o jovem esteve concentrado na sua devoção. Cantava todos os cantos com muito fervor. Gesticulava com braços, mãos e ombros sempre com olhar voltado para o presépio ou para imagem de Cristo.

Chegou o momento da encenação do nascimento de Cristo em celebração aos Reis Magos. Para a minha decepção, José Nonato não fazia parte do grupo que apresentara. Porém, o jovem seguiu toda a apresentação observando todos os passos, falas e ações dos atores.

— **Nossa, muito fracos. Olha isso!** Resmungava várias vezes aos amigos. Seus olhos diziam que poderia fazer melhor.

Os resmungos do jovem e sua reprovação à encenação fez com que algumas pessoas o observassem. Alguns riam, outros sorriam. A indignação do jovem ficou evidente para muitos. Mas, ele não se preocupou com o estranhamento que os outros tiveram sobre sua reprovação. Na verdade, os outros estavam estranhando seu jeito extravagante de reprovar.

Olhos arregalados, olhar para o alto, esfregar de mãos, reboadinhas, balançar de cabeça, caretas, mãos no rosto que cobria boca e os olhos, coçar de cabeça, cruza e descruza os braços, pulinhos, virar de costas. Assim fazia o jovem José Nonato, quase um show de pantomima.

Semana depois o encontrei no último dia do Festejo, então perguntei-lhe sobre aquele dia. Ele me puxou pelo braço, como se fôssemos velhos amigos, e me contou em caráter de fofoca.

— **Mininu, tu viu aquilo. Achei um horror. Nossa, que horrível. Fizemos muito melhor na escola.** Ele me contou com toda felicidade no olhar. Então, perguntei como ele se saiu de José.

— **Que José nada. Fiz Maria, linda e maravilhosa. Chorei horrores. Eu precisava ser Maria. Não é pra qualquer um. Precisa ter muita fé. Todo mundo chorou. Olha fiquei arrepiado.** Disse o jovem com um brilho no olhar que me deixou desconcertado. A sua fé e devoção por Maria parecia ser imensurável.

Nos despedimos com um abraço e segui as minhas observações. José Nonato, ou seria Maria, seguiu maravilhado com a sua devoção. Vestia uma camiseta estampada com a imagem da Virgem Maria, o jovem transbordava felicidade. Algumas pessoas olhavam e sorriam, talvez, por sua “condição sexual”, o que ainda é algo estranho, ainda é algo ridículo, e até profano. Para ele, a sua fé é maior do que qualquer outra coisa.

José Nonato, ou Maria, um exibicionista da Fé!

Ou, mais um ridículo entre nós. Amém!

6.5 O Conto do Corpo que fala e das Falas do Corpo

Nestas minhas andanças pelos Festejos Religiosos da Boa Vista do Padre João conheci muita gente, muitos lugares, muita fé, muita devoção e muitas coisas ridículas. Mas, não fique injuriado com o ridículo. Há ridículo que dói de ver, e há ridículo que dói de rir. O ridículo só é pejorativo para quem não sabe o que é ser ridículo.

E não há nada mais formador da condição de ridículo do que o corpo. Oh meu Deus, só Tu sabes como os corpos falam. Então, vamos falar sobre as falas do corpo.

Nunca vi bicho mais falador do que gente. Gente fala com a boca, com o olhar e até falam pelos outros. Todavia, a gente fala mais com o corpo. Então, não há bicho mais falador do que a gente. Deve ser por isso que os outros prestam tanta atenção no corpo da gente. A gente pode ser homem ou pode ser mulher, ou nem ser gente. Só depende da gente.

No altar da igreja de Santo Antônio, no Bairro Alto em junho de 2017, as moças cantavam com a boca e com o corpo. Até quando o padre proferia a santa missa, elas falavam tão alto com o corpo que até causava confusão mental e quase ninguém prestava atenção no sacerdote.

— **Desculpa seu padre. A conversa aí atrás era muito grande.** Disse um rapaz com tom de ironia ao padre, logo que acabou a missa.

O padre estranhou, pois, para ele, ninguém havia falado no altar quando ele ministrava a celebração do dia. Como se engana o padreco. Ele, de costas para o altar e de frente para o público, mal sabia do que estava acontecendo pelas suas costas. Nós que vimos tudo de frente, éramos cúmplices.

— **Pensa numa *muiérada conversadera*.** Resmungo o rapaz irônico no pé do meu ouvido. Eu, logo concordei, então rimos juntos.

A mulherada que acompanhava a missa seguia as palavras do padre com gestos de confirmação. Era mãos erguidas ao céu, olhares para o alto, baixa cabeça

e ergue o olhar, confirmação balançando a cabeça, mãos postas em sinal de oração, palmas leves, balançar dos quadris, ombros apontando, sem falar nas caretas.

Ah, as caretas. Essas falam muito!

Era piscadinha pra cá, piscadinha pra lá, acachapa os lábios, eleva as sobrancelhas, olhares que falam mais que mil palavras. E o mais comum de todos, ajeita a roupa e mexe nos cabelos, constantemente. Até as próprias mulheres estranham tudo isso. Muitos riam, outros comentavam e até repudiavam. Eis o ridículo de si, sem que o próprio sujeito perceba.

O rapaz irônico sabe que a linguagem do corpo também se impõe nas relações. Tanto que, prestava atenção em tudo e de vez em quando soltava uma piadinha. O que não era engraçado ele tentava deixar, parecia um caçador do ridículo.

Os corpos falam tanto que noutra vez, já no Festejo de Santos Reis, no bairro das Mangueiras, em janeiro de 2018, o jovem que fazia um personagem na encenação do nascimento de Cristo deixava a sua marca com seus trejeitos hilários. Olhares desconcertantes para os demais personagens e para o público, mãos levadas à boca, como se dizia “cala-te boca”, e um jeitinho todo extravagante de se posicionar.

Mas, lá estava ele, o rapaz irônico, sentado logo em frente à encenação. Seu sorriso jocoso preenchia todo espaço vazio deixado pelos demais, que teimavam em deixar o ambiente cansativo. Durante a apresentação, o rapaz irônico ria e encolhia os ombros ao olhar para o jovem ator e o jovem ator grilava os olhos em sinal de deboche.

Não havia, naquele momento, nada mais cômico do que aquela troca de olhares. Me lembrou do clássico clownesco do Branco e do Augusto. Um jogo de falas corporais, onde o lúdico e a comicidade estavam embrenhados até na alma dos sujeitos. E, somente, os sensíveis pela arte do riso poderiam perceber.

— **A alma fala pelo corpo e o corpo fala pela fé. Não há nada mais de Deus do que a alegria.** Assim dizia o padre Isaac, um dos mais ridículos; graças a Deus!

6.6 Conto das Vidas e dos Sentidos da Vida

Fim de tarde de uma quinta-feira calorosa e seca na Boa Vista do Padre João, região do Bico do Papagaio. Dona Menina entra na igreja com seu vestido de renda, lenço florido na cabeça, bíblia na mão e:

— **Deus no coração.** Como ela própria afirmou.

Concentrada na missa, atenciosa a sua devoção a Santo Antônio, ela manifesta a sua fé com lágrimas nos olhos, cabisbaixa e olhar no alto; buscando a Deus com a intercessão do Santo padroeiro.

— **Me visto assim pra agradá o meu Senhô e o meu Santinho, Santo Antonho.** Declara a Dona Menina, com olhar que mistura paixão e respeito.

Dona Menina se mostra séria, comprometida a sua devoção, mas em alguns momentos aos meus olhos se deixa levar pelas brincadeiras. Vem à tona um sorriso debochado, extrovertido, cheio de malícias em um momento de introversão e fé.

Dona Menina se apegava a sua devoção ao santo padroeiro, mas não deixa de lado a alegria quando se refere ao vestido e ao lenço.

— **Esse vestido bonito é pra ficá bonita aos óio do Senhô, mas também pra ficar bonita pros outro.** Diz a senhora com sorriso largo.

— **O lenço é tradição. E pra me escondê. Depois eu vô aprontá.** (gargalhadas) Se referia a outra face do festejo.

Quando indagada se ela se acha ridícula, Dona Menina se mostra chateada.

— **Ridícula não, meu fio. Sou ispojada. Sou jovi. Divertida. Brincaiona.** A expressão “ispojada” se refere a despojada, na qual a senhora se referia como uma pessoa sem enfeites, divertida, desprezada. Então, a simplicidade de Dona Menina me fez refletir sobre a pergunta “Você se acha ridículo?”, pois esta expressão é tida como algo pejorativo culturalmente.

Segue a programação com a quermesse, o que a igreja denomina de Leilão e Praça de Alimentação. Momento direcionado para que a instituição arrecade fundos e doações. Em uma das tendas improvisadas, um bar, no meio de muita gente e no

embalo de um Forró eletrônico, o que é muito popular na região e que quase não dá para entender a letra da música, lá está ela, Dona Menina.

Dona Menina se sacode, rebola, arrasta os pés, sorri, dá gargalhadas, montada na coxa do seu parceiro de dança com o braço esquerdo relaxado ao lado do corpo e na mão direita uma garrafa de cerveja. No meio do entrevero, eis que surgem gritos de devoção com a oferta ao alto com a bebida:

— **Salve meu Santinho, viva meu Santo *Antonho*.**

Dona Menina não se vê como ridícula, mas a provocação do riso se entranha nas relações que a cercam. Talvez o termo ridículo seja muito forte culturalmente. Porém, a realidade da vida é muito mais forte. Há uma comicidade envolvida nesta senhora. Há, digamos, uma palhaça dentro de Dona Menina e ela confirma isso:

— **Eu sô uma *paiça* mesmo, fio.**

O parceiro de Dona Menina é o Seu Menino.

— **Parceiro de vida, de fé e da alegria.** Assim como ele descreve a sua relação com a senhora.

Casados há 32 anos, 9 filhos e 12 netos, o casal esbanja simplicidade e alegria. Ela devota de Santo Antônio, ele de São José, mas juntos levam uma fé que contagia qualquer um. Cantam, rezam, se emocionam em cada culto. Ao mesmo tempo, sorrisos no rosto, brincadeiras com os outros, piadinhas e muita história (ou estória) no ar.

Seu Menino é mais brincalhão e faz questão de participar de todas as atividades da igreja, de todos os festejos.

— **O que seria do *homi* sem a sua fé e a sua alegria de vivê?** Pergunta-me o senhor com olhar fixo aos meus olhos, mas muito cativante. Uma pergunta que não precisava de uma resposta, pois ele já sabia e vive ela.

Sapatos pretos bem lustrados, quase um espelho; calça lilás e um tanto quanto curta que dá para ver as pernas além da meia quando ele se senta, camisa rosa, boné vermelho de um partido político, e muitas joias. Assim é Seu Menino!

— **Me visto desse jeito porque é bonito assim. Gosto de *ficá* assim, gosto que as *pessoa oiam*, se elas sorrí então é porque tá *bão* demais da**

conta. O sapato tem que ser “listrado” assim, pra se oiá. Diz o senhor com fala firme e que sempre termina com um grande sorriso.

— **O bão da vida é ser *paião*, fazer o povo *si diverti*.** Completa Seu Menino, depois que lhe perguntei se ele teria um pouquinho de palhaço nele.

Casal de devotos que ajudam nas programações festivas da igreja, o que poderíamos chamá-los de mestres dos festejos. Eles sabem que as encenações fazem parte da festividade, tanto que, Seu Menino afirma:

— **A gente *faiz jeito*, *faiz novela pra demonstrá a nossa fé. Mais santinho sabe que é tudo de coração.*** Concordando com ele, Dona Menina sorri e aplaude o parceiro de alegria.

Ela muda de roupa depois da celebração na igreja, ele continua com a mesma vestimenta. Dona Menina prefere trocar de roupa porque segundo ela:

— **É coisa diferente, na missa tem que se fantasiá de moça séria, aqui na *pisadinha*¹² a gente *bota ropa mais elegante*.** O elegante para a senhora é o que seria brega para outras regiões do Brasil, vale lembrar que a proximidade com a região paraense faz com que a cultura do Tocantins tenha raízes fortes do Pará.

A festa segue até o amanhecer, mas eu me retiro antes disso. Já era o suficiente, naquele momento. E era momento de ir embora e levar na bagagem ótimas lembranças e esperança, em especial, esperança de um mundo melhor, com mais alegria. E assim seguimos, Dona Menina e Seu menino montados no lombo da palhaçada e eu galopando no Cerrado do riso.

Se é sacro ou profano, não sei. Só sei que é bom se encantar no riso.

¹² A pisadinha é um termo que se refere, na região norte e nordeste, aos bailes populares, onde não há preocupação com a discriminação de classes, nem poder aquisitivo e estrutura definida. A pisadinha apenas é aquilo que vem do povo e agrada ao povo. Alguns consideram a pisadinha como um novo ritmo musical, advindo do forró, em uma mistura entre o fandango gaúcho e batidas da Bahia.

6.7 O Conto das Vidas e dos Sentidos da Vida - Parte 2: O Paquerador

Era um desses domingos quentes de maio de 2016, e eu estava na beira-rio apreciando as belezas do Rio Tocantins. Havia outras pessoas, também, a fazer o mesmo, outros pescavam, algumas mulheres lavavam roupas. Eu, como sempre, acompanhado por minha trupe (minha esposa Fabricia e meus filhos João Batista e José Pedro).

Sentado em uma pedra com os pés a molhar nas águas do velho Tocantins, um senhor que aparentava ter idade entre 40 e 50 anos olhava para o horizonte. Eu preocupado com uma tese que teimava em dar o ar da graça; ele parecia esperar algo ou alguém que vinha do outro lado do rio. Naquele momento, eu não tinha pretensão de observar nada em específico, só apreciava o mundo e suas coisas.

Muitas pessoas começavam a chegar na rampa da balsa, a maioria vestidas de vermelho e branco. Eis que a balsa traz um grupo de pessoas vestidos da mesma forma. Era a passagem do Divino Espírito Santo pela Boa Vista do Padre João. Todos na cidade sabiam dessa programação, nós havíamos não dado tanta importância, todavia, algo nos levou até lá.

O senhor, que chamarei de paquerador, com semblante triste pôs-se o olhar ao alto e segurou o crucifixo próximo ao peito e aparentemente fez uma prece. Ao se juntar a multidão de devotos deixou seu lado introvertido e aos poucos se direcionava até algumas moças e senhoras cortejando-as. Aquela atitude me chamou a atenção, pois percebi que ele estava mais interessado no galanteio do que na celebração. O que não quer dizer que duvido de sua fé e devoção.

A amabilidade do paquerador era tamanha que algumas senhoras se incomodavam com a atitude. Não parecia ser inoportuno e sim apenas alguém tentando agradar as mulheres, o que não era possível chamar os atos de assédio e sim, de amabilidade. Me lembrou do meu saudoso pai, não por ele ser paquerador, mas por lembrar de uma música que ele gostava de ouvir, que dizia mais ou menos

assim: “Hoje tem marmelada? Tem, sim sinhô. Hoje tem goiabada? Tem, sim sinhô. O palhaço, o que é? É ladrão de mulhé!”¹³

Depois disso, tudo passou despercebido, no entanto, aquela imagem do paquerador ficou gravada na minha memória, sem intenção. E foi somente no Festejo do Divino Espírito Santo, meses mais tarde, na cidade de Monte do Carmo que moldei a minha tese de que a comicidade e o riso, enfim, a condição de brincante e ridículo, atravessam as questões sacras e as profanas em um ambiente festivo de celebração religiosa sem que desfigurem a devoção e sem trazer marcas profundas que descaracterizem as coisas sagradas por hábitos profanos.

Em Monte do Carmo conheci os Caretas, sujeitos mascarados que saem nas ruas para atormentar as pessoas, causando medo/estranhamento e riso. A esta condição de ridículo vislumbrei a possibilidade de que outros devotos, em outros festejos e sem ações especiais na programação, possam trazer na sua essência de ser esta condição sem que haja a necessidade de usar máscaras, apenas são marcas pessoais.

Passou-se um ano, desta vez já não teve a passagem do Divino pela Boa Vista do Padre João, mas, foi celebrada a Santíssima Trindade da igreja de mesma denominação, situada no bairro Boa Vista. E foi lá que reencontrei o paquerador!

E lá estava ele, com cabelos tingidos de loiro médio. Bem vestido, pelo menos ao meu agrado, ele estava sentado com seu companheiro de mãos dadas e algumas vezes trocavam carícias. O paquerador continuava com seu galanteio de cumprimentar as mulheres com sorriso estampado, beijos na mão e com palavras de agrado, porém com sentido humorístico.

O paquerador era, talvez, um amante das mulheres, que usava do seu lado cômico para demonstrar toda esta paixão. Pois, o sentido da vida do paquerador era apreciar a beleza das mulheres e engrandecer a existência delas. O paquerador não era um palhaço ladrão de mulheres, ele pode ser um palhaço amante das mulheres; um mulherengo. Talvez, um invejoso!

¹³ Música “O Palhaço, o que é?”, Composição: Alcebíades Barcelos Bide e Paulo Barbosa.

6.8 Desfecho

Simplicidade e extravagância são qualidades essenciais em cada parte, em cada detalhe, em cada ornamento, em cada prática, em cada comportamento. Observei em todos os festejos visitados os detalhes carregados e enfeitados das camisetas promocionais que os devotos organizadores de cada festejo usavam. Eles parecem nem se importar com isso, mas os detalhes chamam atenção dos demais devotos e visitantes. Alguns chamam de brega, outros de “cheio de frescuras”, eu chamarei de extravagante, ou melhor de ridículo, caso provoque riso ou um simples sorriso.

Ridículo, porque causa um estranhamento em quem vê pela primeira vez, ou causa um certo repúdio ou essa estranheza provoca riso. Para quem está acostumado é uma questão de gosto. Então, nem tudo é ridículo, pode ser ridículo e, nem tudo tem a intenção de ser ridículo, mas ao olhar do outro pode se tornar risível.

Outro fator que não pode ser desconsiderado das questões extravagantes nos festejos religiosos são os comportamentos dos participantes. Alguns estranham, porém, tudo parece permitido sem que o outro possa interferir na maneira com que alguém demonstra a sua fé e devoção.

Nos festejos católicos encontrei o profano e o riso; o riso sacro, o riso obsceno e o riso que apazigua os estranhamentos entre as coisas profanas que adentram no ambiente religioso. É o ridículo agindo como pacificador e tornando o momento festivo mais humanizado. A zombaria faz parte do contexto, mesmo não estando na programação, mas se faz parte dos comportamentos, fará parte dos espaços onde os humanos estarão.

As memórias das visitas e das conversas, de algumas pontuações de narrativas são importantes para o desenrolar deste trabalho. Assim como, as questões de comportamento, de sexualidade, de personalidade, em especial, as questões do corpo, da corporeidade e do palhaço que há em cada um de nós.

7 CONTOS DO RÍDICULO DIALOGANDO COM O SAGRADO E O PROFANO

7.1 Preliminares

As questões históricas da região em que se localiza Boa Vista do Padre João e, em especial, sobre o cônego João Lima, foram tratadas anteriormente. No Capítulo seguinte adentrei nas questões religiosas e culturais locais, na cultura cômica popular e os festejos de celebração aos santos católicos.

Este capítulo é constituído de dez pequenas narrativas, que trazem proposições de confirmação da tese de que a condição de ridículo de cada devoto, se insere no espaço sagrado sem causar perturbações, abrandando, desta forma as incursões do profano neste ambiente. O riso parece fazer parte do ambiente, mesmo que muitos o negam, outros renegam e tantos outros o repudiam, mas se deixam envolver e se entregam ao risível.

A primeira narrativa deste capítulo é O Conto do Riso e da Alegria, a qual traz a história do festejo de São João Batista e a alegria celebrada pelos personagens Seu Sinhô e Dona Siá. Este conto revela os bastidores da ritualização do mastro de São João e a condição de ridículo dos devotos.

O Conto do Padre Ridículo é o segundo conto do capítulo, e traz as peripécias do padre mais ridículo da região, o padre Isaac. Um homem de fé e da alegria, que não mede risos para demonstrar a sua fé em Cristo.

Em O Conto dos Arteiros da Fé, retrato a festividade das crianças no festejo religioso de Nossa Senhora da Conceição, ou talvez, Iemanjá. Em destaque, neste terceiro conto, é narrado a espiritualidade do riso e da ludicidade de um menino, o qual chamei de Erê.

O quarto conto deste capítulo é O Conto da Carnavalização da Fé. Esta pequena narrativa traz uma história envolvente entre jovens, em especial um noivo, que trazem para o ambiente religioso um ar de carnavalização, e o final promete.

O Conto das Oferendas é o quinto conto aqui abordado e desenvolve o entrelaçamento de duas histórias e dois personagens que se encontram no meio da

narrativa. Pedro e Paulo, ambos envolvidos nas ofertas, ou oferendas, e que conduzem a fé pela graça do riso e da ironia.

No sexto conto O Conto do Choro e do Riso traz a envolvente narrativa de crianças obscenas em um festejo religioso. Uma história profana em um contexto sagrado descaracterizada pela ridicularização dos envolvidos.

O Riso Vai a Igreja: Um Gole pro Santo é a sétima narrativa e desenvolve as peripécias de um gordinho caipira na quermesse do Festejo de Santos Reis. A Folia de Reis tão conhecida pelos mascarados ou caretas, figuras cômicas da programação cultural, dá espaço a uma história extraoficial de um sujeito “comum” e sua paródia.

Um Conto Muito Incomodativo é o antepenúltimo conto deste capítulo. Neste pequeno texto acontece o encontro de duas almas ridículas, entre o pesquisador e um sujeito um tanto quanto incomodativo, mas que no fim se reconhecem como tal.

O penúltimo texto é O Conto do Bufão. Este conto retrata a figura de um coronel bufão, ou um bufão travestido de coronel, que se apresenta como um anti-ridículo, alguém anti-riso, porém se configura como um cômico por excelência.

Para finalizar o capítulo, ofereço O Conto das Assanhadinhas do Mastro. Este texto aborda as questões obscenas das mulheres, o que descaracteriza a questão do fato ser exclusivamente masculino.

Entre o sacro e o profano: o ridículo!

7.2 O Conto do Riso e da Alegria

Em uma pequena igreja católica nas margens do Povoado Cerrado, do outro lado da cidade comemora-se São João Batista. Seu Sinhô organiza os últimos detalhes para iniciar o Festejo de São João.

Entre alguns ajustes nos ornamentos, momentos de devoção com orações e sinais da cruz, beijos na medalha de São João e cantos.

— **Lá se vem João Batista pra *alegrá* o meu povo. Oh João, oh João, venha cá com seu povo que lhe espera de coração.** Cantarola Seu Sinhô.

As mulheres limpam a igreja e as imagens com todo cuidado, cantarolando a oração de São João Batista:

— **São João, voz que clama no deserto. Fazei penitência. Eis o Cordeiro de Deus, eis aquele que tira os pecados do mundo. São João, pregador da penitência, rogai por nós. São João, precursor do Messias, rogai por nós. São João, alegria do povo, rogai por nós.**

Eram 17 horas de uma tarde seca e calorosa. Época de verão na região norte do Brasil em pleno mês de junho, o verão dos nortistas. Um grupo de 12 (doze) rapazes que recém haviam chegado dos seus empregos, chegam alegres com brincadeiras, muitas delas de cunho sexual, onde batem e apertam as genitálias dos outros. Mas, nenhum deles reclama, pelo contrário, todos entram na brincadeira com maior fervor. E lá se vão eles buscar o mastro para erguer a imagem de São João Batista.

Cerca de uma hora depois, lá vêm os rapazes mais alegres do que nunca cantando músicas atuais ao ritmo de funk carioca e sertanejo universitário e regados com muita aguardente. E lá está ele, o mastro, nos ombros deles. O buraco já estava pronto, escavado no dia anterior pelo Seu Sinhô. O povo já espera ansioso e faz uma enorme algazarra ao avistar os rapazes.

Enquanto o mastro é erguido, automóveis e motocicletas são usados como instrumentos de extravagância, fazendo manobras na rua em frente à igreja para chamar a atenção das pessoas que assistiam com toda atenção. Todos regados a aguardente! E quanto maior o fervor do povo, que faziam algazarras e muitas gargalhadas, maior era o incentivo daqueles que estavam a manobrar seus veículos, muitos de forma perigosa.

No contraste entre as réstias de sol que se punha nas copas das árvores do cerrado e a lente da câmera lá estava ele, o mastro de São João Batista, todo imponente. Uma bandeirola com a imagem do santo marcava quem era celebrado no alto do mastro. O mastro parecia São João Batista, as bandeirolas as pessoas e os cordões que ligavam as bandeirolas ao mastro era a união do povo, a sua devoção e a fé católica.

— **Hoje é só alegria, meu povo.** Gritava um rapaz erguendo uma garrafa de aguardente e na condução de um Del Rey marrom ano 1984 ornamentado com imagens de São João Batista.

Então, perguntei a Dona Sinhá, esposa de Seu Sinhô se as festas eram sempre animadas e o que tudo aquilo significava para ela. Dona Siá diz que:

— **São João é alegria.** Resposta complementada com um belo brilho no olhar e um sorriso estampado de tanta felicidade. Dona Siá faz parte dos organizadores que mantém as atividades da igreja, já que não há um padre fixo na mesma.

— **Isso aqui é a minha vida, meu santinho é tudo pra nós. E assim vai sê até o fim das nossa vida.** Completa Dona Siá.

Em meio as algazaras, aos gritos e brincadeiras havia muitas palavras de ordem como: — **Alegria!** Um festejo regado a alegria, bebidas alcoólicas, brincadeiras e muita devoção.

Depois de posto o mastro de São João Batista todos retornaram para as suas casas, para — **se ajeitá,** como disse Seu Sinhô, mas ele e a Dona Siá permaneceram no ambiente para conferir os últimos detalhes. Cerca de meia hora depois eis que voltam os festeiros, todos vestidos na moda sertaneja com calça Jeans, botas de couro, camisas quadriculadas, fivelas grandes, e chapéu, inclusive as mulheres, com exceção de poucas que vestiam vestidos e saias.

Entre o evento da colocada do mastro e a celebração propriamente dita, também, teve um momento de refeição coletiva, no qual a maioria das pessoas envolvidas se reuniram em uma das casas atrás da igreja e fizeram um jantar. Inclusive, fui convidado para fazer parte do momento. Foi servido uma comida simples com arroz, mandioca, feijão e galinha caipira ao molho, mas tudo muito farto e saboroso, um verdadeiro banquete.

A ornamentação da igreja e do ambiente em frente onde estava o mastro e que ocorreu a celebração religiosa, conduzida por Dona Siá, era simples, mas bem detalhada. Havia bandeirolas coloridas que cobriam todo o ambiente, muitos adornos quadriculados e com palhas de milho nas paredes da igreja, e no altar onde estavam as imagens.

Ficou claro perceber que as pessoas estavam preocupadas em se vestir para agradar o santo celebrado e que deveria ser direcionado para a moda sertaneja.

— **Quanto mais esquisito, mais chique.** Diz um jovem que ao adorar a sua fé colocava seu chapéu ao peito, assim como os demais. Momento de celebração que não havia risos (só sorrisos caricatos), mas sussurros com clamor de fé. Ao final, retorna a palavra de ordem “Alegria”.

Após a celebração começou o leilão das doações para arrecadar fundos para a igreja. Neste dia foram leiloados um pernil de leitão, três galinhas caipiras, três bolos. Já eram por volta das 20 horas, então, o leilão acabou e algumas barraquinhas foram abertas para vender comidas típicas da região, mas não foram vendidas bebidas alcoólicas. Estas brotavam dos carros dos devotos.

Ao som de músicas sertanejas, o que a população local chama de “modão”, os devotos começaram a dançar e a se divertir. Seu Sinhô e Dona Siá não dançavam, só observavam com muito sorriso e muito carinho um com o outro.

— **Bora meu povo, São João é só alegria.** Gritava Dona Siá e Seu Sinhô concordava com palmas. O festejo foi regado, também, por muitos fogos de artifícios, do início ao fim, inclusive durante a celebração religiosa.

Já eram 21 horas, eis que chega o padre Migué¹⁴, que foi conferir a festividade. Vestido a caráter sertanejo o padre cumprimenta os fiéis e entra na dança. Então, começam a caracterizar uma grande quadrilha junina, onde todos estavam inseridos, jovens, velhos, mulheres, homens e até as crianças. Não havia coreografia definida, mas todos se entendiam.

Foi o momento mais sublime do festejo, no qual todos adoravam o santo erguendo suas mãos para as imagens, e muitos acenavam com os chapéus. A embriaguez da maioria já estava visível, mas o sacerdote não se incomodou e assim, o festejo finalizou por volta das 22 horas, já que era meio da semana. Porém, com muita alegria! A celebração continuou em outros dias seguintes.

¹⁴ Não teve como saber se o Padre João era realmente Padre, ou era apenas alguém constituído de personagem para o festejo. Todos a quem perguntei afirmam que era um padre, mas o sorriso ficava estampado nos rostos de cada que me respondia. Que seja um padre verdadeiro, ou um falso padre, só sei que era um ridículo que divertia a todos.

7.3 O Conto do Padre Ridículo

Já vi sujeito sorridente, mas nenhum parecido com o padre Isaac. Como diria um tocantinense nato “pense num padre que sorri”. Foi assim que encerrei minhas observações naquele dia abafado de 05 de janeiro de 2018; era Celebração de Santos Reis.

Mas, tudo começou depois que a igreja já estava lotada de devotos. Luzes coloridas e que piscavam alternadamente abrilhantavam as decorações e o presépio ao lado do altar. Eis que algumas pessoas vestidas com grandes vestes brancas, batinas, cheias de rendas começam a se aglomerar na entrada da igreja. A seriedade e o nervosismo do grupo eram evidentes, então me desloquei até lá.

A igreja cantava e um devoto comandava a liturgia; o grupo aguardava na área de entrada da igreja. Fiquei a observar tentando não atrapalhar, nem tirar a concentração deles, até que uma mão surge em meio aos corpos vestidos de branco e em minha direção. Parecia que todos nem perceberam que eu estava lá, devido ao enorme nervosismo, exceto aquela mão.

Um gesto que em segundos transformou meu pensamento, me tirou da zona de conforto. Do outro lado da mão havia o padre Isaac. Nenhuma palavra, porém, um grande sorriso e uma leve risada. Por um momento duvidei que fosse obra de Deus; até pensei que fosse o diabo pregando uma peça em mim.

O padre Isaac tinha uma missa para ministrar, mas, talvez, o seu nervosismo se refletia com a alegria no riso constante. Já vi sujeito risonho, mas não como o padre Isaac. Por um momento duvidei da sua alegria; quanta ingenuidade a minha. Cheguei a perguntar para algumas pessoas se o padre tinha aquela afeição frequentemente e, todos, confirmaram que assim era o padre Isaac. Confirmaram com outro sorriso; parece que a alegria contagia. Estávamos todos contaminados!

Aquela mão que me deu boas vindas se transformou em um sujeito que deixava o ambiente da igreja mais agradável, mas alegre, mais afetivo, mais leve. Dizem as más línguas que “Deus é aquele que não ri”, assim soube desde que eu era criança, mesmo nas aulas de catequese. Apesar de ter conhecido muitos padres, freis e freiras afetivos, ninguém se comparava com o padre Isaac.

O padre abusava da condição de ridículo!

Naquela noite haviam um número bem grande de crianças e jovens e, parecia que eles gostavam de estar ali. Em poucos momentos vivenciei uma devoção de jovens e crianças tão celebrada quanto naquele dia. Talvez, seja o rastro de alegria que o padre Isaac deixou fazendo com que aqueles que levam a vida numa condição mais lúdica pudessem seguir.

E como era ridículo, o padre Isaac!

O padre ministrava a palavra divina de uma maneira alegre, com sorriso. Seus olhos brilhavam de paixão por Cristo; a cada fala uma olhada ao altar onde estava a imagem de cristo crucificado. E como eram frequentes a admiração pelas pessoas que organizaram a celebração, os parabenizando e agradecendo periodicamente. Padre Isaac elogiava a decoração e seu semblante de felicidade transbordava a igreja. Dava para sentir um cheiro no ar de uma essência doce que acalmava; e isso ficava nítido nos olhares dos devotos.

Foi gratificante observar as pessoas fixarem olhares atentos as palavras do padre e as demais atividades da celebração. Quando era para rezar, todos rezavam com clamor. Quando era para cantar, todos cantavam com paixão. Não havia espaço para outro sentimento naquele lugar, senão a alegria e o amor. Como pode um leve sorriso transformar o ambiente, contextualizar o complexo numa vida tão simples? Assim, fazia o padre Isaac.

A cada canto de celebração, gestos e olhares alegres. Olhos negros, radiantes, sorridentes e abençoados como se fossem fazer piadas, como se promovessem o riso na alma de cada devoto. Mesmo os mais sisudos se deixavam levar pela leveza ridícula de padre Isaac.

Teve um momento que o microfone do padre estava a cair. Talvez fosse obra “daquele” outro. Mas, o padre não se corrompeu pela vergonha e foi resiliente ao fazer “graça” da situação. Rapidamente, pegou o microfone que estava a cair e prontamente riu. E assim disse:

— Aqui não! Na casa do meu Pai, jamais.

Foi momento de riso na igreja. O culto prosseguiu com todos cantando e o padre se dirigiu ao fundo do altar para secar o seu rosto, pois o calor estava muito forte. Aproveitou para beber um pouco d'água e rir mais um pouco da situação.

A celebração seguiu com sua programação normalmente até a quermesse, inclusive. Porém, durante a missa nada naquele lugar era tão de Deus do que o riso daquele senhor chamado padre Isaac. Um sacerdote, uma pessoa do bem, mais um ridículo entre nós.

7.4 O Conto dos Arteiros da Fé

Lá estava deus, o diabo a espiar e eu!

2017 já dava seus últimos suspiros, já era 7 de dezembro e 2018 dava o ar da graça. Era momento de renovação. Então, lá estava Ele, o outro a espiar e eu. Para alguns Ele é o outro, o outro pode ser Ele; e eu, bem, talvez, seja fruto deles.

Enquanto os devotos chegavam para a celebração na Quebrada, um bairro periférico da Boa Vista do Padre João, eu fazia as primeiras observações. Era celebrado Nossa Senhora da Conceição.

Dia cansativo, quente, úmido e preguiçoso. Talvez, seria “coisa” Dele ou do outro. Percebi um certo desconforto auditivo devido ao volume das falas e da quantidade de falas. Ora, ora, são apenas crianças a brincar de viver. Porém, nenhum festejo visitado teve tantas crianças quanto esse.

Câmera na mão, sigo a observar e registrar o movimento. Adultos quietos, concentrados na sua fé, um bêbado a pedir dinheiro, meia dúzia de cachorros e muitas, mas muitas crianças a brincar. Mas, havia uma exceção, um menino que tinha por volta dos 3 (três) anos de idade e estava mamando no colo de uma senhora, que provavelmente seria a sua avó.

A celebração logo começou, a igreja estava cheia e alguns adultos sentaram em frente a porta, na parte de fora do templo. E as crianças ora brincavam, ora

cantavam e oravam com os demais. Era uma grande palhaçada. Tudo era muito comum aos demais festejos visitados, exceto as crianças.

Na casa em frente à igreja dois jovens, que não participavam da celebração, arrumavam algo sobre o telhado da residência. Eis que um som, um tanto alto, me incomodou. A música era conhecida e até me agradava, porém não naquele momento. Tocava a música “O Erê” da banda brasileira Cidade Negra: “Pra entender o Erê; tem que tá moleque; Uh! Erê, ê ê; tem que conquistar alguém; que a consciência leve” [...], assim diz a música.

Ninguém reclamou, apesar de que muitos transpareceram certo incomodo com olhares repulsivos e desconforto, mas achei uma falta de respeito com os devotos. Ainda mais que algumas crianças começaram a repetir partes da música. Então, um menino de 5 anos (segundo ele) se aproxima e me pergunta:

— **O que tá fazendo tio?**

No primeiro momento o ignorei, pois estava indignado com a dita música alta. Para quebrar a minha indiferença, ele ficou a insistir. Indelicadeza a minha, era apenas um menino, mas poderia ser Ele ou o outro a me espiar, logo pensei. Por isso, expliquei a ele os meus motivos de estar ali.

— **Ah, deve ser por isso que tu tá aí?** Questiona o menino, apontando com o olhar para o local onde eu estava em pé.

Logo percebi que eu estava em pé em uma pequena clareira com alguns restos de objetos, velas queimadas, terra solta e um cheiro adocicado. Estava ali para observar e registrar com um ângulo melhor, pois o terreno estava baldio e se localizava quase em frente à igreja.

— **O povo faz macumba aí, sabia?** Completa o menino e me pede para tirar uma foto dele. Neste momento percebi que havia esquecido de ligar a câmera. Ou se a liguei, algo a desligou.

O menino sai em direção as demais crianças, que estavam brincando próximo à igreja, e algumas vezes iam até a porta da igreja cantar, brincar e “fazer arte”. O menino que me inquietou trazia uma energia que contagiava os demais, tanto que, quando passou pelo outro menino que mamava no colo da suposta avó, o deixou animado.

As crianças brincavam, riam, viviam na fé, com fé e pela fé. O menino, que no início mamava no colo da avó, começou a fazer o seu “show”; corria, cantava, dançava, brincava, provocava as outras crianças, mas se incomodava com a câmera. Toda vez que percebia as minhas observações ele fugia. Então, ele tomou conta das atenções de quem estava fora da igreja, por isso, a sua mãe ficou furiosa que algumas vezes o repreendeu com gritos e com atos agressivos. O outro estava ali, Ele a espiar e eu, também.

Resolvi chama-lo de Erê¹⁵, aproveitando a deixa da música. Mal sabia eu quem era Erê, apenas segui a música. A minha surpresa foi após chegar em casa e pesquisar sobre o dito Erê. Assim, percebi que poderia ser Erê na Festa de Iemanjá, com Ele a nos abençoar e o outro a nos espiar. Quem sabe o menino que me inquietou era Ele ou o outro.

A celebração seguiu e as crianças seguiram a se alegrar e a alegrar os outros. A criança, instintivamente, fala algo ou faz algo e os adultos riem, a criança repete só para os outros rirem, isso me faz lembrar daqueles que ficam a nos alegrar nos picadeiros dos circos e dos teatros.

Ali, encontrei os arteiros da fé que expressavam toda a sua ludicidade, sua comicidade e sem se importar, com toda a ingenuidade, genuinidade e leveza espiritual, com o que é sagrado e com o que é profano. Apenas viver de se alegrar e alegrar o outro.

Como é bom ser criança!

¹⁵ As janelas da alma de uma criança parecem lidar com muito mais facilidade com assuntos que desafiam o adulto. Sob a luz do olhar infantil, ou antes, no axé de Ojú Erê, a diferença é um tesouro. Para um erê, é no encontro com o outro que nossa maior riqueza – nossa complexidade e multiplicidade de afetos – pode ser compartilhada. (COSTA, 2015, p. 37)

7.5 O Conto da Carnavalização da Fé

Muitos dirão que é mentira. Que é blasfêmia!

Alguns irão se incomodar, mas só sei que foi assim — e ainda é.

De tanto mexer com o sagrado e o profano no contexto religioso e “caçar” os ridículos, não posso deixar de fora aqueles que fazem do momento festivo sacro uma verdadeira festa de carnaval.

Como diriam as más línguas em tempos de carnaval: “Ninguém é de ninguém e todo mundo é de todo mundo”. Mas, não é tempo de carnaval; talvez, para alguns seria.

Então, lá estava eu sentado ao fundo da Igreja do bairro das Mangueiras, aguardando o início da celebração de Santos Reis, me tomei a refletir sobre as observações da ridícula tese. Dois jovens entram no templo, olham para as poucas pessoas presentes e comentam entre eles:

— **Acho que elas vêm pra cá!** O que quebra a seriedade do ambiente e dos semblantes de quem estava lá aguardando a missa.

Eu, apanhado pelo gosto das observações nos festejos, logo percebi o fato e fiquei a espiar o que iria e se iria desenrolar alguma história ridícula. Eram dois jovens aparentemente bem trajados, mas com semblante de “más intenções”. Eu os conhecia da vida, por isso sabia que um deles era um jovem compromissado, noivo da filha de um dos comerciantes da cidade.

Senti ares de festa carnavalesca. O entardecer se preencheu com o brilho dos olhares dos jovens. Surgem então algumas jovens, todas sorridentes; e os olhares se encontraram na entrada da igreja. Logo a celebração começou, mas os olhares continuaram.

Olhar nelas e no smartphone. Olho neles e no smartphone, assim prosseguiu por um bom tempo. E a celebração continuava. E eu? Espiando tudo e todos! Sorrisos ardentes em rostos juvenis cheios de vivacidade. E a devoção? Se perdeu.

Me desloco para fora da igreja, do outro lado da rua, então, vejo que um dos jovens, não o noivo, também sai e vai para um local pouco iluminado ao lado do templo. Eis que uma das jovens segue o mesmo caminho. Seria eu um detetive desvendando segredos extra relação? Essa não era a minha intenção.

Como diriam os mais jovens “eles ficaram coisando” por um tempo e depois retornaram para a igreja, um depois do outro. Neste meio tempo deu para perceber o prazer em driblar a devoção pelo pecado, pelo proibido. Ou seria profanar o sagrado? O riso estava presente na relação, antes, durante e depois, talvez o riso fosse uma válvula de escape ou um indicador de que aquilo não poderia ser feito ali, naquele contexto.

Ao retornar aos seus lugares nos assentos da igreja os jovens se continham o máximo que podiam para não rir, mas o sorriso vazava traçando e moldando cada rosto. Felicidade, talvez, prazer, quem sabe, ou seria o inconsciente gritando em alerta? Só sei que foi ridículo, pois houve a promoção do riso do outro.

Ao findar a missa, a celebração continuou em frente à igreja, onde tinha uma tenda para que as pessoas pudessem ficar e algumas encenações foram apresentadas. E durante este momento, os dois jovens, inclusive o noivo, ficaram do outro lado da rua escorados em um automóvel bebendo cerveja. Pois, na esquina diagonal a igreja havia um bar. E eu espiando.

Me afastei do aglomerado das pessoas para ter uma tomada de filmagem melhor do ambiente e do contexto. Me aproximei dos jovens, e eles não se incomodaram com a câmera nem com minha presença. Então, uma outra jovem se aproxima dos dois e começam a conversar.

O diálogo envolvia um certo “milagre” que um dos jovens havia recebido, e isso parecia ser motivo de conquista perante as mulheres. A jovem parecia encantada com a história e “eles ficaram coisando” atrás do carro. Mas, não era o noivo. Este apenas observava e ria bastante.

Já era aproximadamente dez horas de uma noite quente de janeiro de 2017. Então, o jovem, que não era o noivo, foi ao encontro de uma outra jovem. Papo vai, papo vem, muitos risos e “eles ficaram coisando” ao lado de uma barraca da quermesse. A situação, para muitos parecia ridícula, no sentido de desprezível, mas

era ridícula porque todos os envolvidos deixaram transbordar o riso. Apesar de que, para estes jovens, o sagrado não foi contemplado naquele momento, ou se foi, tinha outra devoção.

As pessoas começaram a ir embora e os jovens, também, inclusive o noivo. E como já estava tarde e as minhas produções já estavam interessantes, resolvi ir embora. Assim, segui o meu caminho para casa, porém no meio do percurso me dei conta de que havia esquecido a bolsa da filmadora debaixo do banco da igreja e retornei para buscar.

Foi então que ao passar por uma rua ao lado da igreja, embaixo de um poste bem iluminado avistei os dois jovens e “eles ficaram coisando”, inclusive o noivo. Não havia mais ninguém, somente nós, naquele momento. Eles ficaram surpresos ao me ver e eu ri, talvez por ter ficado sem graça com a situação. E o riso ficou no ar; eles riram e eu segui de volta para a igreja, com o riso em mim.

Lembrei que um dos jovens, o noivo, havia escrito algo no vidro do carro, onde estavam apoiados. No vidro do carro estava escrito: **#tepegoláfora!**

7.6 O Conto das Oferendas

Só quem vive no norte do Brasil sabe a agonia de sonhar com dias de sol nos meses de chuva e com as chuvas nos dias de calor e seca. Assim é a vida do nortista, curtida meio ano de sol e na outra metade mofada com as chuvas intermináveis. Um verão escaldante no inverno e um inverno quente e úmido no verão.

Assim cheguei ao povoado Catinga, região afastada da cidade de Boa Vista do Padre João, cerca de 10km de distância, com a esperança de que algumas gotas d'água pudessem acalmar o fervor dos dias quentes do Tocantins.

— **Queima *diacho!*** Diz um senhor, sentado em frente a uma casa próxima a igreja, onde estacionei o veículo.

Quente mesmo era a preparação desse senhor, o qual chamarei de Pedro. Lá estava ele de camisa polo rosa, calça social bege e chinelos; garrafa de pinga no banquinho e copinho na mão.

— **Queima *diacho!*** Pedro insiste.

Me desloco até a capelinha do povoado e escuto risos ao fundo; risos de pigarro. Era Pedro, que se deslocava para a igreja, também. Cotoco de cigarro na mão direita e uma galinha viva na mão esquerda.

— **Fica aí mimosa** (risos). Diz Pedro, ao deixar a galinha viva amarrada no pé da mesa, que estava logo na entrada da igreja para que os devotos pudessem deixar as ofertas para o leilão.

Todos os festejos religiosos trazem nas suas programações a quermesse, ou como denominam na região de leilões. As quermesses ou leilões são compostas por ofertas de comidas e demais produtos oferecidos por moradores locais para que sejam vendidos/leiloados, e a arrecadação serve para fazer as melhorias nas dependências das igrejas.

Era uma terça-feira, 25 de julho de 2017, quente e seca, preguiçosa e misteriosa. Lá estava eu no Festejo de Santa Ana, em um lugar desconhecido, mas com o ridículo a me guiar.

Antes da pregação do padre resolvo colher informações com os poucos participantes que estavam presentes no culto, inclusive Pedro. A cada frase dita, sorrisos e risos recebidos.

— **Eu já deixei a minha oferenda lá no pé da mesa** (risos). Diz Pedro.

— **Não é oferenda é ofertas.** Diz uma moça, ao repreender o Pedro.

— **Pra mim é oferenda.** Retruca Pedro e os dois se olham e riem; ela com riso encabulado, ele com riso de pigarro debochado.

O padre começa a missa e Pedro se concentra na sua devoção, entre cantos e orações. Para finalizar a programação da noite uma procissão saiu pela rua da igreja, seguiu alguns metros acima na ladeira e retornou.

Pedro ajudou a carregar o altar com a Santa, revezando com os demais devotos. Entre cantos e orações fogos de artifícios eram soltos. Então, perguntei ao rapaz que estava a soltar os fogos se havia algum motivo especial de tal ato.

— ***Pra avisá pros otro que Santana tá passando.*** Responde o rapaz.

— **O povo esqueceu da Santa, mais a santa não esquece da gente.** Completa Pedro, com olhar sério.

— **Eita *diacho!*** (risos) Diz Pedro logo após o próximo foguete.

Pedro parece ser um sujeito alegre, com sorriso fácil e riso solto. Percebe-se a sua devoção e fé pelo semblante compenetrado, pelas ações ao tratar os demais e por sua doçura de encarar a vida. A sisudez não se encontra em Pedro. Ele parece ser mais um ridículo que utiliza dessa sua condição para aliviar o estranhamento do profano no sagrado, sem que atrapalhe a sua fé, a sua devoção. Pedro não vê mal em rir.

— **Quem sabe de Deus? Se Ele nos deu o sorriso. É porque é uma bênção.** Assim, Pedro me responde quando o questiono se alguém se incomoda com a sua alegria.

— **As coisa de fé e as coisa do mundo é tudo de Deus. Nada se separa! Nem a fé se separa da alegria.** Ele conclui o seu pensamento.

Dias depois, encontro Pedro e Paulo em uma das ruas da Boa Vista do Padre João, em um encontro do riso. Paulo falava e gargalhava, quase sem conseguir ficar em pé de tanto rir, Pedro montado em uma bicicleta vermelha, bem surrada do tempo, e com seu riso de pigarro característico.

Mas, o que tem a ver o tal de Paulo com o Pedro? Quem é esse Paulo?

Naquele momento, Paulo era só alguém se divertindo com o Pedro. Nem Paulo ele era, pois só foi ser Paulo, assim como resolvi chamá-lo, depois de reencontrá-lo no Festejo de Reis.

De Santa Ana à Santos Reis; de julho a dezembro. Em um calor efervescente, o que mudou foi a época das chuvas. De Pedro à Paulo, nada mudou; o riso continuou como se fosse um andaço, assim como dizem nos interiores desse “Brasilzão”.

O Festejo de Reis já se encaminhava para o fim, a celebração já havia ocorrido. Era momento dos leilões das ofertas, além disso havia barraquinhas de vendas de lanches e comidas típicas.

— **Uma oferta da Dona Maria. Quem vai levar as deliciosas rosquinhas da Dona Maria. Rosquinhas de manteiga. Que delícia; eu já provei e aprovo.** Diz o Paulo em tom sério, mas com olhar e jeito provocador. Paulo, o irônico!

Piscadelas debochadas, trejeitos de “malandro carioca” em um ambiente religioso, Paulo conduzia as ofertas dos devotos em um leilão para arrecadar fundos para a igreja.

E assim foi e se encerrou a celebração, com muitas comidas, bebidas, muita fé e muita “sensualidade”. Os festejos lembram do simpósio, só falta algo “mais picante” no fim. Como diria o Pedro: “Queima *diacho!*”

7.7 O Conto do Choro e do Riso

Era uma terça-feira de julho de 2017, cheguei com meus auxiliares no povoado Catinga por volta das 18h. Estava quente e seco como rotineiramente é nesta época do ano. O inverno frio e úmido no sul do Brasil, nesta época do ano, é o oposto do clima da região norte, onde está localizada a Boa Vista do Padre João.

A igreja do povoado estava toda ornamentada para a celebração a Santa Ana, as luzes estavam ligadas, as portas abertas, mas ninguém estava lá. Algumas pessoas sentadas em frente as suas casas davam sinal de vida naquele lugar afastado e escuro, com cheiro de caju torrado e uma brisa quase discreta.

Já era a terceira vez que eu observava o dito Festejo, então não estranhei o ambiente e me desloquei até o altar para fazer uma tomada de filmagem que abordava a chegada dos devotos. Aos poucos as pessoas foram chegando e sentando de forma aleatória, alguns nos bancos da frente, outros no meio da igreja e muitos no fundo.

Neste dia não havia padre para celebrar a missa e conduzir a programação do festejo, foram três devotos que conduziram. Deve ser por isso que as pessoas demoraram para chegar, pois houve um atraso de 40 minutos, de acordo com o que foi programado. Havia muitos adultos, apesar de que estavam presentes um número menor que 30 pessoas, alguns idosos e poucas crianças. A maioria dos presentes eram mulheres.

As sete crianças, quatro meninas e três meninos, que foram naquele dia entraram sozinhas, sem a presença de adultos. Chegaram, tomaram conta de um banco próximo aos fundos da igreja, entraram silenciosas, mas com semblante de que iriam aprontar. Então, logo pensei: “seria o profano chegando a galope?”

Dito e feito! Logo começaram as peripécias! Mas, não era o ridículo que eu procurava tomando espaço, e sim o profano impondo seu lugar no ambiente sagrado.

Se ouvia risos e conversas em tom alto na frente do altar. Eles sentavam todos aglomerados, como aquelas lagartas pretas que andam juntas; se alguma saísse do ambiente, as demais saíam juntas. Parece que a união fazia a força, literalmente.

Criançada danada, como dizem no Norte. Passaram quase toda a missa se cutucando e rindo. Muitas pessoas olhavam e reclamavam, principalmente as mulheres mais idosas. Chegou até em um momento que um dos ministrantes da programação solicitou mais respeito aos fiéis, sugerindo indiretamente as crianças que elas se retirassem.

— **Que diacho troxe esses lazarentos?** Reclamou uma senhora que estava sentada no primeiro banco.

Quando alguém reclamava, resmungava ou reprimia com o olhar eles sossegavam, mas não por muito tempo. Sentado em frente ao banco das crianças estavam dois senhores; um parecia que cochilava e o outro não se incomodava com o agito da galerinha “medonha”.

A celebração seguia normalmente até que um dos meninos do grupo começou a cantar os cânticos da programação de maneira obscena. Mesmo sentado ele dançava como se estivesse rebolando e fazendo gestos com o quadril,

reproduzindo a fornicação. As palavras que saiam da sua boca não eram em volume alto, mas dava para perceber o tom obsceno delas.

Quando uma senhora foi até eles e reclamou, eles se separaram. E assim foram os três meninos sentar na fileira do outro lado. Em um primeiro momento acreditei que aquela senhora fosse mãe ou parente deles, ou foi quem as trouxe até lá. Mas, quando a programação se encerrou as crianças seguiram em grupo, somente eles por uma das ruas do povoado e a senhora, que morava próximo a igreja, se dirigiu com seu marido para lá.

Espera aí, ainda não acabou!

Depois que o grupo assombroso foi separado dentro da igreja, por uma questão de gênero, tudo piorou. Um dos meninos começou a fazer gestos obscenos para as meninas. Fazia sinais com as mãos e os dedos, segurava as suas partes íntimas, mandava beijos e lambidas, sem nenhum problema com o pudor e a vergonha dos outros.

A maioria dos presentes não perceberam o que estava acontecendo, porque era momento de vários cânticos; ou se perceberam, não acharam graça e repudiaram ignorando. As pessoas estavam concentradas na sua fé e parecia que nada iria os abalar. Mas, quatro senhoras já estavam esgotadas de tudo aquilo e os chamaram para fora da igreja. É claro, fui observar o que iria acontecer.

Enquanto a celebração seguia em ritmo programado e “normal”. Do outro lado da rua, sentados no meio-fio da calçada, tanto meninos quanto as meninas levaram um breve sermão das senhoras furiosas. Foi o embate entre o sacro e o profano. E parecia que o profano iria vencer. Pois, ao virarem as costas e voltarem para a igreja as senhoras não perceberam, e acharam que tudo estivesse resolvido, mas a meninada atrevida começou a fazer obscenidades com danças e encenações. Era o ridículo a serviço do profano.

Eis que surgem os cavaleiros da zombaria!

Três jovens, que estavam do lado de fora da igreja e que aguardavam a procissão, começaram a rir e a zombar do grupo.

— **Ihhhh, tomaram mijada. Seus *fracotes*** (risos). Diz um dos jovens.

— **Que catinga de mijo e rabo mijado** (risos). Diz o outro jovem.

Então, os três jovens zombadores começaram a rir e a cutucar as crianças, molhando os dedos na boca e colocando nas orelhas da meninada. Imitavam o som de peidos, de várias formas e tipos. O riso foi solto nos dois grupos, mas nada que atrapalhasse o andamento da celebração.

O grupo da criançada indecente ficou sentada em frente à igreja, do lado da rua, alguns cabisbaixos, outros chorando, mas ninguém continuou com a *performance* obscena. O profano foi abatido pela zombaria, ou melhor, foi calado naquele momento, para dar lugar ao sacro no ambiente que lhe pertence.

Ao findar a noite de celebração todos foram embora. A meninada seguiu o seu rumo cantando músicas obscenas, a igreja ficou em paz e nós voltamos para casa, mas uma última frase ecoou em uma rua escura do povoado:

— ***Eita, moleque da bagacêra!***

7.8 O Riso Vai a Igreja: Um Gole Pro Santo

Este conto desenvolve as peripécias de um “gordinho caipira” na quermesse do Festejo de Santos Reis. A Folia de Reis tão conhecida pelos mascarados ou caretas, figuras cômicas da programação cultural, dá espaço a uma história extraoficial de um sujeito “comum” e suas paródias.

A missa já havia encerrado e após uma longa conversa com padre Isaac fui acompanhar a quermesse. O leilão das ofertas já havia começado, então ficamos, o padre e eu, parados junto a porta lateral da igreja acompanhando as movimentações.

Tudo seguia normalmente, como sugeria a programação do festejo, então o padre continuou a me contar sobre as atividades sociais que ele organizava na cidade onde morava. O padre Isaac era de uma cidade próxima a Boa Vista do Padre João, mas sempre que podia ele visitava e era bem recebido pelos fiéis.

Foi uma noite bem agradável, com muita paz e muito riso. O padre Isaac é uma pessoa encantadora, alegre e zelosa. Mas, eis que alguém no meio das centenas que estavam presentes naquele dia de festejo, toma conta da minha atenção. Um senhor de estatura baixa, com peso corporal acima do que lhe cabia, calça estilo social de cor bege, chinelos de dedos com tiras azuis e uma camisa gola polo com listras vermelhas e azuis. Assim avistei o gordinho caipira logo na primeira mesa em frente a porta lateral.

A roupa dele era tão desproporcional que, quando sentado dava para ver o dito “cofrinho” e, quando estava em pé surgia uma vasta camada de barriga por debaixo na camisa. A calça acima do número adequado destacava aquilo que faltava para preenche-la e sobrava para preencher a camisa.

O gordinho caipira era todo sorridente com riso largo. Algumas vezes ficava em pé para arrumar a calça e a camisa. Alisava a sua barriga em sinal de afeto, parecia que ela já estava lá por um bom tempo. Mas, o que chamava mais atenção daqueles que estavam por perto era seu jeito peculiar de falar e contrapor toda fala do leiloeiro.

— **Bolo de trigo ofertado pela Dona Maria.** Gritou o leiloeiro com certa malandragem na fala.

— **Marrapaaaiz.** Retrucou o gordinho caipira, rindo em seguida. Alguns que estavam por perto riram também.

— **Bora cumê o bolo da véia Maria, seu Zé. Compra pra nóiz.** Continuou o gordinho caipira, e o povo riu. Inclusive o padre e eu.

Enquanto as ofertas eram dadas pelo bolo, ele repetia o seu jargão “marrapaiz”. E as pessoas sentadas perto da sua mesa riam também. Seu jeito de falar característico de pessoas modestas da região e do meio rural era um charme a mais na sua condição de ridículo. E ele não se incomodava, e não incomodava ninguém. A noite tinha ares alegres e divertidos.

A voz de tom firme e aguda, com sotaque caipira carregado de junção de palavras e reducionismos, encantava os demais que se divertiam. Não parecia que as pessoas estavam só rindo dele, mas rindo com ele. E ele se divertia com tudo isso.

— **Agora é a vez das rosquinhas, e não é da Dona Maria. É do Seu Manuel.** Divulga o leiloeiro, sempre com tom irônico. E logo o gordinho caipira levantou-se da cadeira e ficou todo alvoroçado com sorriso contagiante.

— **Eita porra! Marrapaiz.** Diz ele, esfregando as mãos em sinal de exaltação.

— **É hoje. Hoje tem pra esse véi fio duma égua.** O riso que já havia tomado conta do ambiente pelas palavras do leiloeiro, tomou força nas pessoas que estavam e ouviram o gordinho caipira falar.

Então, ele tira do bolso uma pequena garrafa de refrigerante, que parecia ser uma bebida alcoólica e dá um gole, fazendo gestos de que era realmente uma bebida forte. Logo o padre viu e advertiu de maneira lúdica:

— **Vai com calma meu filho. Isso pode te fazer mal.**

— **Eita padre. Diacho!** Retrucou o gordinho caipira, com cara de que a bebida era forte e depois riu.

— **Um gole pro santo.** Ele complementa jogando um pouco de bebida no chão. O padre então riu e balançou a cabeça.

A quermesse continuou com as suas ofertas, com barraquinhas de comidas e bebidas, brechó de roupas e calçados usados, e muita alegria. Nós continuamos a rir e a nos alegrar com uma noite calorosa e úmida, era janeiro de 2018, e o ridículo estava presente naquele lugar.

E o gordinho caipira?

Bem, ele continuou jogando ao vento seu jargão, sorrindo com a vida, rindo como alguém que havia ganhado um prêmio milionário, e o mais importante, fazendo os outros rir. De gole em gole ele nos embriaga com sua condição de ridículo, graças a Deus.

Se em cada festejo visitado fossem encontrados “gordinhos caipiras”, a vida seria muito mais vivida e cheia de alegrias.

7.9 Um Conto Muito Incomodativo

Lá estava eu a observar e um sujeito embriagado resolveu pegar no meu pé.

— **Filma eu, neném!** Diz o bebum para mim. Então, olho para ele e começamos a rir.

Onde eu ia, ele me acompanhava. Não nos conhecíamos; foi, digamos, um encontro de almas ridículas. Tirei algumas fotos dele, fiz alguns vídeos para tentar dispersá-lo, porém nada disso adiantou. Então, ele começou a me seguir e dar a sua opinião sobre os fatos.

— **Óia lá aquela zóiuda sentada na frente. Qué vê como ela vai coçá o nariz?** (risos). Provoca-me o bebum para ver se eu estava atento. Parecia que ele sabia o que eu estava a procurar.

Eu andava de um lado a outro na igreja observando as pessoas, interagia com alguns, me deslocava ao ambiente da quermesse e ele me acompanhava. Em nenhum momento tive receio de que fosse fazer algo ruim a mim. Senti uma empatia por este sujeito desde o momento em que nos encontramos, o que parecia ser recíproco.

Não fiz questão de aprofundar questionamentos a este sujeito, apenas percebi que deveria seguir as minhas observações e deixar acontecer o que ele conduzia. Ele pouco falava, apenas resmungava, apontava cenas com o olhar, o dedo ou a cabeça, mas com poucas palavras, e sempre por perto.

— **Esse tá cheio de pecado** (risos). O bebum me diz, direcionando o olhar para um senhor que chegara recentemente na igreja com sua esposa de braço dado, mas que olhava para as moças com olhar de gula.

A cada palpite, a cada intromissão que o bebum fazia em minhas observações o sorriso sempre estava presente, e em alguns momentos um riso tímido de pigarro e tosse marcante. Muitos nos olhavam e nos reprimiam com o olhar.

Em uma noite quente no Bairro Alto, era junho de 2017, lá estávamos envolvidos com nossa condição de ridículos e muitos a nos reprimir. Mas, quando

fazíamos cara de “coitados” com sorriso maroto, todos deixavam-se levar pelo momento. E foi neste momento que mais me envolvi em um festejo, também pudera, havia encontrado um parceiro.

Conversei com algumas pessoas sobre as questões religiosas do festejo, e ele, o bebum, acompanhava tudo com seu riso quase discreto. Um conhecido passou por nós e disse:

— **Tá de cachorrinho professor? Esse é vira-lata** (risos).

— “Não. Esse é meu companheiro de estudos. Quer se juntar à matilha?” Eu retruco, com sorriso irônico.

— **Tamu precisando de uma cachorrinha.** Complementa o bebum, então rimos perto do altar. Já havia finalizada a missa e o padre se aproximou de nós.

— **Não podemos incomodar os outros.** Diz o padre, com leve sorriso, e direcionando o olhar ao bebum.

— **Os incomodados que se retirem!** Diz o bebum ao padre, então, nos olhamos e rimos juntos, o bebum, o conhecido, o padre e eu, por um tempo.

Aos risos e abraços, nos despedimos e eu continuei a minha caminhada pelos festejos da Boa Vista do Padre João.

Nunca mais encontrei o bebum, talvez ele esteja por aí ridicularizando as coisas da vida, mas algo é certo, ele sabe da sua condição de ridículo e em nenhum momento se esconde ou se esquiva. Como dizem por aí “as aparências enganam”, ah e como enganam, aquele senhor embriagado que, ao ser julgado por sua aparência e perfume “de cana destilada”, é tão humano quanto qualquer doutor letrado. A sua missão parece ser envolver e se envolver no riso, sem preconceitos.

Nunca mais encontrei o bebum, mas levo um pouco dele comigo!

7.10 O Conto do Bufão

Dizem que o tempo dos “coroné”is já passou, que o coronelismo é coisa do passado, mas não é isso que encontramos no ardor da vida nortista, e talvez até nordestina. O coronelismo se encontra embrenhado nas mais diversas entranhas da vida cotidiano do povo. Na música, na política, na literatura, na religião, e até nas universidades e escolas, enfim, eles estão e ainda continuam fazendo acontecer.

Essa história é de um “Senhor coronel” que estava no povoado Cerrado na celebração de São João Batista. Sujeito sisudo, que parecia não se agradar com nada, se vestia extravagante, reclamava de tudo e se achava o centro das atenções. E era!

Era Festa de São João Batista, junho de 2017. Ele já chegou mandando e desmandando, reclamando disso e daquilo. Chegou mais cedo do que os demais, bem antes do horário programado, sentou no meio da igreja e reclamou do calor. As pessoas logo ligaram os ventiladores e direcionaram para ele.

O Senhor coronel não chegou só, veio acompanhado por uma senhora, mas andava só, como se fosse um rei. Ou um coronel sertanejo! Figura caricata do sertão e do cerrado brasileiro.

Os últimos acertos estavam sendo feitos na organização do evento, enquanto a população se reunia em uma das casas atrás da igreja para fazer uma refeição coletiva tradicional. Era momento de celebrar a colocação do mastro de São João. O que fazia parte da programação festiva local, mas não para o coronel bufão.

O bufão travestido de coronel olhou para o mastro e reclamou:

— **Pau fraco. Tá torto!**

Algumas pessoas que escutavam as reclamações sorriam uma para as outras, e algumas vezes riam em silencio e até se escondiam para rir.

— **Esse povo tá atrasado.** Disse o coronel bufão, não direcionando para alguém a sua fala, mas falava para o vento, como se todos deveriam estar atentos aos seus mandos e desmandos.

Comecei a observá-lo para ver se era um dos organizadores ou alguém “muito importante” da região. E pelo que fiquei sabendo ele era apenas mais um morador da localidade, fazendeiro e que pouco ajudava na celebração. Porém, parecia que muitos tinham certo respeito a sua pessoa; ou seria medo?

Com a língua afiada nas críticas, nas palavras que pesavam, e postura corporal imperadora, mas ao mesmo tempo um tanto quanto desengonçada, e até uma leve corcunda. O bufão-“coroné”-bufão se mostrava presente nos galanteios de algumas moças, principalmente as mais jovens.

— **Tá bonita fia, tá vistosa, carnuda.** Diz o coronel para uma jovem que arrumava as bandeirolas. Homem de poucas palavras, mas com grande objetividade.

Ele olhava para as moças, de cabeça erguida e olhar enviesado. E começou a se incomodar com a minha presença, com as minhas observações. Então, desliguei a câmera e segui o registro apenas no diário de campo, para não descaracterizar a espontaneidade do sujeito.

Trocamos algumas palavras, falamos da ornamentação e da beleza da festividade, mas, ele era de poucas palavras e não me olhava nos olhos. Até que chegaram alguns indígenas, que não vinham para a celebração, apenas o avistaram da rua e vieram fazer pedidos.

A cada pedido (de roupa, de bebida, de gasolina, de presente) que os indígenas faziam, o bufão travestido de coronel retrucava rapidamente. Ele foi bem recebido pelos indígenas com abraços e aperto de mãos, com sorrisos e afeto, mas em nenhum momento demonstrou o mesmo por eles. O sorriso que brotava do seu rosto tinha sentido debochado e cínico e levava pedidos em troca de outros pedidos.

— **Cadê o meu cercado, seu fiote de rapariga?** Diz o senhor coronel bufão a um indígena.

— **Eu já viajei e já voltei. Agora tamu de boa, vô fazê.** Responde o jovem indígena.

Enquanto isso a esposa do Bufão coronel andava apreciando a ornamentação do festejo, conversava com todos, sempre com sorriso estampado. Senhora de

estatura baixa, vestida de vermelho e rosa, chinelos de dedo, parecia ser muito simples e afetiva. Ela cumprimentava a todos e parecia ser o oposto do marido.

Ela gostava de brincadeiras e piadas, tanto que as pessoas a tratavam desta forma e onde ela estava sempre havia riso. Ao contrário do marido, que não gostava de risadas, apesar do deboche que estampava seu rosto. A cada riso, ele olhava de forma desconfiada e depreciativa.

Senhor sisudo, por volta dos 70 anos de idade, de poucas palavras, sujeito de baixa estatura, com braços longos e desproporcionais ao corpo, cabeça grande, pernas longas, andar que lembra pinguins e uma deformidade na região torácica que lembra uma leve corcunda, e que fazia os outros rir pelo seu jeito extravagante de ser. Um anti-ridículo ridículo! Assim era o coronel bufão. Ele se achava um coronel, mas era um bufão.

7.11 O Conto das Assanhadinhas do Mastro

Esse conto vai em homenagem ao amigo Diassis, que deixará saudades por sua condição alegre e simples e viver. O pouco que convivi com este senhor pude receber e sentir o carinho que o povo nortista tem com seus visitantes. Sujeito interessado pelas questões religiosas, trabalhador, amigável e com um grande coração, assim foi Seu Diassis, foi porque já partiu deste mundo. Agora deve sorrir como sempre e organizar os festejos com muita alegria no Céu.

Era fim de tarde de um dos dias de junho de 2017, Povoado Cerrado, e eu esperava o povo voltar com o mastro de São João Batista. Em todos os dias que compareci neste festejo fui muito bem recebido por todos, afinal, a alegria transbordava ali. Era Festa de São João.

Por falar em alegria, talvez não tenha outro festejo mais alegre que o de São João Batista. Como diria a Dona Siá:

— **São João é só alegria!**

Eu estava ansioso pelo ritual do Mastro do santo, então, observava todas as movimentações, as falas e as ações do povo que ia e voltava, sei lá de onde, mas sempre em direção a igrejinha do povoado. Parecia tudo uma grande confusão, porém, aquilo tudo fazia parte do ritual de colocação do mastro.

E de longe avistei a poeira levantando na estrada, em uma estrada de chão batido, na verdade uma estrada com uma areia grossa e solta que fica difícil andar. A imagem de poeira no ar foi perdendo espaço pelo som de gritos e risos que acompanhavam a cena.

— **Lá vem eles.** Grita a menina que esperavam com suas mães.

Quanto mais se aproximava menos se via a poeira e mais se ouvia a gritaria e as risadas. Era a procissão que voltava com o mastro erguido nos ombros. A frente do grupo vinham as mulheres carregando o estandarte de São João Batista, o padroeiro do festejo. E logo atrás seguiam os homens, cerca de 30 deles, levando o todo imponente pau nas costas, e outros montados nele.

O primeiro sentimento de quem assiste a cena pela primeira vez traz um gosto profano de incertezas sobre a religiosidade do povo, principalmente, pelos gestos obscenos, pelas palavras fortes, pelos gritos e, é claro, pelas risadas constantes. O ritual do mastro me parece ter um fundo religioso em uma ação religiosa que marcas profanas. E é pelo riso que tudo se mistura e acontece a festa sagrada.

— **Eita pau gostoso!** Diz uma senhora indígena de saia amarela correndo ao lado do estandarte.

Ela quase caía na areia fofa e se equilibrava pelo riso. As suas palavras jogadas ao vento serviam de inspiração para as demais e de combustível para a alegria. A cada “quase” tombo um trejeito engraçado, a cada riso do outro uma nova estripulia. Assim seguiu a senhora de saia amarela durante todo o ritual.

Se o termo “assanhada” significa desaforada, exibida, oferecida, então descreve bem a condição de algumas mulheres naquele festejo. Como disse um amigo naquele dia:

— **Pensa numa muiérada da bagacêra. Assanhadas com o pau.**

As mulheres ouvem as palavras do amigo e se exaltam, riem e gritam, outras começam a fazer graça com trejeitos hilariantes e caretas.

— **Oooo pausão do João.** Grita a senhora de saia amarela, depois do mastro estar em pé. A mais exaltada de todas.

Em meio a algazarra do riso, da poeira e dos motores que roncavam nos carros e motos dos devotos percebi nos olhares de cada um o brilho contagiante da fé. O ritual do mastro me deixou saudade do amigo que partiu, e me deu uma grande lição de que o ambiente sagrado só pode ser sagrado se quem está lá faz desse ambiente um espaço de liberdade de viver o tempo alegre pela devoção dos santos.

O riso pelas coisas grotescas daquele contexto toma conta do ar e envolve os olhares que seguem em direção ao mastro e a bandeirola que traz a imagem de São João Batista. Se o mundo acabasse naquele momento, todos nós partiríamos felizes, rindo com a vida.

Aquelas pessoas simples, pessoas de fé, sabem mais do que ninguém saborear as alegrias da vida pelo riso. Parece que sem o riso a vida não faz sentido e só faz sentido se o riso for contagiante, e que sirva para todos.

Viver o ridículo faz bem!

7.12 Desfecho

A alegria, o riso, a ritualização, a espiritualidade, a junção de culturas de manifestações religiosas diversas, a obscenidade, a negação do riso e do risível, a ironia e a paródia foram achados interessantes e envolventes encontrados e produzidos nestes caminhos e encontros. Também, há de se destacar o riso e a alegria dos sacerdotes, que deveriam ser uma figura sisuda em sinal de doutrinação religiosa, mas que se deixam submergir pelo ridículo.

Cada vez que adentrei aos ambientes de produção de dados me senti parte daquele momento, daquela história, fazendo história. As vezes a câmera amedrontava e assustava as pessoas, as perguntas repeliam e escondiam o que deveria ficar exposto, mas o contato despretenso e afetivo, sem o embate positivista de uma pesquisa científica, revelou as belezas que estão guardadas nas linhas e nas entrelinhas das vidas cotidianas das pessoas, dos lugares e dos pensamentos.

As crianças são a maior prova de que a condição de ridículo, ou seja, o fazer o outro rir pelo simples prazer de ver e sentir o riso do outro e com os outros, é uma das qualidades humanizadoras que se pode ter e carregar na vida, mas em muitos está adormecida. Assim, com o passar dos tempos da vida oprimida e reprimida pela miséria social, nos tornamos menos ridículos e mais patéticos, ríspidos e com baixa resiliência.

Se as pessoas fossem mais resilientes com a sua condição de ridículo, talvez poderiam ser mais humanos e não haveria espaço para a maldade, nem para o desprezo, só para o riso. Pois, é preciso entender que o riso é uma das maiores armas de socialização e que, a relação de poder que há no ridículo fortalece o entendimento do que se é e de que se pode envolver o outro em nós.

8 CONTOS DAS MANCADAS

8.1 Preliminares

Este capítulo traz três contos que abordarão questões pessoais durante a pesquisa, envolvendo o pesquisador nas questões ridículas diretamente. Estas intervenções pontuais aqui narradas proporcionam um fechamento do que foi oferecido na parte Apresentação.

O primeiro conto de capítulo é Os Humilhados serão Exaltados, e traz a narrativa na qual me envolvo em uma situação bastante embaraçosa entre os devotos. A história conta o desenrolar de intrigas entre uma moça e duas senhoras, em uma condição opressora.

Em O Conto do Machão o personagem principal é o amigo Lari, que embriagado fazia estripulias em um festejo. A narrativa oferta uma ocasião muito delicada em um festejo da Boa Vista do Padre João, e o envolvimento da minha condição de ridículo para tentar apaziguar os estranhamentos que um amigo passava.

O Conto da Peia finaliza o capítulo com uma intervenção envolvendo dois senhores e uma mulher, a Dona Peluda, durante o início da celebração religiosa. A profanação dos senhores causou certo constrangimento nas pessoas que estavam presentes antes do início da celebração e se estendeu até o momento em que alvitrei uma nova abordagem da situação; um outro olhar, ridículo, sobre o fato.

8.2 Os Humilhados serão Exaltados

Tudo parecia ser uma noite como outra qualquer naquele dia. Se é que as noites no Bico do Papagaio são noites quaisquer. Tudo parecia ser do mesmo jeito que eram em qualquer festejo. Se é que na Boa Vista do Padre João têm qualquer festejo.

Quando cheguei no Povoado Catinga, em um dia de celebração como qualquer outro, tudo parecia que seria do mesmo jeitinho que era sempre. Alguma coisa iria acontecer. Nada naquele lugar era igual que poderia se dizer que era uma coisa qualquer. Afinal, era terra de padre João, o extravagante Cônego João Lima.

O dia de festejo que havia a maior quantidade de gente, talvez tinha, também, a pior qualidade delas. E assim foi; só sei que foi assim!

Uma moça já estava ansiosa para dar início e tomar a palavra na celebração do dia. Ela já havia programado tudo, todas as falas, as passagens bíblicas e os momentos de cada coisa que iria acontecer. Mas, como não somos donos do destino, aconteceu o que não poderia ter acontecido.

Eis que chegam, bem na hora para dar início nas falas, duas senhoras montadas em uma caminhonete branca importada, que nem tinha sinal de poeira. Pareciam as “cavaleiras do apocalipse”, e causaram um ar de constrangimento em todos, exceto nelas. Tanto que, a moça que estava pronta para comandar a missa, simplesmente, saiu como um raio pela soleira da porta da igreja.

As senhoras saíram do carro e se posicionaram em frente a porta da igrejinha sem mexer em um fio dos cabelos alourados, cheio de luzes, mexas. Prontamente, com olhar atrevido, cochichando entre elas puseram, cada uma, uma bata branca toda de renda. Bem diferente da moça que estava vestida de maneira simples, com camiseta promocional do festejo.

Logo pensei:

— “Deve ser o diabo pagando de bom moço, pronto pra aprontar.”

As senhoras passaram pela moça como se ela fosse apenas uma sombra, nem os olhares se encontraram, muito menos agradecimentos aconteceram. Ficaram paradas, feito velas em funeral, esperando o chamado. O povo parecia não ter gostado muito da situação, e houve um começo de agitação e conversas exaltadas no recinto sagrado.

— “O-que-nunca-se-ri estava por ali.” Pensei logo e tomei as dores da moça.

Então, já que ele, o cramulhão, não existe, mas pode ser coisa da nossa cabeça, era hora de fazer justiça pelas próprias risadas.

Enquanto as senhoras eram apresentadas por um jovem no altar da igreja e entraram no ambiente feito duas rainhas. Segui meus instintos de ridículo e sorri para a moça. Mas, tinha que ser um sorriso que dissesse um conforto e não um sentido de paquera. E foi assim que estampeei a minha cara de palhaço no mural daquela noite.

E assim, começamos a conversar; ela a reclamar e eu tentando aliviar a tensão. As senhoras justificaram a presença delas referindo-se que o padre havia lhes solicitado que ministrassem a missa. O que deixou a moça e os demais presentes mais indignados. Um novo borborejo começou entre os fiéis.

As senhoras mantinham certa postura superior em relação aos demais, por isso as pessoas ficaram incomodadas. E, não eram da comunidade local. Eram senhoras da classe abastada da cidade. Fato que muitos repudiavam e desejavam que a celebração fosse comandada por alguém da mesma classe social, e da comunidade.

Nos resmungos do povo, sobrou até para o padre local que ficou malvisto. A missa começou e logo uma das senhoras perguntou se alguém queria puxar o canto em um dos cânticos. O povo carrancudo, então, se escondeu no meio do seu desprezo por elas. E foi aí o momento para que eu pudesse fazer justiça ao povo.

Larguei a câmera e me direcionei ao altar. Cumprimentei as senhoras e os demais que estavam lá em cima, dei aquela piscadinha básica para elas e tomei a puxar o “coro”. Mas, logo parei, fiz de conta que havia perdido a página. Caretas e trejeitos para tentar aliviar as tensões daquele povo angustiado. Logo retornei a cantar, mas era a canção errada. Claro que era proposital! Isto é coisa Daquele e não do outro.

O povo, finalmente, sorriu e até alguns riram, de mim e comigo. Antes de recomeçar, chamei a moça e disse:

— “Boa noite, convido a moça que deveria estar aqui, para me ajudar. Minha *fia* ouço o chamado do Senhor. Venha cá!”

A moça veio ao meu encontro, toda sorridente e emocionada. O povo aplaudiu e todos cantamos comovidos, mas com sorrisos, inclusive as senhoras do câo. Como diz o livro sagrado do povo cristão “os humilhados serão exaltados”.

No fim da celebração daquela noite, a moça me agradeceu. E eu deixei as minhas últimas palavras antes de voltar para casa:

— “O Ridículo de mim, por ti.” Ela me respondeu com uma piscadinha e um sorriso largo.

8.3 O Conto do Machão

Já passei vergonha, mas tomar vergonha alheia é pior do que se vergonhar sozinho. Quando estamos só dependemos de nós e quando estamos com outro a situação complica. Dizem que a união faz a força, só que esqueceram de falar que unidos podemos, também, ser mais vulneráveis. Como diz o ditado popular é melhor “matar duas cobras com uma cajadada só”. Ou seriam coelhos? Bem, no meu caso estava mais pra cobra mesmo.

E assim foi, em uma das quermesses de um dos festejos da Boa Vista do Padre João, nos meandros de 2017. Tudo parecia tranquilo, até que um amigo resolveu dar o ar da graça da macheza. E já chegou reclamando, exigindo e impondo a palavra como se fosse renascer os “coroné” do século passado.

— **Bota pôco não, desgraça!** Diz o amigo, que irei chamar de Abelão, a uma senhora em uma das barraquinhas que vendiam alimentos na quermesse.

A cara fechada e o mau humor diziam tudo o que poderia acontecer naquela noite. Já havia acontecido a missa naquele festejo e era momento final dos leilões e a quermesse iria prosseguir com música ao vivo e venda de comidas e bebidas regionais.

Tudo iria acontecer, e estava estampado na afeição do Abelão, mas não aconteceu.

— **Vai sentá?** Pergunta Abelão para um casal, e eles respondem que ele poderia ficar com a mesa, sem problemas.

— **Tá me achando com cara de *pidão*?** Ele retruca ao casal, em sinal de que o clima iria esquentar e a confusão estava armada.

— “Te ajeita, abestado!”. Logo entrei na conversa para tentar desconversar o mal-entendido. Pois, o Abelão era meu conhecido e tínhamos uma certa intimidade; coisa de amigos.

Deu para perceber que o casal logo ficou com semblante tranquilo e o Abelão logo me deu a mão, em um desses cumprimentos “de machão”. Parecia que tudo iria ficar bem.

— “Gente, me desculpem o amigo, ele anda de TPM.” Tento divertir o povo que estava ao redor e desconstrair a situação.

Alguns riram, mas a maioria ainda estava presa no fato embaraçoso. Ninguém saiu dos seus lugares, porém os olhares ainda demonstravam estranhamento na atitude violenta do amigo. Então, precisava aliviar as tensões causadas por ele e deixar a noite tranquila como antes.

— **Bora tomar uma? Cê paga; é rico, professor da federal.** Disse Abelão para mim, com cara de deboche.

As pessoas estranhadas com a cena inicial começaram a se soltar e sorriram, até houve risos tímidos, talvez pelo trejeito do amigo Abelão todo desengonçado, sem falar na vestimenta em estilo caubói e chapéu de vaqueiro nordestino. Ou, quem sabe, riram pela piada de que eu era rico por ser professor, e ainda mais de Universidade Federal. Isso realmente é uma piada, e foi essa a “deixa” para que eu finalizasse o mal-entendido.

— “Te ajeita, abestado! Desse jeito vão *dizê* que eu *tô* de treta *cos* políticos de Brasília.” Falei em tom teatral, com a ideia de dar um ar poético na cena.

E assim, seguimos naquela noite. Com muito riso, depois do embaraço, apesar de que eu senti medo de ser agredido por um conhecido, pois não sabemos a real condição que o outro passa e a minha intervenção poderia dar errado, piorando a situação. Mas, o instinto do ridículo falou mais forte e o riso foi vitorioso.

8.4 O Conto da Peia

Vivemos em um tempo da história do mundo em que as pessoas preferem ser patéticas do que ridículas. Assim fomos acostumados, pelo menos no Brasil. A condição de coitado é exaltada e a de ridículo esnobada.

— **Ô sua ridícula. Vê se me paga na quinta, sem falta.** Diz um homem para uma senhora que falava ao celular.

Eram quase 18 horas de um dia chuvoso em um dos festejos da Boa Vista do Padre João. Fazia calor como sempre faz, mas a chuva naquele dia trouxe uma brisa agradável. Tanto que algumas pessoas se vestiam com roupas de frio. A celebração não havia começado, então, alguns devotos chegaram mais cedo por causa da chuva, ou melhor, fugindo dela.

E assim a pequena igreja do pequeno povoado se enchia pelo barulho da água caindo e batendo na lama e pela confusão que havia começado. Pode ser que os ânimos estivessem exaltados pelo clima desfavorável; pode ser que a chuva, que a muito tempo não aparecia trouxe um toque de profano naquele ambiente religioso.

— **Diacho, fi дума égua. Larga deu, sataná.** Responde a senhora, depois de desligar o celular.

Eu já estava naquele local fazia algum tempo, pois gostava de chegar mais cedo e observar todos os movimentos e apreciar os detalhes das ornamentações e, talvez, colher algumas informações de forma despretensiosa, para não tirar a espontaneidade dos sujeitos. E foi nestas observações que ao fotografar os enfeites no altar da igreja, que percebi o que estava acontecendo entre o homem e a senhora. Naquele instante havia apenas seis pessoas no local, além de mim e da minha trupe.

Eles ficaram se olhando como cão e gato, só não sei quem era o cão e quem era o gato. Mas, parecia coisa do cão. Logo pensei em fazer uma provocação usando algo para chamar a atenção e tentar quebrar aquele clima de confusão, já que a celebração não tinha começado. Foi, então, que fiz de conta que meu celular havia recebido uma chamada. Coloquei em tom alto um fragmento de uma música gaúcha, que era o meu toque, e que dizia mais ou menos assim: “Dava, dava, dava.

Dava aquele reboliço, tchê! Mexerico de vizinha.” Fiz caras e bocas, como se não soubesse de nada e depois sorri para todos que estavam ali.

A senhora logo se desarmou, trincou o bico na boca carnuda, jogou a bolsa no colo e se virou para o altar. O homem cruzou os braços, curvou as costas e fechou a cara em uma tentativa de causar pena de si. Enquanto os demais riram e sorriram.

Em seguida, entrou uma mãe com seus dois filhos, crianças. Chegaram na algazarra, não se importando com o ambiente religioso. A criançada choramingava e tremia de frio; a mãe espalhava sua bronca pelos quatro cantos da igreja com uma voz irritante e com palavras que seguiam como uma matraca.

Então, soltei o som novamente. “Dava, dava, dava. Dava aquele reboliço, tchê! Mexerico de vizinha.”

A mãe logo reclamou, mesmo rindo, disse:

— **Credo! Que falta de respeito na igreja.**

Os demais riram outra vez. Riram pela repetição, pela música e/ou pelos meus trejeitos que tinham intenção de serem hilariantes. A senhora, bem, ela continuou com seu bico, mas deu uma risadinha breve se escondendo atrás da mão e da cara de coitada. O homem, nada havia mudado; a cara e o corpo era de alguém que estava quase morrendo.

Aquela cena me destruiu, mesmo tentando fazer o povo rir, a condição patética havia tomado conta daqueles dois. Por isso, prefiro ser um ridículo do que um patético!

8.5 Desfecho

Esta parte do estudo traz fragmentos pessoais, nos quais me reencontro como um sujeito risível, adepto ao riso e a comicidade. Percebo que não há como ficar isento em relação a produção dos dados neste tipo de pesquisa. Pois, em uma

aplicação de observação participante os diálogos e os demais contatos pessoais e ambientais a isenção é algo que não ocorre, ou é difícil de obter. Aquilo que me pertence se mistura com as particularidades dos outros e dos lugares, sendo que muito de mim ficou nos participantes, mesmo aqueles que não tiveram contato direto, e muitas peculiaridades deles ficou em mim, não só como produção de dados de pesquisa. Esta isenção é diferente do distanciamento.

O distanciamento pregado pela ciência ao se olhar o objeto de estudo e analisar com neutralidade os dados, fica complexo e complicado quando se está imerso na produção de dados por observação participante, pelas narrativas e pelos diálogos. Por mais que o pesquisador tente um certo distanciamento, e por hora consegue, na maioria das vezes se deixa tomar pelo contexto. O que é bem diferente do produzir dados por convicção só para confirmar a sua tese, agindo desta forma, de maneira imoral e antiética.

A comicidade e o riso são fatores sociais e pessoais que dificultam este distanciamento, pois ela envolve as pessoas, tanto pela emoção quanto pela indiferença. E isso ocorre com maior implicação em quem se encontra na condição de ridículo. Este exercício de distanciamento se faz necessário tanto para compreender a produção dos dados, quanto para não caracterizar a pesquisa contaminando com fatores pessoais do pesquisador o estudo. José Saramago diria que “[...] é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não saímos de nós, se não saímos de nós próprios.” (1999, p. 27 e 28)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida árdua do povo nortista brasileiro não revela as belezas da sua cultura, do seu imaginário fértil, da sua devoção religiosa e do quanto esse povo sofrido gosta de rir. Este passeio pelas memórias e pelas histórias da Boa Vista do Padre João me fizeram rever os olhares deste povo. Aquele tom de tristeza, de uma vida vivida no sofrimento, me fez lembrar da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Segue uma breve passagem:

Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. Se não calejassem, teriam o fim de seu Tomás da bolandeira. Coitado. Para que lhe servira tanto, livro, tanto jornal? Morrera por causa do, estômago doente e das pernas fracas. (RAMOS, 1993, p. 24)

Mas, essa tristeza toda não toma conta de um mundo alegre e divertido que o norte do Brasil oferece. Território muitas vezes esquecido pelos governos e pelos compatriotas de outras regiões. Um lugar de gente cômica, uma terra de gente ridícula. Sujeitos calejados pelo clima e as desgraças de uma nação que teima em esquecê-los, porém, sujeitos que reconstróem seu mundo pela cultura e pela ressignificação da sua existência.

Como diria Merleau-Ponty (1999, p. 576), “O mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta.” Desta forma, o sujeito se faz “ser-no-mundo”, e o mundo ao qual ele pertence permanece “subjetivo a ele”, pois o desenrolar das compreensões deste mundo depende das ações e da sua visão naquele momento sobre si e o mundo através das suas experiências.

Passar por este período observando e dialogando com as pessoas da região foi uma das experiências mais ricas que já passei. Ver cada passo de uma nova construção cultural, de cada afirmação das tradições se tornou um achado inesquecível. Os olhares do outro sobre a minha pessoa e aquilo que eu tanto buscava com a pesquisa me fez crescer, pois “[...] o outro é, por princípio, aquele que me olha [...]” (SARTRE, 1997, p. 315). E aquele que me olha, me ressignifica como ser no mundo, por isso o outro é tão importante.

Pesquisar, neste sentido, sobre a comicidade e o riso sobre as coisas do outro, em especial, em seu mundo de fé trouxe, além da confirmação da tese, o respeito e a responsabilidade de tolerar e valorizar o outro e a sua espiritualidade. Os aspectos religiosos, que algumas vezes nos faz repudiar alguém ou algo, nos diz mais sobre nós do que sobre o outro.

Às vezes eu penso: seria o caso de pessoas de fé e posição se reunirem, em algum apropriado lugar, no meio dos gerais, para se viver só em altas rezas, fortíssimas, louvando a Deus e pedindo glória do perdão do mundo. Todos vinham comparecendo, lá se levantava enorme igreja, não havia mais crimes, nem ambição, e todo sofrimento se espriava em Deus, dado logo, até à hora de cada uma morte cantar. (ROSA, 1994, p. 74)

Esta religiosidade, os espaços sagrados e os rituais de fé se encontram nas celebrações que a igreja promove anualmente. E são nestes espaços que encontramos a comicidade e o riso, a alegria e a ludicidade, e até os palhaços da vida real, os ridículos. Amaral (2001, p. 2), sobre a ludicidade no contexto das festas religiosas diz que:

A festa religiosa parece representar, portanto, um espaço imaginário diferente, onde o homem se liberte do constrangimento das hierarquias econômicas e sociais, propondo seus ideais ou fantasiado sobre o futuro. Os mistérios e dramas litúrgicos são aspectos dessa imensa tentativa de impor ao mundo (desde o período feudal, pelo menos, e nas sociedades ocidentais) uma igualdade mítica que contradiz a realidade cotidiana: utopia viva, a festa supõe uma imagem do homem diferente daquela que lhe impõe o sistema social.

Até que ponto o ridículo deixa de ser profano e/ou sagrado para se tornar um espaço de “apaziguamento” entre estes dois mundos? O ridículo pode ser profano ou pode ser sagrado, mas essa não é a questão da tese. Então, o ridículo se torna um meio de acalento com papel pacificador entre o sagrado e o profano quando ele deixa de ser somente profano e de ser somente sacro e se torna apenas o ridículo, lugar onde não há estranhamentos e o riso é livre e leve.

Quem ri em mim, quando o riso me pertence e quando o outro ri, de mim e de outro? Quem ri, quem é objeto de riso e a relação entre ambas as partes? São algumas das perguntas que se faz quando a comicidade pede passagem em qualquer espaço.

Desse modo, quando rimos de nosso interlocutor (porque ele fez ou disse algo ridículo), nós: a) não nos identificamos com ele e b) somos superiores a ele. Já quando rimos com nosso interlocutor (porque ele disse algo espirituoso acerca de si mesmo, de nós ou de um terceiro), nós: a) nos identificamos com ele e b) não podemos ser, portanto, nem superiores nem

inferiores a ele. Isso pode ocorrer porque, enquanto na relação cômica bastam dois elementos (observado e observador) entre os quais se exige distanciamento, na espirituosa há de haver três: o observador comunica aquilo que sabe do observado (que, independente de ser ele próprio ou o receptor da mensagem, é funcionalmente o segundo elemento na relação) a um terceiro. O observador se torna, portanto, o emissor de uma mensagem sobre a situação ou o indivíduo cômico (o observado) que visa a aliciar o receptor, provocando-lhe o riso através da identificação e da cumplicidade na observação compartilhada. (ROSAS, 2003, p. 138)

Enfim, o ridículo como algo pejorativo segue o mesmo sentido de que o feio é algo ruim e só o belo presta e é bom. Como diria uma mãe ao seu filho, quando ele faz algo errado: “coisa feia, menino”. O ruim se torna banal e o risível se torna marginalizado. Tudo que é estranho em termos de beleza torna-se ridículo como sinônimo de feio, conseqüentemente, ruim. Por isso, há uma depreciação daquilo que é engraçado e provoca o riso, então o risível, e respectivamente o riso, é marginalizado. Pois, culturalmente, não há entendimento do poder que a condição de ridículo dá para as pessoas que promovem o riso, sendo que, o riso é uma das fortes manifestações de poder que vem imposta pelo outro, mas não para nos fazer o mal. Inconscientemente, parece que se percebe isso, talvez seja o motivo principal que não se admite o riso de forma tão natural na convivência social.

Umberto Eco (2007) citando Victor Hugo:

(...) O belo tem apenas um tipo, o feio tem mil. (...) Pois o belo, humanamente falando, nada mais é que a forma considerada em sua relação mais elementar em sua íntima harmonia com o nosso organismo (...) Aquilo que, ao contrário, chamamos de feio é o detalhe de um grande todo que nos escapa e que se harmoniza, não com o homem apenas, mas com a criação inteira. Eis por que ele nos apresenta, sem trégua, aspectos novos, mas incompletos. (p. 281)

Neste sentido, o processo artístico do drama e da criação faz parte do processo de formação humana, não posso afirmar que é algo natural, mas faz parte do humano. Então, considero que o papel da comicidade e do riso, na condição de ridículo de sujeitos “não artistas”, o que chamamos de “comuns”, nas dramatizações da vida cotidiana e o processo de criação é algo indissociável.

Considero o que há nas histórias extraoficiais dos festejos, naquilo que não está exposto nas encenações programadas e historiadadas na cultura de cada festa religiosa. Por isso, abordar o processo artístico da formação (pré)inicial do cômico, trazendo as pontuações da vida cotidiana e aquilo que fica marginalizado na história, na vida comum, se torna imprescindível.

Pôr o corpo em cena, como na dança, supõe que se admita exteriorizar-se e que se tenha uma consciência satisfeita da imagem que se passa para os outros. Ao contrário, o temor do ridículo e a timidez estão ligados a uma consciência penetrante de si mesmo e de seu corpo, a uma consciência fascinada pelo estado físico. Assim, tal aversão à dança nada mais é que uma manifestação dessa consciência penetrante da condição camponesa, que também se exprime, como já se viu, no riso e na ironia em relação a si mesmo; especialmente nas histórias jocosas cujo anti-herói é sempre o camponês confrontado com o mundo da cidade. (BOURDIEU, 2006, p. 87)

Percebi com os diálogos e as observações que os sujeitos que se envolvem com seu lado risível produzem um sentido diferente do seu corpo, das suas expressões e do seu comportamento, em relação aos que repudiam e temem o riso do outro sobre si. As experiências do sujeito que está na condição de ridículo parecem ser mais profundas, então, posso corroborar que inconscientemente estes sujeitos pensam que “[...] eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes sou meu corpo. (p. 208) [...] Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo.” (p. 269) (MERLEAU-PONTY, 1999).

Acreditamos que pensar o corpo e suas diversas formas de *ser-no-mundo* é um desafio de pensar o homem como totalidade da existência humana; de superar a dicotomia que historicamente tem caracterizado o homem em polos opostos - de um lado o que valoriza só a consciência, a herança racionalista, e, de outro, só os aspectos fisiológicos do corpo, os sentidos, a herança empirista; de colocar o corpo como uma das centralidades do pensar e da prática humana. (PEIXOTO, 2012, p.43)

Seguindo esta linha de reflexão, “A consciência humana é atividade do sujeito que cria a realidade humano-social como unidade de existente e de significados, de realidade e de sentido [...]” (KOSIK, 1995, p. 242). Sendo os humanos ditos de seres racionais, são capazes de criar um ambiente de interação social, que serve para suprir as próprias necessidades emocionais. Cria-se um mundo que se pode dividir com a família, amigos, colegas de escola e qualquer outro meio social que se conheça durante a jornada no universo, um mundo de emoções que através da imaginação é transformado, que traz sentido à vida que há neste planeta, e desta forma a imaginação flui e criam-se os caminhos por onde se vive.

Para Spink (2010), o sentido é um empreendimento coletivo, portanto, é uma construção social, que interativamente promove uma dinâmica das relações sociais, envolvendo a história, a cultura e as manifestações e fenômenos a sua volta. A produção de sentido se entrelaça ao imaginário social e, assim, ressignificam as vidas e as relações, os mundos e os locais.

Assim, posso afirmar que as produções de sentidos da comicidade se constituem nas ações dos devotos ridículos em cada história pontual, e pontuam as ações do riso e da provocação do riso. Além disso, as narrativas retratam o imaginário social nas Festas religiosas da Boa Vista do Padre João e as questões que envolvem o extravagante/ridículo nestas celebrações. “Sem imaginação, não poderia haver criação. Ela é, portanto, não só a mais fecunda, mas também a mais nobre atividade intelectual.” (JACQUARD, 1998, p. 75)

As histórias dos participantes da pesquisa resgatadas em suas memórias propuseram possibilidade de compreensão sobre os fatos, as pessoas e os sentidos das suas vidas. Pois,

[...] uma memória não poderia ser concebida uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricas e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulando ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos. (PÉCHEUX, 2015, p. 56)

No mesmo sentido,

As palavras, as imagens, os gestos, os sons, representando ideias, conseguem fixar na memória coisas que não estão, física e temporalmente, ao alcance dos sentidos, mas que se tornam novamente presentes à consciência pelo simples ato da imaginação. Através da linguagem, cria-se um mundo estável de ideias que permite aos indivíduos moverem-se no tempo, lembrando o passado, projetando o futuro e respondendo ao presente. (SOUZA, 1995, p.102)

Assim, os diálogos e as observações, as recordações e o imaginário das pessoas nos mostram que muitos buscam o espaço da fé, da devoção e dos rituais religiosos para se fortalecer como pessoa e para expurgar os seus males. Desta forma, também o fazem quando promovem o riso, aceitam o riso e se envolvem com a comicidade, mesmo em ambiente sagrado. Há uma produção de sentidos através do riso, da condição de risível. O ridículo, então, forja seu lugar entre o sagrado e o profano.

Por fim, preciso destacar que há um dilema sobre sexualidade e religiosidade. Dois conceitos abrangentes que propõem diversas interpretações com definições contraditórias. Não é intenção aqui debater sobre a sexualidade, nem tão pouco sobre religiosidade, porém, o que nos cabe é abordar questões sacras e profanas. Então, quando há estranhamento entre estas facetas, sexualidade e religiosidade,

algumas vezes este estranho é visto como “ridículo/extravagante” por alguns que observam, e até algumas atitudes podem se tornar risível, tanto no olhar sagrado quanto no profano.

O ridículo não nos parece uma questão de gênero, nem um fato sexista. O ridículo não é inerente ao sexo biológico e ao gênero, ele é uma condição do ser, independente de idade, sexo e classe social. As pessoas, ainda, estranham os trejeitos e os jeitos dos outros. Homem com jeito de mulher e mulher com jeito de homem. Homem vestido de mulher e mulher vestida de homem. O jeito extravagante para alguns é a essência de outros.

Ao findar este estudo, concluo que os recursos cômicos observados nos Festejos foram: a piada, a paródia, o deboche, a ironia, os trejeitos, as caretas, os olhares, a vestimenta, as ornamentações, sons engraçados, manusear de objetos, a embriaguez e palavras de ordem. Enfim, considero como recurso cômico todo e qualquer possibilidade de comunicação e contato com o outro que provoque o riso deste.

9.1 Conto da Cripta: Entre Deus e o Diabo

Já havia passado da hora, o clima era de chuva com trovoadas, quando adentrei na igreja. A mesma estava vazia, havia cheiro de sexo e de cerveja, então observei todos os lados para ver se avistava alguém. Tentei escutar algo, mas só escutei risos.

Me desloquei até a cripta¹⁶. No caminho me deparei com uma beata, que com semblante sério fez sinal para fazer silêncio. Lá encontrei os dois senhores rindo, se embriagando e contando piadas sobre a minha pessoa.

- Mas que diabos é isso, senhores? Em tom firme indaguei a eles.

- Isso não é só coisa do diabo. É dele também. Disse o capiroto, em tom indignado.

¹⁶ A Cripta é uma construção antiga, subterrânea, geralmente fica localizada na cabeceira das igrejas mais antigas. Neste local, antigamente, eram enterrados os sacerdotes.

- Sei de nada, meu filho. Disse o outro senhor, que estava sentado de costas para mim.

- **Vim aqui saber onde está o riso e se o ridículo tem lugar neste espaço.** Perguntei a eles.

- Riso é coisa do diabo. Disse o outro senhor.

- Do diabo é o escambau. Não sei do que se trata. Retrucou o diabo.

O diabo negou o riso e o outro senhor jogou a culpa para o diabo. Mas, percebi que os dois se olhavam e riam em silêncio, dava pra perceber os traços debochados do diabo e o tremelico nos ombros do senhor mais velho, que logo disse:

- Eu sou deus, e digo que na minha casa não pode rir.

- **Se o senhor é deus, então, vai negar que as pessoas podem provocar o riso e que o riso é algo bom?** Digo a ele. E assim ele me responde:

- Não posso negar que o riso me faz bem, e se me faz bem, fará bem aos meus filhos. Ser ridículo não é ruim, mas você sabe, meu filho, os homens, oh os homens, gostam de destruir e inventar temores.

- **E você cramulhão?** Pergunto ao diabo.

- Você o quê, desgraça? Ele me retruca, em tom sério, com raiva, mas no fim sempre gargalha.

- **O que faz aqui no templo?** Respondo a ele.

- E quem é que sabe o que está fora e dentro do templo, a não ser deus e o diabo? Ele me retruca.

- **Então, senhores, confirmo a tese de que o Ridículo tem seu lugar cativo entre o sagrado e o profano.** Coloco a minha tese olhando nos olhos dos dois.

- Mas como a boneca chegaste a esta conclusão? Logo o capiroto me questiona. Então, olho para deus e digo:

- **Simples, tudo que é de deus é dos homens, mas nem tudo que é dos homens é de deus. Se o riso é de deus, então, é dos homens. E para provocar o riso do**

outro é preciso ser ridículo. O riso pode estar tanto para deus quanto para o diabo, mas o ridículo estará entre aquilo que é sagrado e aquilo que é profano. Porque ridículos são os homens.

- Entre deus e o diabo, o ridículo está presente! Eles me respondem em uma única voz.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **Império do Divino, Festas religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro – 1830-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

ALAVARCE, Camila da Silva. **A ironia e suas refrações**: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

ALBERTI, Verena. O riso, as paixões e as faculdades da alma. In: **Textos de História**. Revista da Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. Brasília: UnB, v.3, n.1, 1995, p.5-25.

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira**: Sentidos do festejar no país que “não é sério”. eBook, 2001.

ARAÚJO, Nataniel da Vera-Cruz Gonçalves. GRI-TO. In: **IV Premio SESI de Poesia: Antologia Poética**. Araguaína: SESI, 1996.

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. v. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

AZZI, Riolando. A Espiritualidade popular no Brasil: um enfoque histórico. In: **Revista Grande Sinal**. Petrópolis: Vozes, Ano XLVIII, pp. 293-304, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: O Contexto de François Rebelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 7ª edição. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

BARROSO, Oswald. **A Máscara: Do Teatro Ritual ao Teatro Brincante**. Fortaleza: Editora Armazém da Cultura, 2016.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

- BECKER, Udo. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Paulus, 1999. BOYER, Marie-France. **Culto a Imagem da Virgem**. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 2000.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política** - Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I. 3ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense S/A, 1987.
- BERGSON, Henri. **O Riso: Ensaio sobre a Significação da Comichade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BIÃO, Armindo. **Etnocenologia e a cena baiana**: textos reunidos. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.
- BIÃO, Armindo. Um trajeto, muitos projetos. In: BIÃO, Armindo. **Artes do corpo e do espetáculo**: questões de etnocenologia. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2007
- _____. Etnocenologia, uma introdução. In: BIÃO, Armindo e GREINER, Christine. **Etnocenologia: textos selecionados**. São Paulo: Annablume, 1999.
- BITTER, Daniel. A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis. **Tese**. Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS, 2008.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação** - uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora, Ltda, 1994.
- BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. In: **Revista de Sociologia e Política**, Nº 26, p. 139-141, Jun. 2006.
- BOYER, Marie-France. **Culto a Imagem da Virgem**. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 2000.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Teatro Grego: Tragédia e Comédia**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRITO, Hélio. Padre João da Boa Vista – O Cônego João Lima. **Documentário**. 2013.
- CARDOZO, Joaquim. Poesia completa e Prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008

CASTRO, Alice Viveiros de. **O Elogio da Bobagem**. Palhaços no Brasil e no Mundo. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

CASTRO, Almerindo Martins de. **Antônio de Pádua: sua vida de milagres e prodígios**. Rio de Janeiro: FEB, 7ª ed., 1987.

COLETTI, Vagner. As Flores do Mal e Eu: Um Olhar pelo Prisma do Grotesco. **Tese de Doutorado**. Araraquara: UNESP, 2008.

CORREIA, Aldenora Alves. **Boa Vista do “Padre João”**. Tocantinópolis – Goiás, 1977.

CÔRTEZ, G. P. **Dança, Brasil: festas e danças populares**. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

COSTA, José Ricardo. OJÚ ERÊ: ODÚS, ORIXÁS E DIVERSIDADE AOS OLHOS DE UMA CRIANÇA. In: **Revista Escrita**. Número 20, 2015, p. 19-42

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Duas narrativas: A Dócil e O Sonho de Um Homem Ridículo**. 3ª edição. São Paulo: Editora 34, 2011.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulus, 2001.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ECO, Umberto. **História da feiura**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FERRAZ, Siney. **O movimento camponês no Bico do Papagaio: Sete Barracas em busca de um elo**. 2. ed. Imperatriz: Ética Editora, 2000.

FLORES, Kátia Maia. **Estrangeiros no Tocantins do século XIX**. Palmas: Nagô Editora, 2013.

FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905). In: Edição **Standart das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 8. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GALVÃO, Antônio Mesquita. **A Revelação de Jesus**: na visita dos Reis Magos a Belém. São Paulo: Ave Maria, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Cultura**. Rio de Janeiro-RJ: LTC, 1989.

GRUDA, Mateus Pranzetti Paul. Mecanismos do Cômico Relacionados ao Humor Politicamente Incorreto de South Park. In: **Anais do II Colóquio da Pós-Graduação em Letras UNESP, Campus de Assis, 2010**. Disponível em: www.assis.unesp.br/coloquioletras

IPHAN. **Dossiê da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis**. IPHAN, 2009. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckeditor/arquivos/Dossie_festa_%20do_divino_pirenopolis.pdf

JACQUARD, Albert. **Filosofia para não-filósofos**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

KÁSPER, Kátia Maria. Experimentações clownescas: os palhaços e a criação de possibilidades de vida. **Tese** (doutorado). Universidade de Campinas, Campinas, 2004.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 4a edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LEITE, Elias. **Maria e Iemanjá no Sincretismo Afro-brasileiro**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2003.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MATOS, Franklin de. **O Filósofo e o Comediante: ensaios sobre literatura e filosofia na Ilustração**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MESQUITA, Fábio de Azevedo. A veneração aos Santos no Catolicismo popular brasileiro: uma aproximação histórico-teológica. In: **REVELETEO** - Revista Eletrônica Espaço Teológico, Vol. 9, n. 15, jan/jun, 2015, p. 155-174

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2007.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro-RJ: 1955.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Mário da Silva. 18ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.

_____. **ECCE HOMO**: Como se chega a ser o que se é. Textos Clássicos de Filosofia. Tradução de Artur Morão. Covilhã: LusoSofia Press, 2008.

NÓBREGA, Zulmira. A festa do maior São João do mundo: dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande. **Tese** (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2010.

OLIVEIRA, Carla Mary da Silva. Arte, religião e conquista: os sistemas simbólicos do poder e o Barroco na Paraíba. João Pessoa: **Dissertação de Mestrado UFPB**, 1999.

OLIVEIRA, Elza. Procissões - De estratégia de territorialidade à expressão de religiosidade popular. In: **Sacrilegens** - Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião - UFJF, Juiz de Fora, v. 9, n.2, p. 15-32, jul-dez/2012

OLIVEIRA, Ney Wlacácer Alves de. **Caminhos do reencontro**. Palmas: EMPLAC, 2000.

OLIVEIRA, Joana Abreu Pereira de. Catirina, O Boi e sua vizinhança. **Dissertação de mestrado**. Universidade de Brasília, 2006.

PADOVESE, L. **Diálogos entre Santos de Mármore**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PALACÍN, Luis G. **Coronelismo no Extremo Norte de Goiás**: Padre João e as três revoluções de Boa Vista. São Paulo: Loyola, 1990.

PASSOS, Marcos P. de. O ato lúdico de conhecer: a pesquisa como processo dialógico de apropriação de dispositivos informacionais e culturais. 2013. 125 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. 4ª ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2015.

PEIXOTO, Adão José. Os Sentidos Formativos das Concepções de Corpo e Existência na Fenomenologia de Merleau-Ponty. In: **Revista da Abordagem Gestáltica** – XVIII(1): 158-171, 43-51, 2012

PEREIRA, José Carlos. A Linguagem do Corpo na Devoção Popular do Catolicismo. In: **REVER - Revista de Estudos da Religião**, Nº 3, 2003, pp. 67-98. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_pereira.pdf

PERGO, Vera Lucia, Os Rituais na Folia De Reis: uma das Festas Populares Brasileiras. In: **Revista Brasileiro de História das Religiões**. GT Religiões, edição especial Janeiro de 2012.

PINHO, Maria José. Prática Pedagógica e conflitos de Terra: um estudo junto a professores de escolas públicas da região do Bico do papagaio – TO. 1995. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, 1995.

PRADIER, Jean- Marie. Etnocenologia. In: BIÃO, Armindo e GREINER, Christine. **Etnocenologia: textos selecionados**. São Paulo: Annablume, 1999.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Editora Ática, 1992.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Record, 1993.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas juninas, festas de São João: origens, tradições e história**. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

REIS, Demian Moreira. Caçadores de risos: o mundo maravilhoso da palhaçaria. Salvador: UFBA. **Tese** (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010.

RODRIGUES, Lysias A. Rodruigues. **Roteiro do Tocantins**. 4ª edição. Palmas-TO. Alexandre Acampora. 2001.

ROMANELLI, Geraldo. A entrevista antropológica: troca e alteridade. In: ROMANELLI, Geraldo; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (Orgs.) **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto-SP: Legis Summa, 1998.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ROSAS, Marta. Por uma teoria da tradução do humor. In: **Revista de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, D.E.L.T.A**, vol. 19, 2003, p. 133-161. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v19nspe/09.pdf>

SANTOS, Márcia Pereira dos; DUARTE, Teresinha Maria. A escrita hagiográfica medieval e a formação da memória dos santos e santas católicos. Fazendo gênero 9. In: **Anais** Diáspora, diversidade, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/>

SARAMAGO, José. **O Conto da Ilha Desconhecida**. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SILVA, Renata de Lima; ROSA, Eloisa Marques. Performance Negra e a Dramaturgia do Corpo no Batuque. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 249-273, maio/ago. 2017. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbep/v7n2/2237-2660-rbep-7-02-00249.pdf>

SOERENSEN, Claudiana. A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin. In: **Revista Travessias: Pesquisas em Educação, Cultura, Linguagem e Arte**. Volume 5, número 1. Cascavel-PR: UNIOESTE, 2011.

SOUZA, Maria Beatriz de Mello. Mãe, mestra e guia: uma análise da iconografia de Santa'Anna. In: **Topoi**, Rio de Janeiro, dezembro 2002, p. 232-250

SOUZA, Sonia Ribeiro de. **Um outro olhar: filosofia**. São Paulo-SP: FTD, 1995

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SUASSUNA, Ariano. **O Auto da Compadecida**. 24ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

TOCANTINS. Secretaria do Desenvolvimento da Cultura. **Manifestações Culturais**. Disponível em: <http://seden.to.gov.br/desenvolvimento-da-cultura/> Acesso em: 01 de janeiro de 2017

_____. Secretaria do Desenvolvimento da Cultura. **Tocantins - Histórias**. Disponível em: <http://seden.to.gov.br/desenvolvimento-da-cultura/tocantins---historia/l-criacao-do-estado-do-tocantins---1988/> Acesso em: 23 de março de 2018

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VALERI, Valério. Rito. In: **Enciclopédia Einaudi** - Vol. 30 - Religião-rito. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994.

APÊNDICE

TRANSCRIÇÕES DE CONVERSAS

Transcrição literal (*ipsis litteris*)

CONVERSA COM DONA FLORA:

EU: — “Boa tarde... a senhora veio pro festejo (em tom de questionamento)”

DONA FLORA: afirmou acenando a cabeça...

EU: — “Vamos conversar um pouquinho (em tom de questionamento)”

DONA FLORA: — Bora

EU: “A senhora conheceu o padre João Lima (em tom de questionamento)”

DONA FLORA: — Sim... mais ou menos...

EU: — “Teria alguma história ou lembrança dele para me contar (em tom de questionamento)”

DONA FLORA: — ‘Lá vem o padre João no lombo da mula... todo sorridente...’ gritava a minha mãe... ela sempre ficava assanhada quando o padre João passava... eu e *minhas irmã* desconfiava... *mais* mamãe sempre foi *muié* direita de um *homi* só... papai já tinha falecido já se fazia uns cinco *anu*... lembro como se fosse *onti*... era na chuva do caju e minha mãe *mais* minha tia Zeza *tarram* sentada na *bera* da porta quando do nada ela sorriu e *gritô*...

DONA FLORA: — O *chêro*... o *baruio* e o sabor da chuva do caju me faz menina *dinovo*...

EU: — “Posso leu um poema pra senhora (em tom de questionamento)”

DONA FLORA: — Leia...

EU: — (leitura do poema)

DONA FLORA: — *Passeâ*... (uma pausa longa)

DONA FLORA: — Vivi aqui por muito tempo... hoje não conheço ninguém... Minha neta me *traziu* pro festejo de São Chico...

DONA FLORA: — Essa sua poesia me fez *lembrá* do padre João...

DONA FLORA: — Ahh... a chuva do Caju... o padre João... *homi* muito *bão*... sabe... *Homi* correto... de Deus... Muita gente tinha medo dele... eu só tive alegria... padre João era só alegria... *homi* *bão*...

EU: — “A senhora... sente que a alegria é importante na vida religiosa (em tom de questionamento)”

DONA FLORA: — O que seria da fé sem a alegria... Jesus ri daqueles que fizeram mal a ele... um sujeito carrancudo não tem Deus no coração...

EU: — “Mas... a senhora me parece tão triste...”

DONA FLORA: — Triste (em tom de questionamento) E o que é tristeza... meu *fiô* (em tom de questionamento) você fala *cozinhos*... *mais* o que diz o teu coração (em tom de questionamento)

EU: (respondi com silêncio)

DONA FLORA: — O riso na cara engana... as *veiz* tem muito riso e muita tristeza... Minha cara cansou de rir... *mais* minha felicidade é grande...

EU: — “E o Padre João (em tom de questionamento) O que na poesia lhe fez lembrar dele (em tom de questionamento)”

DONA FLORA: — Da parte do *chêro*... da doce chuva... também... da coisa que diz da *campania agradáver*... (pequena pausa)

DONA FLORA: — Padre João era assim... era bom na igreja... dava pra *sentí* o perfume dele de longe... era doce... meio *chêro di* terra... tinha *chêro* cajá com buriti... as *palavra* eram fortes... *mais* eu e minha mãe *mais* minha tia Zéza sempre se *sentia* bem feliz... era *homi bão*... *di* Deus... só era ruim *pra* quem era ruim...

PÚBLICO GERAL: (conversas paralelas confusas com resmungos)

DONA FLORA: — Me deixe com meus pensamentos...

EU: — “Posso tirar uma foto sua (em tom de questionamento)”

DONA FLORA: — Não... não gosto de fotos... *tô* feia hoje...

CONVERSA COM SEU NONATO, TIÃO, SABIÁ E DONA NONATA:

EU: — “O que a lembrança de vocês traz sobre o padre João Lima... sobre a vida dele... sobre a morte (em tom de questionamento)”

SEU NONATO: — Me *alembro* bem daquele dia... era um dia muito bonito... setembro de 1947... 27 de setembro de 47...

SEU NONATO: — Me *alembro* como se fosse hoje... um dia bonito que ficou triste...

TIÃO: — Eu até me *azzuripiei* de *lembrá das história* que meu pai contava *mais* minha mãe sobre o padre João...

PÚBLICO GERAL: (conversas paralelas confusas com resmungos e risos)

SEU NONATO: — *Tarra* todo mundo esperando o padre aparecer na sua mula toda enfeitada... *mais* o que apareceu foi o corpo do padrinho... ali morreu o padre “*coroné*”...

SEU NONATO: — Padre João era um “*coroné*” de batina...

SABIÁ: — Foi herói e foi bandido... de pistola e terço...

SEU NONATO: — Era muito corajoso... *mais* também naqueles tempos quem não fosse corajoso nem vivia direito...

EU: — “Vocês conheceram o padre (em tom de questionamento)”

SABIÁ: — Eu não...

PÚBLICO GERAL: (conversas paralelas confusas com resmungos)

TIÃO: — Eu também não... só de falar...

SEU NONATO: — Ele era firme *nos sermão* e era debochado também... aquele ali gostava de uma provocação... tinha gente que não gostava... ficava brava... *mais*... o padre *impricava* *cos* que ficava nervoso...

EU: — “O que a lembrança da senhora traz sobre o padre João Lima... sobre a vida dele... sobre a morte (em tom de questionamento)”

DONA NONATA: — Eu era menina-moça ainda... me *alembro* bem daquele jeito que o padre me olhava... parece que *tava* me comendo com o olhar... chegava acariciando a gente... com jeito fácil de falar e um sorriso de *homi* mulherengo...

EU: — “A senhora mora aqui na cidade (em tom de questionamento)”

DONA NONATA: — Na fazenda em Nazaré com meu irmão... meus filhos... netos e bisnetos... esse bem daí (aponta com a cabeça para Seu Nonato) é meu irmão... sou professora do estado do Goiás aposentada...

DONA NONATA: — Papai dizia que padre tinha que ser respeitado... *mais* como o padre João era envolvido com o Seu Leda não era *pra* dar muita conversa...

DONA NONATA: — O padre era muito extravagante... era pistoleiro e sacerdote... alguns diziam que ele era de Deus... outros que era do diabo...

EU: — “O que a senhora acha sobre isso (em tom de questionamento)”

DONA NONATA: — Eu... (em tom de pergunta; pausa)

DONA NONATA: — Ele era Deus e o diabo na pele de *homi*... tinha palavras bonitas... mais riso solto... fácil que estremezia a mulherada...

DONA NONATA: — Muita gente queria matar ele... *mais*... o padre João era danado *de só*... quem ia matar... era morto... e o povo falava que o padre ria metendo bala...

BISNETA: — Que ridículo... (em tom debochado)

(Acenos de mãos em sinal de despedida)

CONVERSA COM DONA BEIÇA:

EU: — “Boa tarde... vamos conversar um pouco sobre a cidade (em tom de questionamento)”

DONA BEIÇA: — Bora...

EU: — “Estou pesquisando sobre os festejos... então se a senhora puder me falar alguma coisa sobre a história da cidade...”

DONA BEIÇA: — Pelo que eu sabe... vou te contar o que eu sei... aqui... no tempo da minha bisavó... era Pastos Bons... Maranhão... hoje é Tocantins... já foi Goiás... antes Maranhão... hoje é Tocantins...

DONA BEIÇA: — Naquela época era tudo de barro e palha de babaçu... o nome de início era Boa Vista do Tocantins... por causa do rio e tinha uma paisagem muito bonita... ainda é... mais antigamente era mais bonito parece...

EU: — “Interessante... continue...”

DONA BEIÇA: — O tempo fez Goiás *esquecê* da região e aí se separou no estado do Tocantins... antes... aqui... nesse lugar tinha muita política... muita guerra... muita briga... era terra de coronel... até os padres *eram coronel*...

PÚBLICO GERAL: (conversas paralelas confusas com resmungos e risos)

EU: — “A senhora não vai acompanhar junto com os outros (em tom de questionamento)”

DONA BEIÇA: — Hoje *tô* meia mole... *vô* *ficá* por aqui...

EU: — “Podemos continuar a conversa (em tom de questionamento)”

DONA BEIÇA: — Ah... sim... Aqui teve um padre... o padre João Lima... ele fez história aqui... Você já ouviu *falá* dele (em tom de questionamento)

EU: (confirmei acenando com a cabeça)

DONA BEIÇA: — Ele também era coronel... foi até prefeito daqui... ele que botou ordem nisso tudo... todo mundo conhecia o padre João da Boa Vista... e até hoje a cidade é conhecida por Boa Vista do padre João...

EU: — “A senhora é daqui (em tom de questionamento)”

DONA BEIÇA: — Não gosto de falar de onde vim... *dói pra* mim... tive uma vida muito *doída*... nasci pelas bandas do Piauí... mas vim ainda menina *pra cá*...

EU: — “Só para eu ter um controle dos meus dados... a senhora poderia me falar a sua idade (em tom de questionamento)”

DONA BEIÇA: (olhar desconfiado)

DONA BEIÇA: — Me busca um copo d'água (em tom de questionamento)

EU: — “Sim... só um momento que vou pegar na casa da frente...”

DONA BEIÇA: — “E o moça não vai na procissão (em tom de questionamento)”

EU: — “Sim... já estou indo pra lá... eles já estão subindo... a senhora vai ficar bem (em tom de questionamento)”

DONA BEIÇA: (faz sinal de positivo com a mão)

DONA BEIÇA: — Sete dúzias mais cinco ovos... *mais* não conta... (risos)

EU: (risos)

CONVERSAS RÁPIDAS COM JOVEM:

EU: — “O que você acha do festejo (em tom de questionamento)”

JOVEM: — Isso aqui é a minha vida... eu espero o ano todo... me preparo o ano todo *pra* isso...

JOVEM: — Apesar de tudo... de quem eu gosto ou do que eu gosto... jamais deixarei de ser católico... essa é a minha fé... e as coisas não se misturam...

EU: — “Entendo...”

JOVEM: — Sabe... sou gay e isso é muito complicado na igreja...

EU: — “Entendo... ainda há muito preconceito mesmo... obrigado...”

JOVEM: — De nada... querido...

CONVERSA COM SENHORA 1:

EU: — “A senhora se incomoda com a animação desse pessoal que vem pro festejo (em tom de questionamento)”

SENHORA 1: — Venho pra *agradecê*... pra *pedí* serenidade... se *tivé* festa eu venho... se não *tivé* também venho...

CONVERSA COM SENHORA 2:

EU: — “Estou realizando uma pesquisa... a senhora pode me responder o que acha sobre as brincadeiras das crianças aqui na igreja (em tom de questionamento) Se isso é faltar com respeito com a religião... qual a sua opinião sobre isso (em tom de questionamento)”

SENHORA 2: — Não *jóvi*... aqui *somu* de fé... ninguém *farta* com respeito com Cristo e *aném* com a Santa... só vi gente rezando e adorando o *senhô*...

CONVERSA COM SENHOR:

EU: — “Estou realizando uma pesquisa... o que o senhor acha sobre o consumo de bebidas nos festejos (em tom de questionamento)”

SENHOR: — Só vejo o povo em devoção... o que *tá* lá fora... *tá* lá fora...

CONVERSA COM SENHORA 3:

EU: — “Estou realizando uma pesquisa... qual o sentido do festejo na sua (em tom de questionamento)”

SENHORA 3: — Você não *venho pra rezá* (em tom de questionamento)

SENHORA 3: — Eu venho *pra rezá*... *pra* isso que serve a igreja...

CONVERSA COM PEDRO, MOÇA E RAPAÇ:

EU: — “Esses produtos... esses presentes são para o leilão (em tom de questionamento)”

PEDRO: — Eu já deixei a minha oferenda lá no pé da mesa (risos)

MOÇA: — Não é oferenda *é ofertas*...

PEDRO: — *Pra mim é oferenda...*

EU: — “Tem algum motivo especial para que seja soltado os foguetes no festejo (em tom de questionamento)”

RAPAZ: — *Pra avisá pros otro que Santana tá passando...*

PEDRO: — O povo esqueceu da Santa... mais a santa não esquece da gente...

AMBIENTE: (barulho de fogos)

PEDRO: — Eita *diacho*... (risos)

EU: — “E essa sua alegria... seu riso... muita gente se incomoda (em tom de questionamento)”

PEDRO: — Quem sabe de Deus (em tom de questionamento) se Ele nos deu o sorriso... é porque é uma benção...

PÚBLICO GERAL: (conversas paralelas confusas com resmungos)

PEDRO: — *As coisa de fé e as coisa do mundo é tudo de Deus... nada se separa... nem a fé se separa da alegria...*

CONVERSA COM DONA SIÁ E SEUS SINHÔ:

EU: — “As festas são sempre animadas e o que tudo aquilo significava para senhora (em tom de questionamento)”

DONA SIÁ: — São João é alegria...

DONA SIÁ: — Isso aqui é a minha vida... meu santinho é tudo *pra nós*... e assim vai sê até o fim *das nossa vida*...

PÚBLICO GERAL: (conversas paralelas confusas com resmungos e risos)

EU: — “Agora que o mastro está no lugar onde foram as pessoas (em tom de questionamento)”

SEU SINHÔ: — Foram *jantá* lá na casa e trás... *bora* lá (em tom de questionamento) *Tá* convidados... todos vocês...

EU: — “Será um prazer... vamos lá...”

SEU SINHÔ: — *Despois* vão tudo *pra casa se ajeitá*...

CONVERSA COM JOSÉ NONATO:

EU: — “Estou realizando uma pesquisa... me diga... o que você achou da encenação passada (em tom de questionamento)”

JOSÉ NONATO: — *Mininu...* tu viu aquilo... achei um horror... nossa... que horrível... fizemos muito melhor na escola...

EU: — “E como foi a sua apresentação (em tom de questionamento) Seu papel de José... conseguiu desenvolver bem (em tom de questionamento) Vi que sua mãe estava preocupada...”

JOSÉ NONATO: — Que José nada... fiz Maria... linda e maravilhosa... chorei horrores... eu precisava ser Maria... não é pra qualquer um... precisa ter muita fé... todo mundo chorou... olha fiquei arrepiado...

EU: — “Certo... que bom... foi um sucesso... então... obrigado...”

JOSÉ NONATO: (cumprimentou acenando a cabeça)

CONVERSA ENTRE O PADRE, O BEBUM, UM CONHECIDO E EU:

BEBUM: — Filma eu... neném... diz o bebum para mim... então... olho para ele e começamos a rir...

EU: (sorri)

BEBUM:— *Óia* lá aquela *zóiuda* sentada na frente... *qué vê* como ela vai *coçá* o nariz (em tom de questionamento) (risos)

EU: (concordei acenando a cabeça)

BEBUM:— Esse *tá* cheio de pecado (risos)

EU: — “Quem (em tom de questionamento)”

BEBUM: — Esse tosco aí... (apontava com o olhar para um senhor)

EU: olhei em sinal de espanto para ele...

CONHECIDO: — *Tá* de cachorrinho professor (em tom de questionamento) Esse é vira-lata (risos)

Eu: — “Não... esse é meu companheiro de estudos... quer se juntar a matilha (em tom de questionamento)”

BEBUM: — *Tamu* precisando de uma cachorrinha...

PADRE: — Não podemos incomodar os outros...

BEBUM: — Os incomodados que se retirem...

NÓS QUATRO: (Rimos)

PADRE: — Boa noite... pessoal... vão com Deus...

BEBUM: — Amém... neném...

NÓS QUATRO: (Rimos)

CONVERSA COM PADRE ISAAC:

EU: — “Padre... estou realizando uma pesquisa sobre os festejos... então... o senhor poderia me conceder algumas palavras sobre (em tom de questionamento)”

PADRE: — Sim... esta é uma das grandes vitórias da igreja... agregar os devotos em momento de eucaristia e celebração é muito importante...

EU: — “Padre... o que o senhor acha da alegria e do riso dentro destas celebrações (em tom de questionamento)”

PADRE: — A alma fala pelo corpo e o corpo fala pela fé... não há nada mais de Deus do que a alegria... a criança ri no colo da mãe desde pequena... e isso é uma dádiva divina... cristo riu dos seus carrascos...

EU: — “Padre... e sobre essa extravagância toda da ornamentação dos altares e da igreja em geral...”

PADRE: — É tudo uma questão de gosto...

PADRE: — A fé e a alegria não são como água e óleo; são como água do rio e água do mar... ambas têm gosto diferente... mas se misturam...

PADRE: — Tudo é uma questão de gosto... Tudo é uma questão de fé...

EU: — “Padre... o senhor se incomoda com o riso durante a celebração (em tom de questionamento)”

PADRE: — Tudo tem o seu momento... inclusive o riso... não podemos confrontar para não profanar o que é sagrado...

EU: — “Percebi que o senhor gosta muito de sorrir... de rir e leva as atitudes pela alegria...”

PADRE: — Aquele que se altera por causa do riso alheio está deixando aflorar algo do seu íntimo... quem está convicto da sua fé e da sua pessoa... como ela é... não se importa... pode até ficar confuso... mas o riso do outro não pode me machucar...

EU: — “E sobre as questões profanas que tendem a invadir o espaço religioso”

PADRE: — Eu não vejo... cristo tem uma resposta para tudo isso... cada coisa tem o seu lugar... por isso eu levo na alegria... por que Cristo é alegria...

(Agradeço e nos despedimos)

CONVERSA COM SEU MENINO E DONA MENINA

EU: — “O que a senhora carrega nos seus pensamentos neste momento (em tom de questionamento)”

DONA MENINA: — Deus no coração...

EU: — “Sobre o modo da senhora se vestir... me diga sobre isso (em tom de questionamento)”

DONA MENINA: — Me visto assim *pra agradá* o meu *Senhô* e o meu Santinho... Santo *Antinho*... (risos)

DONA MENINA: — Esse vestido bonito é pra *ficá* bonita aos *óio do Senhô*... mas também pra ficar bonita *pros outro*... (Sorriso largo)

EU: — “E esse lenço (em tom de questionamento)”

DONA MENINA: — O lenço é tradição... e *pra me escondê*... depois eu *vô aprontá*... (gargalhadas)

EU: — “A senhora se acha ridícula (em tom de questionamento)”

DONA MENINA: — Ridícula não... meu *fio*... sou *ispojada*... sou *jovi*... divertida... *brincaiona*...

EU: — “Que animação... hein (em tom de questionamento)”

DONA MENINA: — Eu sô uma *paiaça* mesmo... fio

EU: — “Como é a sua relação com a sua mulher (em tom de questionamento)”

SEU MENINO: — Parceiro de vida... de fé e da alegria...

EU: — “Vida de fé e alegria (em tom de questionamento)”

SEU MENINO: — O que seria do *homi* sem a sua fé e a sua alegria de vivê (em tom de questionamento)

EU: — “E sobre o seu jeito de se vestir... me diga como se sente...”

SEU MENINO: — Me visto desse jeito porque é bonito assim... gosto de *ficá* assim... gosto que *as pessoa oiam*... se *elas sorrí* então é porque *tá bõo* demais da conta... O sapato tem que ser “listrado” assim... *pra se oiá*... (sorriso; complementado com uma gargalhada)

EU: — “O senhor teria um pouquinho de palhaço dentro do senhor (em tom de questionamento)”

SEU MENINO: — O *bão* da vida é ser *paiaço*... fazer o povo *si diverti*...

SEU MENINO: — A gente *faiz* jeito... *faiz* novela *pra demonstrá* a nossa fé... *mais santinho* sabe que é tudo de coração...

DONA MENINA: (aplaude)

EU: — “A senhora mudou de roupa... foi (em tom de questionamento)”

DONA MENINA: — É coisa diferente... na missa tem que se fantasiá de moça séria... aqui na *pisadinha* a gente *bota ropa* mais elegante... (risos)

CONVERSA COM ABELÃO:

Eu: — “Te ajeita... abestado...”...

ABELÃO: — Oxa... diabo... e aí professor (em tom de questionamento)

ABELÃO: — Chega mais...

Eu: — “Gente... me desculpem o amigo... ele anda de TPM...” (sorriso)

ABELÃO: — Bicho zuêro esse professor... (risos)

ABELÃO: — Bora tomar uma (em tom de questionamento) *cê* paga; é rico... professor da federal... (Sorriso)

Eu: — “Te ajeita... abestado... desse jeito vão *dizê* que eu *tô* de treta cos políticos de Brasília...” (risos)

ABELÃO: — Que nada... aquele povo lá não presta... nós aqui é gente... aqueles lá é do diabo...

Eu: — “Pois vamos lá sentar pra trocar uma ideia... lá na mesa do Zé”

ABELÃO: — Bora lá... professor... desculpa aí... pessoal... alguma coisa...

PÚBLICO GERAL: (resmungos e risos)

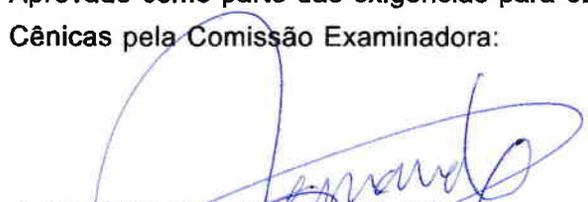
CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

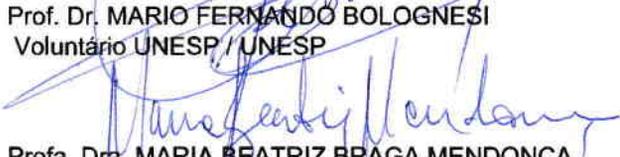
TÍTULO DA TESE: O RIDÍCULO ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: A Comicidade e o Riso nos Festejos Religiosos da Boa Vista do Padre João

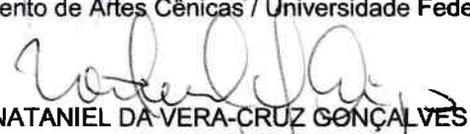
AUTOR: LEANDRO FERRAZ

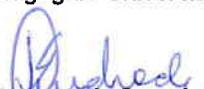
ORIENTADOR: MARIO FERNANDO BOLOGNESI

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em ARTES, área: Artes Cênicas pela Comissão Examinadora:


Prof. Dr. MARIO FERNANDO BOLOGNESI
Voluntário UNESP / UNESP


Profa. Dra. MARIA BEATRIZ BRAGA MENDONÇA
Departamento de Artes Cênicas / Universidade Federal de Minas Gerais


Prof. Dr. NATANIEL DA VERA-CRUZ GONÇALVES ARAÚJO
Colegiado de Pedagogia / Universidade Federal do Tocantins


Profa. Dra. KARYLLEILA DOS SANTOS ANDRADE KLINGER
Programa de Pós-Graduação em Letras PPGL / UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS


Prof. Dr. ANTONIO TEIXEIRA DE MACEDO NETO
Diretor Cultural / Abaçai Cultura e Arte

São Paulo, 04 de fevereiro de 2019